

UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

WALDIRENE APARECIDA ROSA

**PERSPECTIVA COMPARATIVA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-
EDUCACIONAL DE COMENIUS E DE ROUSSEAU PARA A
EDUCAÇÃO.**

Uberaba, MG
2016

WALDIRENE APARECIDA ROSA

**PERSPECTIVA COMPARATIVA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-
EDUCACIONAL DE COMENIUS E DE ROUSSEAU PARA A
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientador: Prof^o. Dr. Gustavo Araújo Batista

**Uberaba, MG
2016**

WALDIRENE APARECIDA ROSA

PERSPECTIVA COMPARATIVA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-EDUCACIONAL DE
COMENIUS E DE ROUSSEAU PARA A EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Educação da Universidade de Uberaba, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Educação.

Área de Concentração: Educação

Aprovada em de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Gustavo Araújo Batista
Universidade de Uberaba – UNIUBE
Presidente da banca – Orientador

Prof. Dr. José Carlos Sousa Araújo
Universidade de Uberaba – UNIUBE
Membro titular

Prof. Dr. Geraldo Gonçalves de Lima
Instituto Federal de Educação Tecnológica do
Triângulo Mineiro – IFTM
Membro titular

***DEDICO** este trabalho como forma de agradecimento às minhas filhas
Isabela e Layra, pelo estímulo, carinho e acima de tudo compreensão.*

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor meu Deus, Pai misericordioso e sustendo da minha vida; sem cuja proteção, direção, inspiração e amor; jamais teria conseguido vencer as tribulações instauradas ao longo do meu caminhar acadêmico e chegar à conclusão dos meus estudos, recebendo o título de Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba-UNIUBE, a qual muito me orgulha ter feito parte do corpo discente dessa conceituada Instituição de Ensino. *“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!”* Salmos 103:2.

Ao meu pai João Rosa, meu alicerce; o qual sempre me incentivou a seguir pelo caminho da educação, sempre me apoiando e fortalecendo. Agradeço pelo amor incondicional.

Às minhas filhas Isabela e Layra, que foram companheiras nessa longa caminhada acadêmica, me apoiando, incentivando; lutando juntas e, sendo ao mesmo tempo, meu motivo especial para não desistir nunca.

Ao meu orientador professor Dr. Gustavo Araújo Batista, pessoa que admiro muito; por sua competência, sabedoria e dedicação para com os assuntos educacionais; sou grata pelo apoio, incentivo, amizade e compreensão. Deus lhe pague por tudo.

Ao corpo docente do Programa de Mestrado - UNIUBE; pela dedicação a profissão que escolheram; é certo que desse conjunto saíram as minhas melhores aulas. Obrigada pelo carinho, apoio e compreensão para com seus alunos.

Ao meu amigo professor Msc. Éder Teixeira Piau, pessoa que me incentivou a iniciar esses estudos.

Não se faz um mercúrio com qualquer madeira, dizem alguns; eu respondo que de qualquer homem se faz um homem, desde que não haja corrupção.

(COMENIUS, 2006, p. 113)

RESUMO

Este trabalho faz parte da Linha de Pesquisa: Processos Educacionais e seus Fundamentos, do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado em Educação) da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Trata-se de uma síntese feita a partir de uma pesquisa bibliográfica, teórica, de filosofia comparada da educação, desenvolvida por dois tipos de pensamentos pedagógicos, ordenados pelos filósofos João Amos Comenius (1592-1670) e por Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778). Esta pesquisa partiu da problemática cujo eixo central foi constituído por uma indagação acerca de que, quais seriam as convergências e divergências do pensamento filosófico-educacional nos dois autores abordados. Nessa perspectiva faz-se uma leitura das propostas pedagógicas à luz teórico metodológica do materialismo histórico-dialético, na concepção de Goldmann (1979); buscando conhecer o cenário histórico-social no qual se encontram os filósofos estudados; com intenção de demonstrar sua interferência na organização do conjunto de seus ideários, nos aspectos políticos, filosóficos, intelectuais e pedagógicos. Visando confrontar suas ideias no que se refere à formação humana segundo os princípios educacionais necessários a essa ação. Tem por objetivo demonstrar a influência de seus pensamentos para a educação, estabelecendo as convergências entre os mesmos. Partindo das seguintes questões: Quais as conjunturas a que eles pertencem? Quais são as categorias de pensamento que articulam as suas filosofias? Quais as suas concepções de homem, de mundo, de sociedade e de educação? Para respondê-las, a metodologia adotada para o desenvolvimento desta investigação baseia-se em uma abordagem qualitativa, segundo Ludke e André (1986). Os pressupostos teóricos que embasaram as análises e demais ações deste estudo pautaram-se em autores como Batista (2008), Comenius (2002), Covello (1999), Gasparin (1994), Rousseau (1978, 2004), Simpson (2009) e Dalbosco (2008), dentre outros. Dividindo-se em três capítulos, nos dois primeiros descreve-se a contextualização histórica dos filósofos estudados, identificando os bastidores dos séculos XVII e XVIII que serviram de sustento para a composição dos ideários comenianos e rousseauianos. Nessa perspectiva de ação faz-se uma descrição acerca das biografias e das personalidades desses autores, incluindo também, análise de seus pensamentos educacionais e pedagógicos direcionados à formação do homem e no terceiro abordam-se algumas categorias pedagógicas desses pensamentos, como: natureza, homem, sociedade, escola e professor, identificando ainda as aproximações das ideias dos dois filósofos, incluindo suas visões de homem e de mundo na perspectiva de uma sociedade melhorada.

Palavras-chave: Educação. Comenius. Rousseau. Formação humana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I : JOÃO AMÓS COMENIUS: ASPECTOS CONJUNTURAIS DO SÉCULO XVII E A COMPOSIÇÃO DO IDEÁRIO COMENIANO.	11
1.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	11
1.2 ASPECTOS CONJUNTURAIS DOS SÉCULOS XVI E XVII NA MORÁVIA.	11
1.3. COMENIUS E SEU TEMPO: DA TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA À FORMAÇÃO DO IDEÁRIO DE UM GRANDE PENSADOR.	20
CAPÍTULO II: JEAN-JACQUES ROUSSEAU: ASPECTOS CONJUNTURAIS DO SÉCULO XVIII E A COMPOSIÇÃO DO IDEÁRIO ROUSSEAUNIANO.	35
2.1 - ROUSSEAU E SEU TEMPO: DA TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA E A FORMAÇÃO DO IDEÁRIO DE UM GRANDE PENSADOR.	35
CAPÍTULO III: ALGUMAS CATEGORIAS DOS PENSAMENTOS EDUCACIONAL DE JOÃO AMÓS COMENIUS E DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU: ESTUDO COMPARATIVO.	51
3.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	51
3.2 - CONCEPÇÕES NORTEADORAS DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO COMENIANO	51
3.2.1 - FORMAÇÃO DO HOMEM	52
3.2.2 – AS ESCOLAS COMO OFICINAS DA HUMANIDADE	53
3.2.3 - A DIDÁTICA COMO ARTE UNIVERSAL:	56
3.2.3 - PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS COMENIANOS	58
3.3 - CONCEPÇÕES NORTEADORAS DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO ROUSSEAUNIANO	62
3.3.1 - FORMAÇÃO DA CRIANÇA E A PEDAGOGIA LIBERAL ROUSSEAUNIANA	64
3.3.1.1 - A CRIANÇA NA INFÂNCIA	65
3.3.3.2 - A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO	68
3.4 - AS CATEGORIAS PEDAGÓGICAS COMENIANAS E ROUSSEUNIANAS	71

3.4.1 NATUREZA	71
3.4.2 VISÃO DE MUNDO E VISÃO DE HOMEM	72
3.4.3 - SOCIEDADE	76
3.2.4 PRECEPTOR.....	80
3.5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
3.6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

INTRODUÇÃO

É de nosso conhecimento que as grandes ideias nascem por meio de fortes argumentos que sustentam por anos propósitos, sonhos, projetos e por que não dizer novas perspectivas educacionais alicerçadas pelas antigas e sábias teorias dos chamados velhos e bons filósofos. São preposições que aos poucos, se organizadas, investigadas, estudadas e recolocadas no conjunto das teorias educacionais, podem se transformar em novas ideias que certamente subsidiariam ações direcionadas à formação humana; em específico, ao trabalho pedagógico.

O tema de nossa pesquisa nasceu sob forte influência das minhas vivências profissionais, as quais nos impulsionaram a adentrar nos subterrâneos da literatura educacional para melhor aproximar o real; vivido segundo as adversidades do contexto atual e, o ideal; adormecido ao longo da história sob o invólucro colocado pelo próprio homem, desprovido da luz do conhecimento.

Durante nosso trabalho como professora de ensino superior nos cursos de formação de professores foram várias observações e análises frente ao processo de desenvolvimento da prática educativa que nos impulsionaram aos estudos e, conseqüentemente, a produção de ideias acerca desse assunto. Nesse período de vinte anos de incessante atividade acadêmica, constatamos haver grande resistência, por parte dos acadêmicos, quanto ao uso de textos filosóficos que fazem parte da literatura clássica, imprescindíveis para o entendimento da história da educação; desprezando no decorrer de seu desenvolvimento, a contribuição de grandes filósofos que vieram somar com suas teorias, aos estudos sobre o homem no seu processo de formação; como os filósofos Comenius e Rousseau, dentre outros.

Essa resistência trazia com ela um suposto conjunto de fatores que somados a outros, pressupostamente, resumiam-se no total desconhecimento da íntima relação existente entre educação e os fundamentos teóricos; alicerce do processo da formação humana.

Esse comportamento nos instigou a buscar um entendimento mais detalhado das ideias desses teóricos da educação, não na tentativa de querer somente demonstrar a sua importância; isso a história já o fez, mas, de buscar um aprofundamento em nossa formação que viesse a nos possibilitar conhecer de forma mais significativa o sentido das suas ideias para o nosso tempo e, conseqüentemente, para um melhor desempenho em nossas atividades como profissional da educação. Além de que, dessas leituras e estudos, percebemos haver uma aproximação nas suas ideias filosófico-educacionais, contidas nas suas importantes obras pedagógicas; obras essas,

que não serviram apenas para responder questões relevantes de suas épocas, mas também, para os tempos atuais; relevância essa que esse trabalho se propõe a justificar, uma vez que foi ela que despertou o interesse pela pesquisa sobre os autores Comenius e Rousseau.

É de nosso conhecimento que a educação é produzida no âmbito da filosofia, como também das ciências em geral, com isso, tratar esse vínculo como um fator preponderante nos assuntos relacionados ao trabalho a ser desenvolvido visando à formação humana, é sem dúvida nenhuma, essencial e indispensável. Encontramos no pensamento dos grandes teóricos da educação valiosas contribuições para melhor apreender o sentido da educação na atualidade, portanto, se faz necessário averiguar com precisão e espírito investigativo os pressupostos filosóficos educacionais por eles deixados e que perpetuaram ao longo de toda nossa história educacional.

A educação é uma questão que vem sendo debatida desde a antiguidade até a atualidade, por filósofos, religiosos, pensadores e educadores, que apontam em seus estudos os seus significados para a formação moral, intelectual e física do ser humano.

São diálogos que sugerem produzir uma série de intervenções no campo da formação humana, colaborando para que nossa prática educacional seja organizada sob a luz desses pensamentos. É uma ação que vem sendo construída ao longo dos tempos por essas pessoas, segundo seus ideais, acrescidos em suas filosofias, que nos sugerem novos olhares frente a esse processo, contribuindo assim, com os fundamentos da educação.

Nos conceitos filosóficos educacionais dos clássicos da educação escritos pelos grandes pensadores, encontramos no conjunto de suas construções teóricas, elementos que nos subsidiariam a um melhor entendimento do homem, do mundo e da sociedade. Pensadores como Comenius e Rousseau, considerados revolucionários para seu tempo e reconhecidos como filósofos inovadores; compõem esse cenário de teorias que ficaram eternizadas no campo educacional, tornando-se parte integrante da história da educação.

O filósofo João Amós Comenius (1592-1670) considerado o maior educador do século XVII, foi reconhecido como o pai da didática ao propor uma reforma da escola e do ensino, lançando as bases de uma nova pedagogia que prioriza a arte de ensinar, por ele denominada didática. Todo seu empenho foi em razão da organização da escola moderna em consonância com o seu tempo.

Encontramos nele um autor clássico da história da educação e da didática, um importante representante da pedagogia da ciência e dos métodos. Ele não era apenas um teorista, mas aliava o conhecimento teórico dos problemas educacionais à sua experiência prática da sala de aula. Suas ideias vinculavam-se a uma educação oferecida a todos, sem restrições

políticas, econômicas e religiosas, criando com isso, uma ruptura com o modelo de escola existente em sua época.

Trata-se de um filósofo muito importante para a contemporaneidade, conforme asseverou Luzuriaga (1984, p.139):

Comenius foi o fundador da didática e, em parte, da pedagogia moderna. Mas foi, ainda, um pensador, um místico, um reformador social, personalidade extraordinária, em suma. Seu nome figura ao nível dos de Rousseau, Pestalozzi e Froebel, isto é, dos maiores da educação e da pedagogia.

Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), um dos mais influentes filósofos do século XVIII, foi considerado o precursor da psicologia do desenvolvimento ao dar atenção às diversas fases do desenvolvimento da criança e ao defender uma educação diferente para cada fase, propondo uma concepção de ensino baseada em um novo conceito de infância. Sua influência no campo educacional deve-se principalmente a seu livro *“Emilio, ou Da Educação”*. Nele descreve a educação de uma criança, segundo os ideais por ele defendidos.

Suas ideias revolucionaram tanto a sua época que “costuma-se dizer que Rousseau provocou uma revolução copernicana na pedagogia, centralizando os interesses pedagógicos no aluno, não mais no professor”. (ARRUDA, 1996, p.121) Foram inúmeras as contribuições para os fundamentos da educação. Em seus pressupostos afirma que toda educação deveria seguir o livre desenvolvimento da própria natureza do homem. Sua influência na educação ficou marcada pelas suas ideias que ficaram categorizadas em quatro abordagens consideradas a base de seus fundamentos; a educação natural, a educação como processo, a simplificação do processo educativo e a importância da criança.

Por fim, nossas intenções com esse estudo encontram-se entrelaçadas nas análises e reflexões acerca dos ideários desses importantes filósofos, ou seja, no estudo aprofundado das linhas básicas de seus pensamentos, destacando suas contribuições para a compreensão do sentido da educação, identificando assim, as razões pelas quais fizeram deles grandes representantes para suas épocas e conseqüentemente, para todo o tempo educacional, cultural e social.

Essa pesquisa tem como objeto principal de estudo as convergências e as divergências do pensamento pedagógico de Comenius e de Rousseau.

A questão que norteia esse estudo explicita-se na seguinte indagação: quais seriam as convergências e divergências do pensamento filosófico-educacional de João Amós Comenius e de Jean-Jacques Rousseau?

Partindo desse questionamento outras indagações são desencadeadas para melhor direcionamento da proposta de trabalho, ficando assim determinadas: quais as conjunturas a que eles pertencem? Quais são as categorias de pensamento que articulam as suas filosofias? Quais as concepções de homem, de mundo, de sociedade e de educação dos filósofos estudados? Quais seriam as aproximações do pensamento desses filósofos?

O objetivo geral da pesquisa é demonstrar e explicar através de um estudo comparativo a influência dos pensamentos de Comenius e de Rousseau para a educação, estabelecendo as convergências e as divergências entre os mesmos; a fim de oferecer contribuições para se pensar questões atuais acerca da problemática educativa.

Definimos como objetivos específicos: contextualizar historicamente os autores, analisando as circunstâncias que os levaram a pensar conforme seu tempo; identificar as categorias de pensamento que articulam as filosofias dos autores estudados; aclarar as ideias sobre a formação humana, buscando identificar e compreender as concepções de homem, de mundo, de sociedade e de educação dos filósofos em estudo; analisar criticamente as obras “*Didactica Magna*” de Comenius e “*Emílio ou Da Educação*” de Rousseau; identificar e analisar as aproximações dos pensamentos de Comenius e Rousseau.

Para alcançar os objetivos descritos temos como aportes teóricos as ideias de Covello (1998, 1999); Gasparin (1994, 1997); Luzuriaga (1972); Cambi (2000); Aranha (1996); Comenius (2002); Rousseau (1978, 2004); Batista (1986); Simpson (2007), Strathern (2004), Goldmann (1967); dentre outros.

A abordagem deste tema surgiu em decorrência às nossas observações e análise como docente do ensino superior, durante trabalho desenvolvido frente às disciplinas de História da Educação, Filosofia da Educação e Didática Geral nos cursos de formação de professores; mais especificamente em se tratando dos grandes teóricos da educação; conforme explicitado na introdução dessa dissertação.

Nesse cenário em que se encontravam alunos, professora e os grandes pensadores da história filosófica educacional, nasceu a ideia de aprofundar nossa formação, “seja no campo da produção do conhecimento, seja no campo da avaliação dos fundamentos do agir” (GASPARIN, 1997, p. 9); procurando melhor compreender a linha básica do pensamento desses filósofos, buscando aclarar as ideias edificadas por eles frente à questão educacional. Uma vez que grande parte dos alunos possui dificuldade na apropriação dessas ideias, resistindo com insistência o uso de textos que foram construídos sob a ótica de seus pensamentos.

Com a realização dessa ação investigativa o que se propõe é, além de elucidar a importância do trabalho desses pensadores, através de suas ideias educacionais, tendo como

perspectiva a noção segundo a qual eles pensaram e escreveram em um determinado contexto histórico e foram motivados por questões prementes de sua época, pretende-se também, clarificar os motivos pelos quais seus pensamentos se tornaram imprescindíveis para o entendimento do homem em seu processo de formação.

A escolha dos filósofos foi em razão da semelhança existente entre os mesmos quanto aos propósitos de estabelecer, através da educação, uma reorganização social no período histórico em que viveram. Por já conhecer suas filosofias no campo da educação, enxergava neles uma forte aproximação de ideias quanto as suas intenções de uma reforma social adquirida a partir de um processo de reorganização educacional. Mesmo não pertencendo ao mesmo tempo histórico, suas convicções de que é possível haver mudança na coletividade humana, na sociedade, através da educação do homem, nos chama atenção para o entendimento dos caminhos por eles designados para atingir seus objetivos. Tanto Comenius quanto Rousseau possui no conjunto de suas ideias uma proposta educativa articulada aos acontecimentos de suas épocas, que se traduzem em alternativas pedagógicas direcionadas à formação humana e, conseqüentemente, a uma reforma social. Mesmo vivendo em épocas diferentes, existe uma aproximação no conjunto de suas ideias que merecem ser analisadas e confrontadas.

Se tomarmos as ideias de Comenius e de Rousseau, veremos nelas um projeto educativo de formação humana. Comenius propõe um modelo de educação universal nutrida por fortes ideais filosóficos e político-religiosos. “Foi o primeiro a desenvolver posição declaradamente pedagógica, que afirma a universalidade da educação contra as restrições devidas a tradições e a interesses de grupos e de classes, e sua centralidade na vida do homem e da sociedade”. (Aranha, 1996, p.108). Enquanto que a grande questão de Rousseau é “educar o homem conforme os preceitos da lealdade ao estado natural e somente depois colocá-lo em sociedade”. (Rousseau, 1998).

Nesse sentido, desejamos desenvolver algumas reflexões sobre a relevância de seus estudos, pois, entendemos que as categorias de seus pensamentos necessitam ser mais evidenciadas e estudadas, uma vez que continuam sendo de extrema relevância para a formação de educadores em qualquer área do conhecimento e por se constituírem ainda, como objeto de estudo nos cursos de formação docente.

Esta análise pode ser muito útil para uma reflexão sobre a natureza da formação humana e sua influência no meio social. Os filósofos em questão deixaram um farto material para nossas reflexões e ações. A produção de conhecimentos acerca do tema poderá ser útil aos profissionais da educação, como também, aos estudantes em geral, uma vez que a mesma traz

elementos relevantes contidos nas linhas básicas de pensamento desses importantes filósofos, destacando-se suas contribuições para melhor compreensão do sentido da educação.

As respostas que deram a seu tempo não são perenes, por isso mesmo não representam a solução para os nossos problemas atuais, mas assinalam a forma específica de como se apropriaram das questões humanas vitais e de como encaminharam e traduziram essas preocupações no campo educacional, o que pode ser de grande valia para encaminhar as questões que nos inquietam atualmente.

(GASPARIN, 1994, p.13)

Assim, considerando as argumentações expostas até o presente momento nesta introdução; apresentamos a síntese do plano geral deste trabalho. O primeiro e o segundo capítulos estão destinados à apresentação das estruturas conjunturais históricas dos autores pesquisados; João Amos Comenius e de Jean Jacques Rousseau. Neles descrevemos sobre a sua contextualização histórica, analisando os séculos XVI e XVII (Comênio) e XVIII (Rousseau), em seus vários aspectos (política, economia, sociedade, pensamento e educação); fazendo seus trajetos de vida, descrevendo a influência que sofreram e os caminhos que percorreram para construção de seus ideários pedagógicos. Estão distribuídos da seguinte forma: para o primeiro capítulo ficou o estudo contextual e a biografia de Comenius assim como também, para o segundo capítulo, a contextualização histórica e biografia de Rousseau. No terceiro capítulo destacamos o pensamento pedagógico dos filósofos estudados como também, algumas categorias pedagógicas na visão comeniana e rousseuniana; sendo elas: natureza, homem, mundo, sociedade, educação e preceptor, extraídos respectivamente, das obras intituladas “*Didática Magna*”; “*Emílio, ou Da Educação*” e “*Contrato Social*”. Essas categorias são comparadas entre si, com o intuito de aclarar as convergências (assim como as divergências) entre os pensamentos propostos,

Essas categorias; ou seja, conceitos que atuam como elementos estruturais do pensamento dos autores estudados; são comparadas entre si, com intenção de identificar as aproximações existentes entre o pensamento dos mesmos.

Sobre as categorias as quais referimos, Batista (2010, p.19-20) explica:

Quanto ao uso que aqui se faz do termo “categoria”, tem-se a expressar que, neste estudo, tal termo designa, principalmente, todos e quaisquer conceitos explícitos ou implícitos dos pensamentos lockeano e rousseuniano, conceitos esses que, neles, atuam como elementos estruturais e operacionais, permitindo-se compreendê-los tanto em relação à sua forma quanto em relação ao seu conteúdo. As categorias são, segundo este estudo, representações

conceituais que buscam exprimir a inteligibilidade constituída a partir da leitura, da análise e da síntese dialéticas de dois autores em questão.

Nas considerações finais deste trabalho realiza-se uma análise geral das propostas pedagógicas comenianas e rousseaunianas, trazendo as implicações fundamentais de seus pensamentos, direcionados ao campo da formação humana, para que sirvam de sustento aos professores, aos alunos e demais profissionais da educação, nas discussões que envolvem a prática educativa. Apresenta-se também, fundamentos que visam demonstrar em que medida as leituras de Comenius e de Rousseau são importantes para se raciocinar sobre o sentido da educação; ou seja, o quanto elas são necessárias para se pensar e organizar uma pedagogia voltada para a formação integral do ser humano.

Ao buscar na metodologia amparo científico, filosófico, histórico e social para desvelar o que se encontra conhecido, mas, porém, apresenta-se indecifrável aos olhos do pesquisador; o incompreensível é descortinado e revelado conforme sua essência, surgindo através de novos caminhos, que certamente possibilitarão novas oportunidades para se obter um diálogo consciente com a realidade que se pretende conhecer.

São caminhos que cientificizados através da metodologia correta, fornecem subsídios para melhor conhecer o que se apresenta como desconhecido e que, nos assegura abertura de novas portas para adentrar no campo da investigação científica. Um desses caminhos é aquele que se faz com o propósito de compreender e apreender o objeto estudado, utilizando uma ação alicerçada nos fundamentos histórico, filosófico e social, que nos permite conhecer a realidade concreta no seu dinamismo e nas suas inter-relações. E para essa ação, faz-se necessária uma exigência metodológica para que os objetivos sejam atingidos conforme a veracidade dos acontecimentos.

Partindo desse pressuposto, o caminho escolhido para a fundamentação teórico metodológica dessa ação investigativa, ou seja, dessa pesquisa teórica, foi o materialismo histórico dialético na versão do filósofo marxista Lucien Goldmann (1913-1970), com uma abordagem qualitativa baseada nos estudos de Ludke e André (1986), buscando nestes, amparo para uma leitura contextualizada de Comenius e de Rousseau; na perspectiva de entender historicamente o pensamento pedagógico desses filósofos no campo educacional e, simultaneamente, reproduzi-los com intenção de torná-los úteis no âmbito das discussões pedagógicas.

A palavra materialismo está relacionada à matéria, tendência para tudo que é material. Designa um conjunto de doutrinas filosóficas que possibilitam uma melhor compreensão dos

aspectos essenciais da vida humana e do universo, através do estudo da realidade em consonância com a matéria e suas modificações adquiridas.

Os princípios argumentativos de Marx, ou seja, o marxismo está ligado a uma filosofia e a um método conhecido como materialismo dialético, concepção adotada pelo presente trabalho, que busca a compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas, observando a realidade como um todo; compreendendo e analisando as partes que compõem todo o cenário dessa realidade. É um método que se constitui na incessante busca para explicações coerentes e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento.

A dialética é conhecida como a arte do diálogo, o sentido etimológico dessa palavra encontra-se nas bases da literatura grega, a qual apresenta sua definição; do grego *diá*, advérbio e preposição que significa separação (dualidade), e *lektikós*, apto à palavra, capaz de falar, conveniente ao diálogo. A palavra comporta vários significados, mas o que se propõe nessa análise da literatura do termo dialético é a argumentação filosófica sob o viés da raiz da realidade social, buscando entender as forças que subsidiam o homem como sujeito em seu meio; ou seja, vamos posicionar o pensamento de Comenius e de Rousseau não apenas no âmbito das classes sociais às quais pertencem, “mas também no âmbito das classes sociais para as quais assume significado, bem como no âmbito do contexto histórico em que se encontram, pois, dessa maneira poder-se-á identificar mais clara e distintamente o que e quem eles defendem” (BATISTA, 2010, p.14).

Dessa forma, a dialética; a arte de bem argumentar, é tudo aquilo que está em movimento. É uma ação que opera na constituição e transformação da realidade, ao mesmo tempo em que a interpreta. É um pensamento que parte das bases filosóficas, que busca desenterrar argumentos precisos que justificam as indagações que o objeto estudado apresenta. Conforme afirma Goldmann (1979, p.20):

O pensamento dialético afirma, (...), que nunca há pontos de partida absolutamente certos, nem problemas definitivamente resolvidos; afirma que o pensamento nunca avança em linha reta, pois toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais. A marcha do conhecimento aparece assim como a perpétua oscilação entre as partes e o todo, que se devem esclarecer mutuamente.

Conforme sustenta o autor, o pensamento dialético baseia-se na observação da realidade social e na adequação a ela da visão dialética. É uma ação baseada a um só tempo do que se apresenta no real e o pensamento que se constrói durante essa ação.

Trata-se de um estudo que tem a priori ressaltar a força das ideias que provocaram mudanças nas bases econômica, social e política de uma época.

Seguindo esse direcionamento de estudos, no percurso de nossa pesquisa desenvolvemos leituras das obras dos autores em estudo; *“Didática Magna”* de Comenius e *“Emílio, ou Da Educação”* de Rousseau, procurando contextualizá-las, num movimento permanente, entre seu conteúdo, ou seja, suas ideias especificamente educacionais e as mediações que as aquiesceram.

Dessa forma, a ação metodológica foi construída segundo os propósitos básicos encontrados na conjuntura da história a qual, estão inseridos os objetos da pesquisa em questão; ou seja, o ideário comeniano e rousseauiano. Isso porque, é na história que se encontra as respostas advindas das inquietações surgidas ao longo dos estudos; pois, é através dela que defrontamos com o processo de transformação da natureza.

A história, como teoria, uma elaboração intelectual, deve ser compreendida a partir da análise das condições com as quais os homens se relacionam para produzir a existência, ou seja, a divisão social do trabalho. Nessa visão, o que vamos encontrar não são homens agindo isoladamente, mas classes que se defrontam em função de interesses divergentes. É do embate dessas forças contraditórias que a história se faz.

(ARANHA, 1996, p.19)

Ao olhar para a história com um olhar aguçado, persistente e questionador; caminhos são abertos para a compreensão de toda a totalidade do objeto pesquisado. É um estudo que tem na figura do homem o seu principal elemento norteador; frente ao seu tempo, conforme os acontecimentos que o circundam e que também, traz imbricado na sua própria condição de ser; suas marcas que foram incorporadas durante sua ação no meio em que vivia; seu comportamento e sua consciência; edificadas de acordo com a totalidade das partes do sistema social, no qual ele está inserido. Isso porque, o homem, é o próprio objeto da história, capaz de transformar-se conforme sua prática social, sendo também, “o principal objeto de qualquer pensamento filosófico, sua consciência e seu pensamento” (Goldmann, 1964, p. 7). Suas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrenta os problemas surgidos ao longo do dia. Trata-se de um processo ininterrupto entre o homem e seu meio social. Conforme assegura Aranha (1996, p.15). “Não compreendemos o homem fora de sua prática social, porque esta, por sua vez, se encontra mergulhada em um contexto histórico-social concreto”.

O que a autora evidencia é que o homem é parte integrante da natureza, ao mesmo tempo em que se constitui como um ser natural, ele diferencia-se dela própria; transformando-se de

acordo com o conjunto dos acontecimentos surgidos no meio em que vive. E que, para sobreviver, ele precisa relacionar-se com ela, porque é dela que provêm as condições necessárias para seu desenvolvimento ao longo da história.

O homem é apenas um elemento do conjunto que é o grupo social. Uma ideia, uma obra, só recebe sua verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento”. Além disso, acontece frequentemente que o comportamento que permite compreender a obra não é o do autor, mas o de um grupo social (ao qual o autor pode não pertencer) e sobretudo, quando se trata de obras importantes, o comportamento de uma classe social.

(GOLDMANN, 1967, p.8).

Conforme explicita o autor, é no conjunto da ação humana que se encontra a relação do sujeito com o objeto pesquisado. Foi nesse sentido da lógica da ação humana alicerçada no contexto histórico social, que caminhamos no decorrer de nossas argumentações frente às finalidades deste trabalho. Utilizando dos fundamentos teóricos metodológicos do materialismo dialético, sustentados pela abordagem qualitativa, adentramos no universo pedagógico rousseauiano e comeniano, na perspectiva de apreender suas ideias e reconstruir tantas outras para servir de alimento nas próximas discussões pedagógicas a que vierem acontecer.

CAPÍTULO I

JOÃO AMÓS COMENIUS: ASPECTOS CONJUNTURAIS DO SÉCULO XVII E A COMPOSIÇÃO DO IDEÁRIO COMENIANO.

1.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Segundo as assertivas de Goldmann (1967) de que o conhecimento é construído na perspectiva de interpretação da ação conjunta entre objeto pesquisado e seu contexto histórico e que, a compreensão do momento histórico e o conhecimento do lugar onde um pensador viveu são fundamentais para entend de Goler suas ideias; vamos encontrar primeiramente Comenius em seu tempo, para melhor compreender seu pensamento educacional, suas implicações propriamente filosófico educacionais; buscando aclarar ideias advindas das respostas que ele deu ao seu tempo por meio de seus escritos.

Considerado o maior educador do século XVII, Comenius teve sua formação construída sob diversos acontecimentos histórico sociais, sucedidos de dois importantes períodos da história. O estudo de seu trajeto de vida, visando a compreensão de seu pensamento é complexo, pois suas ideias foram construídas segundo as manifestações das duas épocas históricas, Idade Média e Idade Moderna, razão pela qual possui fragmentos políticos, filosóficos, sociais e educacionais tanto de uma como de outra. Sendo assim, para melhor compreender e apreender a sua relação com a educação é necessário lançar um olhar, buscando as conjunturas histórico-sociais e educacionais dessas épocas (séculos XVI e XVII), pois as mesmas se encontram entrelaçadas durante a sua trajetória de vida, período em que a Europa vivia intensamente a agitada passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Momento em que o novo é construído em decorrência dos acontecimentos da época anterior; ou seja, “é a transição, na qual o novo se constrói recorrendo com frequência ao antigo a fim de incorporá-lo e superá-lo, sendo difícil distinguir com clareza um do outro”. (GASPARIN, 1994, p.32)

1.2– ASPECTOS CONJUNTURAIS DOS SÉCULOS XVI E XVII NA MORÁVIA.

O século XVI ficou caracterizado como o século das fermentações religiosas, bem como das rebeliões, transformações e rupturas que invadiram o campo social, político, religioso, cultural e educacional. Encontramos nesse período um cenário marcado pelo domínio da Igreja Católica Apostólica Romana, a qual após a decadência do Império Romano, foi crescendo e se mantendo como instituição forte e disciplinada, e que trazia a religião como elemento agregador. Por muitos anos os assuntos de ordem econômica, política, social e cultural por ela era detido e determinado. A visão que os humanistas tinham da Idade Média retrata a imagem do homem vivendo mergulhado num mundo estritamente religioso, que organizava suas ideias, segundo os dogmas ditados pela Igreja, estabelecendo com ela um grau de dependência, levando a subordinação da mesma; conforme sustenta Cambi (1999, p.141).

A imagem tradicional da Idade Média, elaborada pelos humanistas e relançada pelos iluministas, afirmada depois como um topos, girava em torno do princípio dos “séculos obscuros”, caracterizados por uma profunda regressão da civilização e pelo retorno a condições de vida de tipo arcaico: uma economia de subsistência, uma sociedade regulada pela dependência e pela fidelidade a formas de quase escravidão, uma técnica bloqueada, uma elaboração cultural repetitiva e reduzida, um tipo de relações internacionais rarefeitas e inseguras, porém marcadas também por migrações de povos, por conflitos de etnias, por explosões de pauperismo.

Mas, segundo o próprio autor, a Idade Média foi também a época da gestação dos pré-requisitos do homem moderno (“formação da consciência individual, do empenho produtivo; da identidade supracional”; etc). Nela se criou um modelo de sociedade marcada pelo espírito comunitário, baseada no amor e não apenas na autoridade e no domínio; fazendo do homem um ser solidário, caracterizado pela virtude da humildade e do amor universal. Uma sociedade que foi aos poucos edificada sob os valores do Cristianismo.

Os bastidores da história nos mostra o ideário de Comênius sendo gestado na Europa Central, mais especificamente na Morávia, região que pertencia ao antigo reino da Boêmia e que pouco antes do término da Primeira Guerra Mundial, no ano de 1918, passou a ser uma das províncias da República Tcheca. Lugar que possuía ricas terras agrícolas e uma população composta em sua maioria por católicos.

Fazendo um rápido passeio pela Europa Central, buscando a compreensão dos aspectos gerais mais relevantes que marcaram essa época e os particulares que auxiliaram no desenvolvimento produtivo da Morávia; deparamos com um cenário composto por uma sociedade feudal essencialmente aristocrática; onde que a prática social do homem estava vinculada a relação que o mesmo estabelecia com a terra; desenvolvendo uma economia baseada na agricultura. Sociedade essa, marcada pelos conflitos religiosos, sejam aqueles iniciados na época anterior; século XVI, como as Guerras Hussitas e a Reforma Protestante, e/ou aqueles que tiveram seu nascimento nas bases da fermentação das ideias comenianas, século XVII; como a Guerra dos Trinta Anos.

Inúmeros acontecimentos revolucionários fizeram da Idade Média uma época de complexa transformação e de importância fundamental para o nascimento de um novo tempo; um novo homem. Comênius possui suas raízes ideológicas formadas a partir desse período histórico; foi nele também que aconteceu a participação ativa da congregação religiosa Unidade dos Irmãos Boêmios; UNITAS Fratrum – unidade dos irmãos; sua igreja, berço de sua formação; a qual fez dele um homem simples e determinado em suas ações, sustentadas por um forte sentimento religioso. Essa congregação que tinha como participantes líderes religiosos, políticos influentes

e também, alguns trabalhadores; teve sua origem na Boêmia, hoje também, República tcheca, no século XV. Os ensinamentos da Igreja apoiava-se num cristianismo que consistiam “na pureza cristã dos costumes, no fervor religioso e na fraternidade sincera” (GASPARIN, 1994, p. 23).

Foi nesse ambiente de intenso fervor religioso que Comenius recebeu seus primeiros ensinamentos, que serviram de sustento para formar sua “personalidade mística identificada com as crenças do povo moraviano”; conforme sustenta Covello (199, p.16).

Criado em ambiente de extrema religiosidade, Comenius desenvolveu bem cedo uma personalidade mística identificada com as crenças do povo morávio. Os salmos, os evangelhos e os cânticos religiosos de Huss embalaram a infância do pequeno Jan Amos e lhe inculcaram a convicção de que a única coisa necessária é buscar o reino de Deus, pois a vida terrena é apenas passagem para a eternidade (...).

Com isso logo se vê que mesmo sendo o século XVII a época de sua atuação, da fermentação das suas ideias, não podemos deixar de evidenciar que toda sua ação, seja ela filosófica e/ou educacional, foi secundada pelas características marcantes advindas da época anterior; ou seja do século XVI. Por isso que o momento em que se situa Comenius não é nem Idade Média nem Idade Moderna, ele se encontra em ambas; provando que “o próprio Moderno, encontra a sua mais verdadeira identidade se recolocado sobre o fundo da Idade Média [...]”. (Cambi, 2006, p. 153).

Já o século XVII, conhecido como século do método e da pedagogia realista como também, o século de Comênio; trouxe importantes transformações para a Europa, principalmente para Morávia e todo o reino da Boêmia, que tiveram pleno significado na organização do ideário comeniano.

Em se tratando dos aspectos gerais podemos dizer que é uma época marcada pelo fortalecimento da burguesia em consequência do desenvolvimento do capitalismo e a ativação do comércio; como também, ao surgimento das primeiras sementes do liberalismo. Período vivido frente às críticas ao excessivo controle estatal da economia e ao questionamento da legitimidade do poder real; evidenciando o nascimento de uma nova classe social; a burguesia. Enquanto abandonava as velhas estruturas, uma nova forma de entender racionalmente a vida era por ela construída, a qual valorizava o homem como indivíduo, acreditando em sua capacidade de transformar a realidade que o circundava. Os valores privilegiados eram outros, como também a maneira de construí-los. Aquele saber inquestionável ligado ao abuso da lógica com tendência ao verbalismo excessivo; advindos da Escolástica (filosofia cristã medieval),

sede lugar aos poucos para a ciência moderna. È moderna porque ela deixa de ser apenas “serva da teologia” e passa a servir essa nova classe burguesa, ligada a técnica para investigar a natureza e suas leis. “Em lugar de uma cultura de caráter religioso e sobrenatural, desenvolve-se uma cultura mais secular baseada em fatos concretos, úteis, pragmáticos” (Gasparin, 1994, p.33).

Politicamente é um século que teve o regime absolutista de governo predominando em todos os setores social, econômico, cultural e político. Período em que se formam as diversas Monarquias Nacionais; ou seja, constituem-se em um só território, os Estados com idioma, hábitos e tradições próprios e nele coloca-se um governo dominador que detém todos os poderes; o rei.

Várias questões políticas tiveram suas origens na formação das Monarquias Nacionais, como por exemplo, a Guerra de Trinta Anos, o maior conflito internacional dessa época e o cenário político da Boêmia e seus habitantes, como João Amós Comênius.

No que tange ao aspecto social geral desse século encontramos logo no início do mesmo uma sociedade estamental, ou seja, formada por grupos sociais definidos por relações de privilégio e de honra, por laços de sangue e por um estilo específico de vida; o que significa estamentos, que na sociedade moderna eram chamados de estados. Hierarquizada da seguinte forma; primeiro estado era o clero, o segundo a nobreza e o terceiro abrangia a maioria da população; burgueses, artesão, trabalhadores assalariados e camponeses. Esse tipo de sociedade não oferecia a possibilidade de mobilidade social; portanto, mesmo que um nobre não estivesse bem economicamente ele não perderia essa posição social. Da mesma forma acontecia com o camponês que nunca poderia chegar a ser nobre.

O quadro apresentado da sociedade moraviana traz a guerra religiosa e política como pano de fundo em um cenário marcado por um conjunto de acontecimentos que interferiram na estrutura da mesma (emigração das pessoas para outros continentes, devido às perseguições políticas e religiosas, deixando suas terras para posteriormente, ser ocupadas pelos senhores feudais; fazendo com que eles aumentassem ainda mais suas posses e ainda, utilizasse dos serviços dos poucos que ficaram; radicando assim, a servidão.). Basicamente pode-se dizer que a estrutura social da Morávia, na época comeniana, continuou por um bom tempo, baseando-se na relação senhores feudais e servos e que, somente depois; lentamente foi ganhando novos rumos com a constituição da nova classe burguesa.

Essa nova classe que aos poucos estava surgindo trazia com ela um homem mais confiante em si, em suas potencialidades individuais e sociais. Um homem com necessidade de um novo saber para enfrentar situações diversificadas trazidas com a expansão comercial.

O quadro que estamos desenhando é, em última instância, consequência da nova forma de trabalho que estava se pondo na sociedade. O início da produção em massa para as trocas possibilitou, exigiu e concretizou uma série de conquistas, invenções, viagens, descobertas e concepções jamais antes imaginadas, alargando os limites do mundo, a tal ponto que os acontecimentos da história somente podiam ser entendidos dentro de um quadro universal unitário.

(GASPARIN, 1994, p. 35)

Nesse conjunto de acontecimentos sociais onde o velho se mistura com o novo, encontramos a educação sofrendo também os reflexos dessa mudança social.

Em decorrência desses acontecimentos, como o nascimento da nova classe burguesa sob as penumbras feudais, o cenário pedagógico do século XVII apresenta duas situações que se contradizem entre si. Encontramos escolas que ainda ministram um ensino tradicional, rígido e conservador; do seguimento dos Jesuítas, como as existentes na Morávia e toda região, e, verificamos também, o nascimento de uma nova pedagogia, a realista; advinda do racionalismo e do renascimento científico, contrária à educação antiga, excessivamente formal e retórica.

Ser realista (do latim *res*, “coisa”) significa privilegiar a experiência, as coisas do mundo e dar atenção aos problemas da época. Assim foi a direção tomada por Comênio na organização de sua proposta educativa; pensar o homem de acordo com sua realidade e para isso, a escola precisava ser reformada. Ele apresenta a escola como uma das principais bases da sociedade; o verdadeiro fundamento para a formação humana; isso, sem perder o foco da inter-relação da Pedagogia e da teologia.

Por considerar que a educação deve partir da compreensão das coisas e não das palavras, a pedagogia moderna exigirá uma outra didática. No trabalho de instauração dessa escola se empenham educadores leigos e religiosos.

(ARANHA, 1996, p. 107)

A pedagogia realista, segundo Aranha (1996, p.107), “prefere o rigor das ciências da natureza e busca superar a tendência literária e estética, própria do humanismo renascentista”. Foi nesse período histórico, titulado como Idade Moderna; conhecido como o século do método; que a educação ganhou novos rumos, novas interpretações e novos caminhos para melhor ensinar e aprender; isso porque, a principal tendência no empenho de educadores e religiosos é a busca de métodos diferentes a fim de tornar a educação mais agradável e ao mesmo tempo eficaz para a vida.

Seguindo esses propósitos de renovação didática, a pedagogia moderna conhece outros teóricos da educação, que chegam para colaborar com essa nova fase conforme sustenta Batista (2010, p.32):

Além da pedagogia jesuítica, o Século XVII também assistiria ao despontar de outros teóricos e práticos da educação, além de se herdar autores que, embora nascidos e mortos nos Séculos XV e XVI, chegaram a influir nos Seiscentos, tais como: Erasmo de Roterdã (1466-1536), Michel Eyquem, senhor de Montaigne (1533-1592) e Jan Amos Comenius (1592-1670), (...).”

Além desses citados pelo autor outros pensadores deixaram sua contribuição para a educação nessa época, como Descartes e o filósofo John Locke que tem suas ideias aproximadas as de Comênio e de Rousseau.

Tratando-se do setor econômico desse século, em seu aspecto geral é marcado por diversas transformações advindas do processo de implantação do capitalismo, período em que acontece a ascensão da burguesia que incorpora novas tarefas, como também, novas formas de trabalho, findando aos poucos com a estrutura da economia feudal da era medievá, baseada na agricultura e que ainda persistia naqueles tempos; dando origem à economia mercantilista, “sistema que supõe o controle da economia pelo Estado e que resultou da aliança entre reis e burgueses”. (Arruda, 1996, p.104). Economia essa baseada na mercadoria, no dinheiro e na capitalização.

É uma época em que a Europa se “laiciza economicamente (com a retomada do comércio) e politicamente (com o nascimento dos Estados nacionais e sua política de controle sobre toda sociedade)” (Cambi, 2006, p.196). Essa laicização acontece também na organização das ideias, quando o homem redescobre o valor de seu pensamento, afirmando sua autonomia perante sua própria vida, conseguindo enxergar o mundo além do aspecto religioso.

Mas, anteriormente a esse tempo, pode-se dizer que em boa parte do século XVII o que se viu foi o prolongamento das guerras religiosas do século anterior; isso porque ainda persistiam os resquícios de um tempo marcado pelas diferenças entre católicos e protestantes. Tempo esse que trazia ainda o homem adormecido racionalmente, sob os efeitos da obediência cega aos dogmas religiosos, como também, pela ambição ao poder; fazendo com que ideias como a questão da tolerância religiosa fosse estranha a ele. Foi o que aconteceu na Boêmia; conflitos políticos se juntando as lutas religiosas, dando origem a uma das maiores guerras vivida pelo homem; a Guerra dos Trinta Anos, fato marcante na vida de Comenius, conforme explica Arruda (1988, p. 91):

No Império Germânico, por exemplo, os príncipes protestantes se organizaram numa Liga Evangélica, para se oporem à política do imperador. Essa atitude levou os príncipes católicos a se unirem, por sua vez, numa Liga Sagrada. Os dois grupos entraram em choque principalmente na Boêmia (atual Tchécoslováquia), domínio dos Habsburgo em que havia muitos protestantes. Em 1618 alguns nobres invadiram o castelo imperial de Praga (capital do país) e jogaram pela janela os oficiais representantes do imperador (episódio conhecido como A Defenestração de Praga). No ano seguinte, recusaram-se a aceitar o imperador eleito, Ferdinando II, e escolheram um príncipe protestante, Frederico V, para ser rei da Boêmia. Começou então a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).

Essa guerra que envolveu toda a Europa e conseqüentemente o povo moraviano, que viveu intensas perseguições dos príncipes católicos, foi o triste cenário do contexto histórico vivido por Comenius, a qual trouxe inúmeras influências nos aspectos político, social e econômico desse tempo. Guerra essa marcada pela ambição e o fanatismo do príncipe Austríaco, Fernando I, um católico fanático que desejava erradicar o protestantismo de seus Estados e cobiçava a conquista de territórios e, conseqüentemente, o poder político.

Entendendo melhor os bastidores desse importante e ao mesmo tempo triste acontecimento, veremos que anterior a reforma luterana, por motivos religiosos, o povo tcheco havia organizado sua própria Igreja com base na doutrina de Huss, que difundia o protestantismo, sustentando que as relações com a Igreja Católica e o poder imperial germânico não eram nada satisfatória. Essa ação foi possível pelo fato de haver nessa localidade um núcleo de protestantes, formado graças a imigração de alemães luteranos.

Durante um bom tempo o povo da Boêmia viveu sob os domínios dos Habsburgos, que tinham como imperador Rodolfo II (filho de Maximiliano II imperador do Sacro Império Romano, rei da Boêmia e da Hungria e de Maria de Habsburgo, filha do imperador Carlos V); o qual aplicava a política de tolerância religiosa aos tchecos não católicos. Esse imperador chegou a conceder carta de soberania (*“lettre de majesté”*) à Igreja da Boêmia e aos Irmãos Morávios, congregação a qual pertencia Comênio e toda sua família, no dia nove de julho de 1609. Essa carta concedia aos boêmios, liberdade de consciência e de culto, com certas restrições.

Mas, essa situação mudou com o falecimento de Rodolfo II e a ascensão de seu irmão Matias ao trono, que tinha como meta consolidar seu poder também na Boêmia. Para atingir seus propósitos ambiciosos, em 1617, coloca no reinado daquele lugar um rei católico, com objetivos e ações diferentes de seu antecessor; o qual decreta a extinção da Igreja Hussita, mandando fechar templos e escolas protestantes, colocando fim a política de tolerância religiosa, fazendo com isso, aumentar a oposição entre católicos e protestantes.

A ação de Fernando II frente aos não católicos é cruel e devastadora que, agindo como um verdadeiro déspota e utilizando de seu autoritarismo busca a qualquer custo a conversão de seus súditos ao catolicismo, sob pena de expulsão e confisco de bens. Um fato marcante, talvez o estopim dessa guerra, foi quando alguns protestantes descontentes com os acontecimentos invadiram uma reunião de católicos (administradores) ocorrida na cidade de Praga, aos vinte e três dias de maio de 1618 e lançaram pela janela do palácio dois conselheiros e seu secretário; episódio que ficou conhecido na história como a Defenestração de Praga (o termo defenestração provém da palavra latina fenestra que significa janela). “Era um antigo costume do povo boêmio punir os maus administradores atirando-os janela afora”. (BARÇA, 1993 7734); com esse episódio a discórdia entre católicos e protestantes se fortalece e sustenta uma guerra que durariam anos.

Descontentes com o Rei Fernando II o povo boêmio elege seu próprio Rei, Frederico V; líder da resistência protestante e chefe da União Evangélica; que mesmo com tanta turbulência, aceitou o convite ao trono como se fosse um chamado divino. Comênius esteve presente em sua cerimônia de coroação na Catedral de Praga; o mesmo acreditava no fim do sofrimento e das trevas.

Mas em 1620, a situação muda com a escolha de Fernando II para imperador do Sacro Império Romano, ganhando ainda mais poder, e, o inesperado acontece. O exército da Santa Liga (organização católica), derrota os tchecos, incluindo o Rei Frederico V na batalha da Montanha Branca e impõe novamente o catolicismo como religião do estado. Essa ação custou aos boêmios sua independência e sua pátria, que ficou totalmente destruída após ser incendiada e saqueada deixando rastros de miséria e inúmeras doenças. O cenário cultural, político e social era totalmente devastador.

A cultura checa foi suprimida e o idioma alemão foi declarado língua oficial da terra de Comenius. Aristocratas e intelectuais foram banidos do país e seus bens confiscados. Muitos foram condenados à morte. Execuções em massa e atos de barbárie compuseram o cenário da guerra. A Igreja da Boêmia e os Irmãos Morávios foram os mais visados pelos exércitos vencedores. Aqueles que não aceitaram o catolicismo viram-se obrigados a deixar a pátria. Trinta e seis mil famílias saíram da Boêmia e da Morávia, fiéis às suas convicções. A população checa diminuiu oitenta por cento.

(COVELLO, 1999, p.40)

Essa guerra que começou na Boêmia e estendeu-se por toda a Europa só termina no ano de 1648, quando os delegados protestantes e católicos assinaram o tratado da Paz de Vestefália, que teve suas negociações iniciadas em uma conferência de paz no ano de 1644,

durante reunião com representantes de cada religião em duas cidades de Vestefália.

Em termos gerais essa Guerra teve um significado preponderante no desenvolvimento social, econômico e político da Boêmia, o que se pode observar a partir da segunda metade do século XVII, período em que o desenvolvimento desse país segue diferente dos demais países da Europa Ocidental. Nessa região em decorrência das consequências dessa Guerra a passagem do feudalismo para o capitalismo não aconteceu ao mesmo tempo dos demais países da Europa, esse desenvolvimento veio mais tarde. Enquanto isso não acontecia, a Boêmia vivia mergulhada mais nos elementos do velho; século anterior, do que do novo. Conforme Gasparin (1994, p. 39) detalha em sua explicação:

Enquanto na Europa Ocidental a classe senhorial, na primeira metade do século XVI, aumentava seus domínios as expensas das pequenas propriedades camponesas, intensificando ao mesmo tempo o trabalho assalariado, na Boêmia, a partir de meados do século XVII, os senhores também aumentavam suas posses, mas de outra forma: ocupando a terra que, por causa da Guerra dos Trinta Anos, havia deixado de ser trabalhada. Outro efeito dessa guerra foi a redução da oferta de trabalho, o que encareceu grandemente esse fator da produção. Por causa disso, os senhores, em vez de contratar trabalho assalariado para cultivar suas terras, optaram por sobrecarregar os seus servos. Dai que, enquanto na Europa Ocidental o aumento das extensões senhoriais exigia trabalho assalariado, na Boêmia, por causa da crônica falta de força de trabalho, a ampliação das posses senhoriais consolidou a servidão. Assim, conforme Klíma, “as estruturas econômicas e de classes na Boêmia ao longo desse período continuaram baseando-se na relação econômica fundamental: senhores feudais e servos”. (Ibidem,p.232).

Nesse contexto de fome, peste, frio, medo e horror em toda Boêmia a história de Comênius é escrita. Mesmo vivendo em constante perseguição por toda a Europa, se tornando um peregrino em seu tempo, era ali, na Boêmia, o lugar do berço das suas ideias que conclamava por justiça, vendo seu povo sofrer pela ação impensada de homens que necessitavam de Cristo no coração.

1.3. COMENIUS E SEU TEMPO: DA TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA À FORMAÇÃO DO IDEÁRIO DE UM GRANDE PENSADOR.

João Amós Comênius nasce aos vinte e oito dias de março de mil quinhentos e noventa e dois, na cidade de Nivnitz, na Morávia, região histórica da Europa Central, formada atualmente pela parte oriental da República Tcheca e pertencente ao Reino da antiga Boêmia. Apesar de ser um homem de formação religiosa; sua família pertencia ao grupo religioso Unidade dos Irmãos Boêmios, que seguia uma moral austera e tinha a Bíblia como base e regra

da fé; ele valorizava o espírito científico de sua época. Suas ideias nascem dentro das velhas estruturas e perpetuam ao longo dos tempos. Procurou desenvolver um sistema educacional no qual o educando, de posse do saber científico, fosse levado ao aprimoramento de suas qualidades morais; objetivando com isso, tornar a aprendizagem eficaz e atraente mediante cuidadosa organização de tarefas.

Comenius ficou órfão aos 12 anos de idade e sua criação ficou a cargo de uma família eslava, praticante do protestantismo a qual integrava o grupo religioso Unidade dos Irmãos Boêmios, congregação religiosa que sempre teve muita força e importância social, cultural e política. Para a congregação a Bíblia era o guia de todas as ações frente à sociedade, reconhecida como base e regra de fé.

Trata-se de uma congregação rígida em seus princípios cristãos, que impunha aos seus adeptos uma vida dedicada a preces diárias e a leitura cotidiana da Bíblia, exercendo uma forte influência espiritual sobre outros grupos e movimentos protestantes. Distinguindo-se pela elevada quantidade de publicações, destacando com exaltação a tradução das sagradas Escrituras, editadas na língua vernácula. Eles tinham a educação como base para as reformas necessárias, para eles ela sempre foi o caminho mais eficaz para abertura de novos horizontes, novas perspectivas de ação em prol da doutrina religiosa; base de suas vidas.

Comenius recebeu uma educação descuidada e com pouca atenção aos propósitos de uma formação sadia. Os ensinamentos aprendidos nasceram em ambientes sombrios em que a rigidez e a aspereza são representadas nitidamente na figura que dominava todo processo educacional; o professor. Compunha neste “cenário educativo”, a criança sendo adultificada, a rispidez no trato e a palmatória como instrumento disciplinador e ordenador. Todo esse percurso educacional pelo qual perpassou Comenius, com certeza, serviu de inspiração para a construção dos princípios de uma didática que mais tarde, viria a ser considerada a base instrumental necessária para todo professor, mesmo sendo considerada revolucionária para seu tempo.

Os irmãos boêmios possuíam um grande número de escolas que buscavam manter, conforme a sua essência, a doutrina da congregação; pautada na pureza dos costumes, na concepção religiosa e na fraternidade sincera. Eles tinham escolas anteriores a Reforma Protestante e eram consideradas as melhores da Europa, possuíam em seu quadro de professores pessoas com excelente formação, sendo a maioria formada por mestres.

Conforme assevera Gasparin (1997, p.19):

As escolas dos irmãos buscavam manter a pureza doutrinária da congregação, ao mesmo tempo que se constituíam um campo pedagógico necessário para

enfrentar a educação ministrada pela Igreja Católica de modo geral e, pelos jesuítas, de maneira particular. Nelas tudo era ensinado em língua vernácula. Todavia, para fazer frente às escolas católicas, que ensinavam em latim, as dos Irmãos acabaram aceitando também os estudos latinos.

A escola que Comenius frequentou pertencia a essa congregação que primeiramente funcionavam clandestinamente por serem consideradas revolucionárias, obtendo regularização mais tarde. Nelas, aprendeu rudimentos de leitura, escrita, cálculo e catecismo, que serviram para impulsioná-lo a adentrar no universo do saber, como também, a traçar caminhos que o levariam a condição de referência no meio educacional.

Em 1611, Comenius, visando sua formação como pastor inicia seus estudos na Universidade Calvinista de Herborn, em Nassau, onde segue as lições de Ratke e de Alsted, e logo em seguida, na Alemanha, em 1613 frequenta a universidade de Heidelberg, dando sequência em seus estudos. Isso porque na sua escola de origem os estudos de nível superior eram raros.

Durante esse percurso de estudos Comenius sofre diversas influências em seus pensamentos, marcado pelo encontro de ideias com grandes pensadores, como João Alsted, teólogo calvinista e Ratke e os princípios por ele defendidos sobre as reformas de ensino.

Em 1614, Comenius inicia suas atividades como professor na escola de Prerov, maior centro da comunidade Moravia, lugar onde aconteceram seus primeiros estudos. Segundo os propósitos da Congregação dos Irmãos, ele busca conciliar a atividade docente com as tarefas religiosas, escrevendo livros sobre o ensino de latim e sobre questões religiosas.

Este momento torna-se um marco divisor da influência de Comenius no processo educacional, mais especificamente na organização do ensino, pois, seus pressupostos filosófico-educacionais são construídos tomando por base, também, suas experiências enquanto professor.

Exorto-vos: uma só vontade vos anime, que quem puder aconselhar, advertir, exortar, corrigir e estimular numa empresa tão útil e universal não se recuse a prestar esse serviço a Deus e aos pósteros, e que ninguém pense que ela não lhe diz respeito. Mesmo quem não acreditasse

Ter nascido para a escola ou achasse que não foi chamado a exercer funções eclesiásticas, políticas ou médicas, estaria cometendo grave erro se pensasse estar exonerado da missão comum de reformar as escolas. Se quiseres ser fiel à tua vocação, àquele que a concedeu e àqueles para os quais fostes enviado, deverás ter como preocupação constante não só servir a Deus, à Igreja e ao Estado pessoalmente, mas agir de tal modo que os outros, depois de ti, possam fazer o mesmo.

(COMENIUS, 2006, p.375)

Segundo o próprio autor o ato de ensinar é um ato divino, é uma doação, um gesto social

que visa a melhoria das comunidades educativas, como também a melhoria de toda família humana. É um ato de fidedignidade a Deus e a si mesmo, tornando-se exemplo para outros que venham fazer o mesmo. E isso foi o legado de Comenius para toda humanidade; ensinar para vida através dos olhos de Cristo.

No decorrer dessas atividades Comenius, não satisfeito com a organização educacional de seu tempo, inicia uma campanha de reforma em sua escola, aplicando métodos, segundo ele, mais eficientes para o ensino das ciências e das artes, despontando assim como um professor diferenciado.

Suas ações são marcadas pela inovação pedagógica nas atividades por ele desempenhadas em sua escola; adotando métodos mais eficientes para o ensino das ciências e das artes. Preocupando-se com a questão da distribuição do tempo escolar, entremeando o ensino com os diferentes procedimentos; como os jogos, a recreação, as conversas e a música. Comenius visava com isso, uma nova escola, mais fascinante e agradável para aqueles que dela viessem participar. É o que afirma Covello (1999, p.29):

Empenha-se em tornar agradável o ensino, pondo de lado o verbalismo e a memorização vazia. Recorre a pedagogia sensorial, à atividade constante e ao exercício lúdico. Desenvolve o raciocínio de seus alunos, não ensinando nada com base na autoridade. Exclui da sala de aula o que não tem efetiva aplicação. “Para que servem ninharias? Que interessa aprender coisas que nem trazem a quem as sabem, nem desvantagem a quem as ignora e que, com o andar da idade, acabarão por desaparecer ou por esquecer no meio das ocupações de todos os dias?”

Devido às suas qualidades de mestre, sua formação moral e sua extrema vocação, Comenius é ordenado sacerdote em 1616, sendo eleito pastor da Unidade dos Irmãos Boêmios, dedicando-se as atividades de ensino em Fulnek, chegando a ser nomeado reitor das escolas dos Irmãos. Neste mesmo ano ele se casa com Madalena Vizovsk, com quem tem dois filhos.

Mesmo estando ocupado com suas atividades educacionais e religiosas, Comenius não descuidava de sua atenção com os acontecimentos políticos que afetavam seu povo. Vivendo com grande intensidade os momentos conflitantes que marcavam o início de uma nova etapa em sua vida.

A Guerra dos Trinta Anos iniciada em 1618, traz com ela dolorosos acontecimentos que afetam os propósitos políticos e religiosos dos Irmãos Morávios, conseqüentemente, a trajetória de Comenius. Trata-se de um período difícil em que a política de tolerância religiosa cede lugar para o aumento da tumultuada oposição entre católicos e protestantes. Momento em que reis, segundo seus ideais, procuram definir o percurso de uma nação. Essa guerra causa pavor em

Comenius, trazendo para ele inúmeras tristezas seguidas de desencontros políticos, religiosos e educacionais.

Fernando de Estíria, Rei da Boêmia, elevado pelas forças católicas do Santo Império ao cargo de Imperador e, Frederico V, líder da resistência protestante, eleito como rei pelos protestantes e a nobreza boêmia, que não aceitavam o novo rei Fernando, compuseram o cenário de uma guerra político-religiosa, que trouxe inúmeras mudanças para a vida de Comenius, como a perda de seus bens, incluindo livros e manuscritos e se não bastasse, a perda de toda sua família, sua mulher e seus dois filhos, na epidemia de peste que brotou após a invasão dos exércitos espanhóis que, neste ato, incendiaram Fulnek, quase atingindo toda a população moraviana.

O rei Frederico V foi derrotado pelas forças imperiais católicas dia 8 de novembro de 1620, colocando fim nas esperanças religiosas e políticas da união e da nação Moravia, marcando decisivamente, conforme (GASPARIN, 1997, p.22) “a história europeia, da Boêmia e da vida de Comênio. O governo estava decidido a exterminar o protestantismo”.

A cada dia que se passava a população da Boêmia sofria com o novo regime implantado; as expulsões, os martírios e a devastação, marcavam a ruína de qualquer sonho político e religioso sustentados pelos Irmãos Morávios.

Diante deste cenário Comenius é obrigado a deixar seu país e a viver exilado pelo resto de seus dias. Mas, mesmo diante a todos esses acontecimentos, fazendo dele um fugitivo e um peregrino em sua própria terra natal, ele persiste com seu espírito batalhador em buscar a paz e a ordem universal que seu povo tanto necessitava. Com isso ele encontra na educação o seu instrumento peculiar e imprescindível para seguir seus propósitos de pacificação universal, produzindo uma série de escritos com predominância religiosa. Como foi a criação da enciclopédia universal, que se compunha de textos sobre a cultura tcheca, com intuito de fornecer ao povo morávio “instrumentos para reconhecer-se na sua própria história” (COVELLO, 1999, p.45).

Em 1623, Comenius escreve sua primeira obra, intitulada O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração, que se tornou um grande clássico da literatura tcheca. Uma obra que descreve o mundo real, com seus infinitos erros; vaidades, misérias, corrupções e dispersões, distante em sua conjuntura do ideal que se encontra no interior das pessoas, ou seja, no coração.

Nessa obra, Comenius, além de satirizar a sociedade com suas mazelas, apresenta, em estilo alegórico, o caminho da bem aventurança, tão avidamente procurada pelos homens nas coisas terrenas. Enquanto erram pelo mundo, muitas pessoas buscam a felicidade nas riquezas, outras em prazeres, outras

na glória e na boa fama, e outras no convívio social, coisas que pertencem ao exterior. Comenius mostra a ineficácia dessa postura e sugere uma experiência mística, um encontro com o divino mediante o recolhimento interior.

(COVELLO, 1999, p.43-44)

Comenius escreveu essa obra com intuito de amenizar o sofrimento daqueles que sobreviveram às turbulências da guerra e necessitavam de amparo emocional e de paz de espírito frente ao que a sociedade lhes apresentava; buscando um modo de viver diferenciado daquele que estavam acostumados.

Segundo os propósitos comenianos, o mundo deveria ser o lugar onde as pessoas se enxergassem como cristãos, filhos de um só Pai e responsáveis pela felicidade do outro. Lugar onde a harmonia prevalecesse sobre a discórdia entre as nações. É o que afirma Luzuriaga (1984, p.143), “Comenius não é apenas didata ou pedagogo, mas ainda pensador e reformador. Sua ideia era chegar à harmonia e fraternidade dos homens, à superação das diferenças políticas e religiosas”.

Em 1628, Comenius pôde entregar-se completamente a atividade educativa e pedagógica quando encontrou asilo na Polônia, sendo acolhido por um grupo de correligionários que o apoiou e colaborou para o fortalecimento de seus ideais; assumindo novamente as funções de pastor e reitor de uma escola de latim. Neste período ele retoma sua vida familiar, contraído matrimônio pela segunda vez com a filha de um influente bispo da Unidade dos Irmãos, Dorotéia Cirilo - Dorotea Cyrillova.

Comenius se estabelece em Leszno, procurando, então, reconstruir sua vida e sua família. Exerce o ofício pastoral e dedica-se ao ginásio dessa cidade, onde introduz o teatro como recurso didático. É encarregado de supervisionar a educação da colônia e desenvolve ampla atividade cultural.

(LOPES, 2013, p.85)

Neste período Comenius já estava convencido de que a educação seria o meio mais eficaz para a reorganização da nação tcheca, que estava esfacelada em meio a tantas perseguições e que se encontrava em exílio. Com isso, enxerga no papel desempenhado pelas mães e pelas avós a possibilidade da pedagogização em suas ações, quando escreve o Guia da Escola Materna, ressaltando a importância delas no processo pedagógico. Nele, Comenius explicita a relevância da educação infantil, que atende crianças menores de seis anos, como também, o grau de importância que o brinquedo possui frente à educação das mesmas. Necessário, para ele, tão quanto o sono e a nutrição.

Em meio a tantas perseguições por que passava, Comenius empreendia seu olhar frente

às possibilidades que enxergava nas entrelinhas dos acontecimentos que marcavam os seus dias, lançando um olhar observador e porque não dizer, questionador.

Nessa perspectiva de ação, ele desenvolve sua outra linha de pensamento, a pedagógica, que o consagra como o maior educador do século XVII. Foi quando em 1627, ele inicia a construção de sua maior obra pedagógica, “*Didáctica Tcheca*”, que mais tarde veio ganhar o nome de “*Didáctica Magna*”; propondo uma formação humana alicerçada pela harmonia entre as pessoas, fundamento básico de seus princípios.

A *Didáctica Tcheca* era uma obra que o autor havia preparado para a reconstrução de sua pátria, devastada pelas guerras. Nela propusera a instituição de escolas em toda parte onde se ensinasse a toda a juventude, até aos 24 anos, o necessário para os negócios domésticos, políticos e religiosos. Essa obra assinalava a superação da fase individualista e pessimista das obras consolatórias e iniciava o caminho para uma reforma que seria obtida por intermédio da educação, que derrotaria a irreligião e abriria a perspectiva de uma perfeita sabedoria.

(GASPARIN, 1994, p. 44)

Para Comenius, não mais havendo desacordo entre os homens, no qual resulta na violência social e política, a paz universal reinaria e o homem poderia ser guiado pelos desígnios divino; base de sua filosofia. Para que isso pudesse acontecer era necessário uma reforma da sociedade e da escola, tomando por base seu ideal de pacificação entre os homens e “à própria referência à liberdade das Igrejas em vista a constituição de um cristianismo universal” (Cambi, 1999, p. 286),

Idioma, escolas e métodos universais, era o sonho de Comênio explícito na sua pansofia; sabedoria universal. Sistema filosófico que não admite a exclusão de ninguém da educação, pois: “Todos aqueles, porém, que estão no mundo [...], devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes, que existem ou existirão” (Comenius, 2006, p. 95), sem distinção política, econômica, social, religiosa, etc.; todos devem ter a oportunidade de conhecer o todo.

Portanto, “Cumpre-nos agora demonstrar que nas escolas é preciso ensinar tudo a todos” (Comenius, 2006, p. 95), para que o homem não se sinta apenas como um espectador de seu mundo, um sujeito passivo em seu tempo e na sua própria história, mas, um ser capaz de operar mudanças, construir ideias e propor novos rumos frente às turbulências trazidas pelo inesperado.

Para ele faltava um projeto de estudos adequado e articulado aos seus ideais de reforma, com métodos de ensino que atraísse as crianças e os jovens para o aprendizado, tornando o

ensino mais eficaz e atraente, formando o homem virtuoso, sábio e conhecedor da palavra de Cristo. Assim, segundo seu ideal Comenius conduz a construção de sua Didática, publicada em tcheco entre 1627 e 1632; em meio a novas perseguições aos protestantes pelos católicos.

Esse livro, concluído em 1632, superava “a fase individualista e pessimista das obras consolatórias e iniciava o caminho para uma reforma que seria obtida por intermédio da educação, que derrotaria a irreligião e abriria a perspectiva de uma perfeita sabedoria”.

(GASPARIN, 1997, p.25)

Segundo o autor acima, a “*Didáctica Tcheca*” não foi publicada durante a vida de Comenius. O original manuscrito com as correções e anotações de Comenius foi encontrado em Lezno, Polônia, em 1841, por J. Purkyne. Foi levada para a Biblioteca do Museu Nacional de Praga, onde se encontra até hoje. A obra foi publicada pela primeira vez, em 1849.

Em 1636, Comenius traduz a obra para o latim, sob o título de “*Didática Magna*”, ou, A Grande Didática. Versão publicada em Amsterdã, somente no ano de 1657, para que todos pudessem aproveitar de seus ensinamentos. Acredita-se que essa demora na publicação se deva a um parecer negativo sobre a mesma, emitido por Joachim Hubner, quando na ocasião Comenius, antes de publicar a obra, solicitou a diversos amigos, incluindo Hubner que o analisassem.

Hubner, admirador da pansofia ou sabedoria universal, a qual Comenius visava atingir o seu ideal, foi criterioso em sua análise, emitindo um parecer vasto e extremamente minucioso, com fortes argumentos que evidenciavam sua rejeição à obra do amigo. O mesmo advertia que a obra não estava pronta para ser publicada e que, a mesma, não explicitava com clareza “de que modo alguém pode ensinar da melhor maneira possível algo a alguém”. Conforme está explícito em seu parecer.

Tivemos acesso aos poucos à tua didática, que eu estava decidido a usar como preâmbulo à pansofia, pois imaginava, tendo lido apenas alguns capítulos, uma obra totalmente diferente daquela que depois li. A partir de então lembro que passei a me opor ao projeto de sua publicação. [...]. De modo geral, os motivos são dois. O primeiro é que a obra, da forma como está, nem mesmo está pronta para ser publicada. O outro é que não chega a ser adequada para introduzir a pansofia. [...]. De fato, está tão distante de ensinar a arte de ensinar a todos que até o momento sequer me pareceu estar definido o que significa ensinar, e no que o ensino difere das outras ações que, sobretudo por meio da palavra, são exercidas em proveito do homem pelo homem. Muito menos foi mostrado de que modo alguém pode ensinar da melhor maneira possível algo a alguém. [...]. Mais uma vez, a questão diz respeito apenas aos preceptores. Só eles conhecerão o método de ensinar melhor e somente por eles serão tomadas as decisões sobre as escolas e, através destas, dos assuntos

humanos. [...]. A tua obra guarda um profundo silêncio a respeito de todas essas questões. Pois bem, admitido o erro do título, que poderia ser facilmente corrigido e substituído por um título mais modesto, ainda assim não estariam corrigidas as imperfeições e os defeitos inerentes ao próprio assunto. [...].

(COMENIUS, 2006, p. 5-6)

Hubner aponta em suas críticas as possíveis limitações do autor da grande Didática que, segundo ele, não atende a suntuosidade do título a ela conferido, como também, carrega uma contradição entre o que é proposto para a escola e o que ocorre na sociedade.

Apesar de Comenius publicar sua obra apenas vinte anos depois, ele nada muda em sua proposta inicial, ao contrário, responde com firmeza aos que a analisaram incluído Hubner. Seus dizeres são fortes e enfatiza um discurso em defesa de seus argumentos contidos em sua Didática. Eis parte de sua contestação:

[..] Respondo, primeiro, que aquelas coisas não foram escritas para os sábios, mas para despertar da letargia geral do sono profundo do povo: portanto, não podiam ser iniciadas sem o prelúdio da experiência. (...) De fato eu não havia iniciado a didática da arte do moleiro ou da pintura, ou da gramática ou da lógica ou de qualquer outra parte do saber, mas a Didáctica da Vida: e por isso chamei-a de Grande. Propondo-me a ensinar tudo, precisei mostrar o todo, não a parte, e a estrutura devia começar pelas mais profundas e imutáveis bases. Odeio, por isso, tudo o que é superficial como já disse em outra parte), parcial, construído sem fundamento: propondo-me sempre fins universais (...). Por isso não mudo nada.

(GASPARIN, 1994, p. 49)

O ideário pedagógico de Comenius baseia-se na conjunção de ideais religiosos e ideais realistas, as quais demonstram características de uma pedagogia que de certo modo segue a “corrente religiosas da Reforma e a empirista da Renascença”; seu maior objetivo é a aproximação do homem a Deus, tornando-o bom cristão, conhecedor das Sagradas Escrituras que é a base dos fundamentos de seu sistema filosófico e capazes de praticar ações virtuosas.

(...). Em verdade, os fins da vida e, portanto, da educação, para Comenius, são três: o saber, que compreende o conhecimento de todas as coisas, arte e línguas; a virtude, ou bons costumes, que inclui não só as boas maneiras como o domínio das paixões; e a piedade ou religião, isto é, a veneração interna pela qual a alma do homem se une ao Ser supremo.

(LUZURIAGA, 1984, p.139)

Trata-se de princípios nobres de um cidadão que conseguia mergulhar nos subterrâneos da realidade de uma sociedade que se mostrava adoecida, em decorrência da ação humana desvinculada dos ensinamentos de Cristo, os quais deveriam estar no centro do mundo e da

própria vida do homem. Era preciso procurar soluções através do processo educativo, pois, somente este poderia “curar a corrupção do gênero humano”.

Para Comenius, as Santas Escrituras seriam o meio mais eficaz para corrigir os desvios do homem. Assim, a educação deveria ser oferecida a todos, “ensinar tudo a todos”, era o seu propósito educacional, explícito em sua “*Didática Magna*”.

Comenius também escreve obras que abordam sobre a importância da reforma da escola no Reino da Boêmia, como também, sobre a organização dos morávios. Toda essa ação foi por ele acreditar que estava próximo do término do exílio, mas, como o falecimento de Frederico V do Palatinado, acabaram-se as esperanças de retornar a sua Pátria. Mesmo diante deste triste cenário, ele dá sequência aos seus ideais de universalização do saber. Para isso, visando facilitar a compreensão de seu ideário educacional, ou seja, suas propostas visando às reformas educacionais; Comenius resume a sua principal obra “*Didática*”, dando a este resumo o título de Breves Disposições para a Reorganização das escolas no reino da Boêmia; escrevendo ainda, mais seis obras dedicadas ao ensino primário e, conseqüentemente, a obra Escola do regaço, destinada a educação das crianças em seus primeiros anos de vida.

Com seus propósitos evidenciados em seus manuscritos; de reformar as escolas visando colocá-las em consonância com seu tempo, universalizando o ensino; Comenius ganha fama e prestígio por toda a Europa, sendo convidado por diversas vezes a ocupar cargos importantes no meio acadêmico, como por exemplo, o convite que recebeu para assumir a reitoria da universidade de Harvard; cargo que não assumiu por razões políticas.

Durante suas viagens, socializando suas ideias com reis, cardeais e renomados pensadores de seu tempo, Comenius tem um encontro significativo e porque não dizer, histórico, com o filósofo René Descartes.

Este encontro foi na Suécia em 1642, quando Comenius foi convidado por Luís De Geer, seu amigo e administrador das minas do Reino, para implantar seu projeto de sabedoria universal. Momento em que Descartes respondia às críticas às suas Meditações sobre a filosofia primeira. Durante quatro horas de conversação, os grandes sábios discutiram questões acerca da filosofia e da organização pansófica do saber. Covello (199, p.77) sugere que Descartes, “devia simpatizar com Comenius, pois entre eles havia muitos pontos em comum”. Conforme o mesmo assevera:

A começar, tanto um como outro se haviam decepcionado com as humanidades ensinadas nas escolas de seu tempo. “Alimentei-me das letras desde minha infância – dizia Descartes – e devido ao fato de me terem persuadido de que por meio delas podia-se admitir um conhecimento claro e

seguro sobre tudo o que é útil à vida, tinha extremo desejo de aprendê-las. Porém, assim que terminei todo esse curso de estudo, ao final do qual acostumava-se ser recebido na fileira dos doutos, mudei inteiramente de opinião, pois achava-me enleado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não haver obtido outro proveito, ao procurar instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais minha ignorância.

(COVELLO, 1999, p.77)

Outra similaridade entre os filósofos está nas questões advindas do realismo na pedagogia; neste caso, mais especificamente no que se refere ao uso do método como recurso indispensável para a aquisição do saber. Descartes acentua em sua obra intitulada *Regras para a Direção do espírito*, escrita em 1628, que o método é o meio mais seguro e certo para procurar a verdade das coisas; esclarecendo que o uso do mesmo proporciona direcionamento nas ações de forma ordenada e precisa, e que “os estudos feitos desordenadamente e as meditações confusas obscurecem a luz natural e cegam os espíritos” (COVELLO, 1999, 79). Comenius (2006, p.231) comunga destas ideias, conforme evidencia em seus escritos:

A ciência, ou o conhecimento das coisas, por nada mais ser que a observação interna dessas coisas, exige os mesmos requisitos da observação ou visão externa, quais sejam: olhos, objeto e luz. Tendo-se isso, segue-se a visão. O olho da observação interna é a mente, o engenho; o objeto são todas as coisas que estão fora ou dentro do intelecto; a luz é a devida atenção. Assim como na visão externa é necessário certo método para se ver a coisa como ela realmente é, também aqui é necessário um método seguro para que as coisas se apresentem ao engenho de tal modo que ele as apreenda e as conheça em profundidade com segurança e prontidão.

Em meio às decepções com “as humanidades ensinadas nas escolas”; com a valorização do método como recurso valoroso para a aquisição do saber e, a “aspiração a uma ciência universal que pudesse ser alcançada por todos”, as aproximações entre estes dois filósofos ficaram evidenciadas. Mas, não podemos deixar de enfatizar que entre os mesmos existiam as divergências de ideias. Principalmente do ponto de vista da utilidade da ciência na formação do homem segundo os seus tempos. É o que descreve Covello (1999, p. 80):

Enquanto Comenius encarava a ciência como meio de aproximação com Deus, Descartes preconizava a ciência para fins exclusivamente humanos, sem colorido religioso: “Concebi uma filosofia de maneira que pudesse ser recebida em todo lugar mesmos entre os turcos, sem ofender ninguém”, afirmava o filósofo do Cogito. Descartes queria uma ciência com base na razão e repudia a Bíblia como fonte de conhecimento científico. Para ele, a Bíblia era apenas fonte de salvação. Comenius, todavia, encontrava nas Sagradas Escrituras os fundamentos de seu sistema filosófico e em todas as suas obras, a Bíblia é mencionada como fonte de sabedoria.

Um dos princípios pedagógicos enunciados por Comenius em sua “*Didática Magna*” também se assemelha com a regra básica do método cartesiano de Descartes; a aprendizagem deve avançar gradativamente, aos poucos, partindo da compreensão dos assuntos mais simples e mais fáceis, para depois se atingirem o entendimento dos mais complexos; conforme determina Descartes quando estabelece as regras para a pesquisa da verdade, começar pelos objetos mais simples até o conhecimento dos mais complexos.

O que Descartes enunciava na sua filosofia é que o homem vivia em uma realidade ilusória, inventada segundo os propósitos de uma entidade religiosa, resistente às ideias de homem e da ciência; e que era necessário desvincular desta primeira visão que se apresentava como evidente. Desta forma, a ciência vinha ao encontro com a libertação do homem frente à realidade do mundo exterior; ou seja, com finalidade exclusivamente humana. Para ele as verdades científicas ocupam um campo do conhecimento totalmente diferente do campo das verdades reveladas que Comenius tanto prezava.

Comenius permanece na Suécia por seis anos escrevendo livros-texto para escolas latinas, relacionados aos princípios didáticos da sua obra magna, retornando à Leszno, Polônia, em 1648. Período em que fica viúvo novamente, casando-se pela terceira vez, logo em seguida, no ano de 1649.

Mesmo estando longe de seu povo, Comenius consegue aprofundar seus conhecimentos filosóficos escrevendo mais uma importante obra sobre o ensino de idiomas, “*Novíssimo Método de línguas*”, na qual apresenta uma argumentação que sustenta a questão da necessidade social que a língua possui; sugerindo um método que possibilita a aquisição e o domínio do todo e qualquer idioma.

Conforme assevera Covello (1999, p. 84):

A regra áurea da metodologia comeniana consiste em que toda língua deve ser aprendida mais com o uso do que por meio de regras gramaticais, donde a importância de constantes repetições e revisões da matéria lecionada. As regras, segundo seu entender, servem apenas para ajudar e firmar o uso. Os primeiros exercícios do idioma estrangeiro hão de ser feitos sobre matéria conhecida, de sorte que o professor tem de partir de frases que digam respeito à vida cotidiana do aluno e não de textos literários pouco familiares ao estudante, como até então costumava acontecer nas escolas. [...].

Retornando a Leszno Polônia, em 1648, Comenius fica viúvo novamente, casando-se pela terceira vez no ano seguinte com Johana Gajusová. Neste período viu seus propósitos de salvação de seu povo disseminar com o Tratado de Paz de Westfália; que colocou fim à Guerra

dos Trinta Anos, acabando com as perseguições dos católicos. Isto porque sua terra e seu povo ficaram esquecidos devido a razões políticas; momento este que o fez acreditar “no fim da Unidade dos Irmãos como Igreja organizada”.

O que podemos enxergar nesta passagem de sua vida não é somente o desconforto humano sinalizado pela tristeza que o abateu, mas, o sentimento de desesperança ao ver sua Boêmia, primeira a aclamar pela paz entre os homens, perder sua autonomia e os Irmãos Morávios, ficando esquecidos ao longo dos tempos.

Com o passar dos anos, em meio a desilusões políticas e polêmicas religiosas; a convite de príncipes para reformar escolas e aplicar o seu projeto pansafônico, como também, a revisão de algumas de suas principais obras e edição de outras novas; Comenius continua através de seus escritos, apontando caminhos e novas perspectivas frente à formação humana, visando a criação de um modelo universal de “homem virtuoso”, através dos princípios ético-religiosos sustentados pelos pressupostos pedagógicos educacionais.

Com setenta e oito anos de idade, aos quinze dias do mês de novembro de 1704, em Amsterdã, com uma saúde debilitada, fecham-se os olhos daquele que se tornou um peregrino da educação num mundo carente de amor, respeito e paz entre os homens. Seu corpo está sepultado na Igreja de Naarden, próximo a Amsterdã.

CAPÍTULO II

JEAN-JACQUES ROUSSEAU: ASPECTOS CONJUNTURAIS DO SÉCULO XVIII E A COMPOSIÇÃO DO IDEÁRIO ROUSSEAUNIANO.

2.1 - ROUSSEAU E SEU TEMPO: DA TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA E A FORMAÇÃO DO IDEÁRIO DE UM GRANDE PENSADOR.

Aos 28 dias do mês de junho do ano de 1712, nasce em Genebra na Suíça um dos homens mais famosos e influentes de sua época e que muito contribuiu para a formação do homem; Jean-Jacques Rousseau, considerado por muitos historiadores o pai da pedagogia contemporânea. Filho de calvinistas; sendo seu pai Isaac Rousseau, um relojoeiro muito conhecido na região e, sua mãe, Suzanne Bernard, filha de um pastor protestante da localidade onde morava e descendente de uma das famílias mais relevantes da cidade. Pessoa culta e detentora de uma biblioteca bem abastecida em variedades de gêneros literários, a qual, Rousseau tirou proveito para suas viagens intelectuais .

Moravam em uma casa moderna, em um bairro nobre da cidade e viviam a pureza da vida familiar. Uma semana após o nascimento de Rousseau, sua mãe falecia aos 39 anos de idade, deixando-o fraco e doentio para os cuidados do pai que sentiu muito a morte daquela que

amou desde a infância.

Com o falecimento de sua mãe que era descendente de família abastada e seu pai não possuindo as mesmas condições, as dificuldades financeiras apareceram e a situação social foi modificada. Pai e filho são forçados a deixar o conforto da casa moderna e buscar abrigo em uma residência mais modesta. Com isso, Rousseau teve seus primeiros ensinamentos num ambiente cercado pela simplicidade de pessoas que viviam do trabalho honesto.

Durante o tempo em que ficaram juntos, dez anos, Rousseau e seu pai viveram momentos de intensa instabilidade emocional, períodos propriamente camaleônicos que configuravam em meio a alegria e a tristeza, representadas pela possibilidade de Rousseau, aos olhos do pai, ser a extensão de sua mãe e, ao mesmo tempo, ser a pessoa que a tirou do convívio humano, uma vez que a mesma faleceu após seu nascimento. Apesar de tudo Rousseau teve uma infância feliz que serviu de base para sua formação.

O encontro de Rousseau com os livros aconteceu muito cedo, isso porque o aprendizado da leitura; por esforço próprio, realizado na infância, quando ele tinha apenas cinco anos de idade, tentando ler para seu pai enquanto o mesmo trabalhava. Foi nesse cenário de aprendizado que Rousseau aos poucos foi construindo sua personalidade. Em meio a romances franceses populares do século anterior, de autores como De Scudery e La Calprenède que tratam de assuntos direcionados a emoção humana, ele foi se familiarizando com os sentimentos. Acredita-se que “esta experiência fixou nele uma tendência natural para o sentimentalismo e mesmo à sensualidade”. (MONROE, 1984, p.255).

O gosto pela leitura continuou sendo despertado pelo pai quando o mesmo juntamente com Rousseau, em memória à Suzanne, liam juntos os livros deixados por ela, como também, os livros da biblioteca de seu avô, pai de sua mãe que, contribuíram profundamente para a organização de suas ideias. Dentre os vários autores clássicos da Grécia e Roma, usufruídos por ele desde os primeiros anos, encontra-se Plutarco¹, seu autor favorito.

Esse gosto pelo autor acompanhou Rousseau até sua velhice, com suas leituras prediletas, oferecendo-lhe sustento intelectual como complemento nas suas horas de descanso. Fazendo com que a cada dia absorvesse as ideias daquele que procurou ensinar as pessoas a viver através do exemplo dos grandes filósofos Greco-romanos, os quais, Plutarco soube bem descrevê-los e, Rousseau, apreendê-los, conforme o mesmo afirma. “Dos poucos livros que ainda leio de vez em quando, Plutarco é aquele que mais me atrai e beneficia. Foi a primeira leitura de minha infância, será a última de minha velhice; é quase que o único autor que nunca li sem ganhar algo”. (ROUSSEAU, 2009, p.29)

Ao longo dos primeiros dez anos de sua vida, entremeio a livros de vários autores, os

quais adquiriu facilidade para ler e expressar-se e, a atenção quase exclusiva da família, composta em sua maioria por mulheres; babá, tia e outras parentas, Rousseau é educado e sua personalidade aos poucos é construída sob fortes indícios de ambivalência em suas ações, conforme manifestações do próprio Rousseau; hora delicado e orgulhoso; hora muito corajoso.

“Sentado no colo da tia enquanto ela bordava, ele a ouvia entoar seu aparentemente infindável repertório de canções tradicionais. O menino ficava fascinado, adquirindo profundo interesse pela música e grande conhecimento desde muito cedo”. (STRATHERN, 2004, p.11).

1 - Plutarco de Queroneia (46-119/120 d.C.), historiador, filósofo platônico, biógrafo e prosador grego. Destacado moralista, o qual apresenta essa virtude em seus livros, conhecidos como “Obras Morais” (Moralia). Dentre elas destaca-se *Vidas paralelas* ou *Vida dos homens ilustres*, em que reúne valores gregos e romanos através da apresentação da biografia das grandes personalidades da Antiga Grécia, comparando-as com outras também com grau de importância da Antiguidade romana. Nesse trabalho Plutarco busca evidenciar o caráter moral dos grandes homens do passado, a fim de colocá-los como exemplos para aqueles que se encontram em processo de formação.

Esse cenário que foi criado em volta de Rousseau repentinamente é destruído, devido a uma ação impensada de seu pai, o qual em desentendimento com um soldado francês, desferindo-lhe golpes de espada, sentiu-se obrigado a fugir para uma cidade fora da jurisdição das cortes de Genebra para evitar sua prisão; abandonando sua profissão de relojoeiro, como também, o próprio filho. Ele se estabelece em Lyon (França), casa-se novamente e passa a viver da renda deixada por Suzanne, sua primeira esposa. Rousseau é deixado sob os cuidados de seu tio Gabriel Bernard, da parte de sua mãe; o qual o envia, juntamente com seu filho, para uma escola dirigida pelo pastor protestante Monsieur Lambercier.

Foi nessa escola localizada na zona rural, mais especificamente, em Bossey, num vilarejo próximo a Genebra, cercado pela natureza, o frescor dos campos, que Rousseau adquiriu inúmeras experiências que certamente foram imprescindíveis na definição do seu pensamento; como também, serviram para reforçar e aprofundar “as disposições que já havia adquirido em Genebra, especialmente seu senso de virtude marcial e amor pela justiça”. (SIMPSON, 2009, p.16).

Nesse período em que ali permaneceu Rousseau experienciou várias situações configuradas no âmbito sentimental que provocaram nele o fortalecimento dos sentimentos de violência e injustiça; quando o mesmo, sofreu com as constantes surras, castigos e humilhações por parte da irmã do pastor Lambercier; como também, com as agressões sofridas quando foi acusado injustamente, segundo o próprio Rousseau, de haver quebrado uma peça valiosa

decorativa em uma residência daquele lugar. Tudo isso, com o passar dos anos foi ganhando consistência no firmamento do pensamento de Rousseau, fazendo com que ele trouxesse para seu conjunto de ideias, as quais fizeram dele um homem diferenciado em seu tempo; um desejo por justiça na coletividade das ações do homem, distanciando-se dos interesses pessoais.

Nesse período de contato direto com a natureza, outros sentimentos foram despertados e fortemente solidificados no ideário rousseauiano, como a questão do convívio saudável que mantinha com seu primo Bernard que influenciou na formação do seu senso de relações humanas. Essa amizade construída pelos dois oportunizou-o apreender um “modelo de sinceridade e afeto mútuo” para utilizar posteriormente no relacionamento entre as pessoas.

Assim, podemos perceber que esses três anos em que Rousseau permaneceu no vilarejo, em contato direto com a natureza, usufruindo da mesma para seus aprendizados e também, em contato com pessoas que se tornaram significativas para sua formação, foram extremamente essenciais, como também, responsáveis pela sua orientação filosófica e educacional; pois, ofereceu-lhe fundamentos necessários e efetivos para a organização de seu pensamento; sua filosofia de vida.

Talvez o efeito mais importante da vida no campo, entretanto, não tenha tido nada a ver com seu primo ou com sua educação formal. Os arredores alpinos da região despertaram nele o amor pela natureza, que se transformou numa parte famosa e influente de seu caráter. Ele comentou mais tarde sobre esta época: “O campo também foi uma experiência tão refrescante que nunca era o bastante para mim. De fato, o gosto que desenvolvi por essa vida foi tão forte que permaneceu inextinguível, e a memória dos dias felizes e dos prazeres que passei lá me fizeram desejar, todos os dias da minha vida, uma existência no campo” (C23-24). Podemos ver em todas estas ocasiões o início da sua perspectiva filosófica singular.

(SIMPSON, 2009, p.17).

Após esse período de aprendizado em Bossey, em 1724, Rousseau já com treze anos de idade, juntamente com seu primo Bernard retornam à Genebra para a companhia de seu tio Gabriel, o qual separa-os, enviando seu filho para os melhores colégios, deixando Rousseau sem amparo financeiro para dar prosseguimento aos seus estudos. Diante dessa situação, nasce em Rousseau um sentimento de inferioridade social, o que o acompanhou por toda sua vida. Com isso, na busca de meios para seu próprio sustento, torna-se aprendiz de um calcógrafo e, novamente, em meio a crueldade daquele que esperava-se uma atitude acolhedora, Rousseau, tem contato com a violência física e moral. Seu mestre; pessoa de índole ruim, cruel e ignorante, transformou os dias e meses da sua adolescência em momentos extremamente tristes para ele, o qual conviveu com os vícios daquele lugar; desonestidade, violência, falsidade, dentre vários

outros.

Várias outras tentativas de aprendizado profissional foram oferecidas a Rousseau , mas o mesmo não se adaptou com os tipos de trabalhos oferecidos; não demonstrando assim, coação para as mesmas. Seu consolo estava nas leituras que fazia e nos passeios pelos campos buscando apreciar a natureza.

Em meio a todos esses infortúnios, Rousseau vai absorvendo informações retiradas de sua vivência e transformando-as em ensinamentos que, mais tarde, são acrescidos no conjunto de suas ideias filosóficas sociais e educacionais. Em 1728, aos quinze anos de idade, sem recursos financeiros e sem educação formal concluída, Rousseau deixa Genebra, na época uma cidade-estado calvinista independente e, encontra auxílio e proteção com um grupo de sacerdotes que viviam em Sabóia (território católico), o qual o envia para Anney (França) na esperança de conseguir convertê-lo ao catolicismo. Rousseau é acolhido por Françoise-Louise de Warens, uma jovem baronesa francesa, católica, de vinte e nove anos de idade que o converteu ao catolicismo, tornando sua protetora e amante; exercendo uma influência decisiva em toda a sua vida. Conforme afirma Strathern;

O jovem Rousseau de 16 anos e madame de Warens, de 30, descobriram uma afinidade imediata. Ela o converteria ao catolicismo, e ele se tornaria seu pupilo. (...) O aprendiz gauche e gaguejante que havia chegado à porta de madame de Warens, completamente desprovido de educação formal, foi gradualmente transformado num jovem apresentável. Mas aquele patinho feio nunca se tornaria propriamente um cisne __ sob a fina camada de verniz social, o temperamento volátil de Rousseau continuaria a ser a força que o guiava.
(STRATHERN, 2004, p.13-14)

A jovem missionária Sra. Warens envia Rousseau para Turim (Itália) para que o mesmo renuncie sua fé calvinista e converta-se ao catolicismo. Sua conversão aconteceu formalmente no dia vinte e um de abril de 1728. Essa atitude tomada por Rousseau foi mais no sentido prático, visando ajuda e proteção por parte dos religiosos, uma vez que, na fase adulta, “ele teve pouca consideração por qualquer tipo de religião organizada, católica ou protestante, e eventualmente ambos os grupos o perseguiram implacavelmente” (SIMPSON, 2009, p.19).

Durante o período em que permaneceu em Turim, Rousseau viu-se obrigado a procurar trabalho, uma vez que havia acabado os fundos que foram recolhidos pelos sacerdotes para assisti-lo no início de sua nova vida no catolicismo. Sem muitas habilidades e formação completa, aceitou vários tipos de empregos como por exemplo, como criado de libré; ou seja, um criado de casas nobres. Essa condição social pela qual passava, causava certo desconforto em Rousseau, atormentando-o por um bom tempo.

Mesmo diante dessa situação, consegue usá-la a seu favor quando vai trabalhar com a família do conde de Gouvon, tornando-se secretário pessoal de seu filho, Abade de Gouvon. Durante esse tempo de auxílio e acompanhamento ao jovem Gouvon, Rousseau consegue aprender italiano fluentemente, comprovando sua facilidade natural em adquirir novos conhecimentos. Mas, Rousseau continuava sentindo-se desconfortável e, mesmo agradando aos seus patrões com sua postura esforçada frente aos novos aprendizados adquiridos pelo seu próprio mérito; o qual um deles chegou até a apoiá-lo oferecendo-lhe condições de estudo da literatura latina e italiana; sua paixão, ele não suporta sua situação de servo, de laçao (acompanhante de amo) e, abandona tudo; o trabalho e seguidamente, Turim.

Em 1729 retorna à França, Annecy; sendo acolhido novamente pela Madame de Warens. Com ajuda de sua protetora, torna-se seminarista junto à ordem dos labaristas e, esforçando-se cada vez mais, aprende música com o diretor da ordem, Le Maistre, na esperança de conseguir trabalho como professor nessa área. Esse feito vem acontecer no ano de 1730, quando o mesmo torna-se professor de música em Neuchâtel (Principado Prussiano). Rousseau ainda consegue trabalho no serviço público, como supervisor no departamento da receita federal, visando seu próprio sustento; ficando no mesmo apenas oito meses.

Entre 1731 a 1734, já em Paris, Rousseau vive em meio as suas destemperanças nos empregos que arruma, mostrando-se frágil quanto às dificuldades temporárias advindas com os mesmos; trazendo com isso a incapacidade de permanecer neles. Sendo assim, recebe o convite de Madame de Warens para viver com ela em Charmettes, na mansão Noeray. Seria esse o período mais feliz de sua vida; conforme relata Simpson;

Esses anos, entre o emprego no departamento da receita federal em 1732 e a mudança para Paris em 1742, foram geralmente períodos de tranquilidade e satisfação, bem-vindos após tanta perambulação. Foi também um período de intensa autoeducação, durante o qual, com a ajuda de Madame de Warens, ele amadureceu sua inclinação como compositor musical e começou a cultivar seus talentos filosóficos e literários.

(SIMPSON, 2009, p.21)

Nesse período de cultivo aos talentos filosóficos e literários, mesmo sem a presença de professores para acompanhá-lo, Rousseau se coloca pronto para aproveitar ao máximo o ambiente que o cercava, adquirindo com essa atitude desprendida, alicerçada pelo desejo de conhecer o novo através de outros conhecimentos; uma grande melhoria em sua formação; fazendo com que o mesmo organizasse por conta própria, um programa de estudos para seu uso; qual se baseava numa coletânea de livros didáticos populares de sua época; passando a

estudar como um autodidata. Dentre suas leituras destacamos a obra de *Bayle, O Dicionário Histórico e Crítico*; as obras de Cícero; Descartes; Locke e Voltaire (1694-1778), o qual “cujos trabalhos impressionavam profundamente Rousseau” (SIMPON, 2009, p. 21).

Esse período em que viveu com Madame Warens, Rousseau se entrega a paz intelectual, vivendo um momento tranquilo e propício aos seus estudos. Esse cenário serviu de sustento para suas primeiras produções; entre elas a composição de músicas e poesias que traziam passagens dos livros que lia na época; mostrando um Rousseau cercado por sentimentos profundos e ao mesmo tempo, conhecedor de ideias de vários pensadores da ciência moderna e da filosofia; os quais, aprendeu por esforço próprio.

Em 1740 deixa a companhia da Sra. Warens e parte para Lyon, a convite de Jean Bonnot de Mably; Monsieur de Mably, para ser preceptor de seus filhos. Novamente Rousseau é inserido em um ambiente repleto de pessoas cultas e intelectuais, as quais seriam suas próximas leituras, que resultou na sua obra intitulada Projeto de Educação de M. de Sainte-Marie; “na qual se encontram os primeiros esforços empreendidos por Rousseau na tentativa de tratar de questões pedagógicas”. (Batista, 2010, p.69).

Esse período foi marcante na trajetória desse pensador, pois, conheceu e beneficiou-se de pessoas importantes que futuramente vieram influenciar o cenário político e social dos próximos anos. A exemplo citamos um dos irmãos mais jovens de seu empregador, Sr. De Mably, que se tornou seu grande amigo, Abbé de Condillac (1715-1780), que mais tarde foi reconhecido como um dos primeiros filósofos do século XVIII. É marcante também pelo fato desse período ter-lhe oferecido a oportunidade de usufruir da experiência de atuar como professor; mesmo não obtendo um bom resultado em sua prática, foi a partir dela que começou a formular as primeiras ideias sobre educação.

Já em 1742 retornando à Paris, sedento de disposição, esperança e confiança em seus talentos de escritor e de compositor, Rousseau procura por oportunidades de ascensão e reconhecimento de seus trabalhos artísticos e científicos. Um desses trabalhos foi a criação de um novo sistema de anotação musical que foi apresentado a Academia de Ciências, obtendo o respeito de pessoas importantes; entre elas Jean-Phillipe Rameau, compositor e teórico francês que apontou alguns problemas em seu projeto, fazendo com que o mesmo viesse a ser rejeitado pelos membros da academia. Mas, mesmo diante dessa rejeição à sua proposta, aquele momento serviu para que Rousseau reorganizasse suas ideias sobre a música e incorporasse tantas outras que ali se manifestavam; resultando de tudo isso na elaboração de uma dissertação sobre a música moderna, a qual foi publicada na forma de prosa no ano de 1743.

Os empreendimentos artísticos e científicos vão crescendo e fazendo de Rousseau um

homem reconhecido no meio social. Escreve uma comédia chamada Narciso, ou o amante de si mesmo; várias poesias e compõe uma ópera-balé de estilo francês, *Muses galantes* (Musas galantes). Nesse mesmo ano de 1743, recebe o convite de Conde de Montaigu, Embaixador da França em Veneza (Itália), para ser seu secretário. Convite este que Rousseau aceita prontamente, uma vez que a síndrome da questão financeira ainda permanecia em seu caminho.

Sem experiência para o importante cargo assumido, o qual marca seus primeiros contatos com a vida política; Rousseau sofre com os dias ali vividos, devido ao seu temperamento forte que constantemente contrastava com o temperamento hostil e dissimulado do Embaixador, que o menospreza a todo o momento; não comungando das ideias por ele defendidas. Esse destempero entre ambas as partes fez com que Rousseau não permanecesse no cargo e, conseqüentemente, nem em Veneza; viajando pela Itália e pela França até chegar novamente em Paris.

Esse período em que ficou em Veneza ajudou-o na reorganização de suas teorias musicais e, conseqüentemente, nas suas composições; podendo contrastar o estilo musical francês com o estilo musical italiano para suas considerações sobre o gênero. Veneza também despertou em Rousseau seu interesse pelas questões sociais e políticas, quando pode vivenciar as deficiências existentes na constituição daquela República, quando exercia o cargo político de assessor de Embaixador.

Em sua breve existência já havia morado na cidade-estado protestante de Genebra, no novo reino católico de Sardenha (que controlava Turim), no antigo reino católico da França e na decadente República de Veneza. Estes países deram a ele um suprimento material enorme que serviu para que começasse sua especulação política.

(SIMPSON, 2009, p.27)

Conforme citação acima, Rousseau em toda sua trajetória de vida pode experienciar vários cenários políticos, os quais lhes serviram como alimento para suas teorias sociais e políticas que posteriormente, tornaram-se o marco de seu pensamento filosófico social. Essa experiência rendeu-lhe bons frutos, como o seu tratado *O Contrato Social*, que ganhou destaque no cenário literário das teorias políticas sociais vinte anos mais tarde.

Ao retornar a Paris conhece Denis Diderot (1713-1784) e torna seu amigo particular, fazendo parte juntamente com ele do grupo de pensadores conhecido como *Le Philosophes* (Os Filósofos), que trabalhavam na organização da *Enciclopédia*, ou *Dicionário Racional das Ciências, das Artes e das Profissões*; composta por múltiplos volumes que traziam um conjunto de ideias racionais, científicas e culturais relacionadas ao iluminismo; a qual Diderot dirigia e

que, foi publicada em vinte oito volumes entre os anos de 1751 e 1772. Documento esse que não era visto com bons olhos pelas autoridades eclesiásticas e muito menos, pelas autoridades políticas de Versalhes. Isso porque trazia uma série de conceitos como, democracia, liberdade, república, ciência, razão, trabalho e, uma série de outros que, com o conjunto dos mesmos, permitiria ao homem confrontar radicalmente com as ideologias do Antigo Regime.

Nesse grupo de intelectuais, Rousseau destacou-se com a originalidade de suas ideias, chegando a impressionar seus colegas com suas opiniões, demonstrando um conhecimento aprofundado sobre diversos assuntos, em específico, sobre a música; o qual pode expressá-lo escrevendo sobre o assunto para a *Enciclopédia*; a pedido de seu amigo Diderot.

No ano de 1745, em Paris, Rousseau conhece Thérèse Le Vasseur (1722-1801), com a qual viveu os próximos dias de sua vida; nascendo desse relacionamento cinco filhos que provavelmente, conforme relata a história tradicional, foram todos abandonados em orfanatos. Esse impasse perante a veracidade dos fatos ocorridos ainda é uma questão em aberto na história de Rousseau; isso porque, alguns estudiosos alertaram para as questões de que o mesmo, em decorrência de seus problemas de saúde, não poderia ter filhos. Então, assim sendo, “existem algumas evidências de que a história seja incorreta e que talvez as crianças nunca tenham existido” (SIMPSON, 2009, p. 29). Mas, não podemos deixar de registrar que o próprio filósofo relata sobre o fato em seus escritos, na sua obra *Devaneios*; justificando sua postura, a qual o colocava perante a sociedade como um pai desnaturado que odiava às crianças. Conforme ele mesmo argumenta:

Entendo que a censura por ter colocado meus filhos no Enfants-Trouvés logo tenha degenerado, com um pouco de construção, na de ser um pai desnaturado e de odiar as crianças. No entanto, é certo que foi o receio de um destino mil vezes pior para eles e quase inevitável por qualquer outra via o que mais me determinou nessa atitude. Tivesse sido mais indiferente sobre o que se tornariam, e sem condições de criá-los por mim mesmo, seria necessário, em minha situação, deixar que fossem criados por sua mãe, que os teria mimado, e por sua família, que deles teria feito monstros.

(ROUSSEAU, 2009, p.118)

O que Rousseau pretendia com suas ideias nessa Nona Caminhada era justificar sua atitude, clariando os fatos de acordo com sua filosofia de vida, a qual trás explícito a concepção que o mesmo tinha da figura do pai perante suas atribuições para com a criação de seus filhos, que deveriam ser entregues de forma saudável fisicamente, moralmente e espiritualmente, para o convívio na sociedade.

Nesse mesmo ano em que Rousseau ganhava a companhia da Sra. Le Vasseur, ele

consegue terminar a ópera *Musas Galantes*, como também, retocar a ópera *Fêtes de Ramire* (Festas de Ramiro), de Voltaire e de Rameau. No ano seguinte aceita o emprego de secretário da família Dupin; proprietários de Chenon, um dos mais famosos castelos do vale Loire, localizado às margens do Rio Cher. Diante desse cenário estimulante, Rousseau deixa suas emoções comandar suas palavras e compõe música, poesias e ópera; período em que trabalhou também com suas contribuições para a *Enciclopédia*.

Após o falecimento de seu pai, em 1747, compõe a comédia *Compromisso temerário* e conhece Madame d'Épinay (1726-1783), “uma grande entusiasta, protetora e benfeitora de intelectuais”. (Batista, 2010, p. 55); a qual contribuía com os mesmos na produção de artigos que reportavam sobre a música para serem publicados na *Enciclopédia*; que a cada dia ganhava sustento dos intelectuais que buscavam disseminar o conhecimento.

O ano de 1749 sinaliza para um dos momentos significativos na vida filosófica de Rousseau. Em visita ao amigo Diderot, em Vincennes, o qual havia sido preso por ter assumido claramente posições ateístas, desafiadoras da crença ortodoxa, ao publicar sua *Carta sobre os cegos*, defendendo uma versão da tese de John Locke (1632- 1704) sobre a “*Tela em Branco*”; argumentando que nossas ideias e emoções não são algo inato na alma, uma vez que as mesmas derivam de nossas experiências; como também, de nossas reflexões; Rousseau depara com uma grande oportunidade de dar vazão às suas ideias.

Foi quando tomou conhecimento, através de uma revista, *Mercure de France*; uma gazeta literária francesa que desempenhava um importante papel no cenário das discussões sobre a questão das artes e a literatura; da premiação oferecida pela academia de Dijon para o melhor discurso sobre a questão: *O progresso das ciências e das artes contribuiu mais para corromper os padrões morais ou para melhorá-los?*

Rousseau utilizando de seu vasto conhecimento e de uma inspiração que aproximava questões racionais com questões emocionais, organiza seu discurso e apresenta-o para concorrer ao prêmio, contando com o apoio do amigo Diderot. Assim, nasce no ano de 1750, o seu *Discurso sobre as ciências e as artes*, também conhecido como Primeiro Discurso; abordando questionamentos que elucidavam, através da firmeza de suas palavras, sua opinião contrária quanto à contribuição positiva e ou negativa, das ciências e das artes, para com o desenvolvimento da civilização europeia; enfatizando que tanto uma quanto a outra, não contribuíram para melhorar moralmente o ser humano. Conforme sustenta a argumentação de Strathern (2004, p.21):

Sua tese fundamental era que a história da humanidade não passara da história

de um calamitoso declínio. A humanidade era essencialmente boa por natureza, mas fora corrompida pela civilização e pela cultura. Isso não devido a nenhuma intrínseca semente de corrupção, mas simplesmente ao fato de que a humanidade seguira um caminho equivocado.

Assim, no mesmo ano Rousseau recebe o prêmio que o levou a fama, recebendo um reconhecimento advindo da classe intelectual francesa, ficando esse acontecimento registrado como um dos mais importantes vividos pelo filósofo; marcando o seu começo na história da cultura francesa.

Rousseau ganha fama é aceito pela sociedade dos intelectuais, passando a conviver nesse meio, mesmo com as dificuldades de adaptação no mesmo; uma vez que, com o sucesso e a liberdade de acesso que havia adquirido nela, podia simplesmente ser ele próprio, sem precisar adaptar-se ao comportamento daquela época.

Em 1751, após os merecidos méritos recebidos pelo seu Discurso, Rousseau torna-se tesoureiro dos Dupin e, copista de música, visando sua sobrevivência financeira. Seguidamente, em 1752, compõe a ópera chamada de *The Village Soothsayer* (O Adivinho da Aldeia); uma ópera diferente das muitas que já foram por ele escritas. Nela Rousseau utiliza o estilo italiano com suas próprias características, ou seja; mais curta, melódica e sustentada por uma história de amor. Essa ópera é representada por Luis XV em Fontainebleau, ganhando o sucesso imediato, colocando seu criador em posição de destaque na sociedade.

Em 1753, publica sua Carta sobre a música francesa, argumentando na mesma sobre o papel social que a música, como também, a ópera, representa para a população e que sua forma de organização deveria ser modificada, colocando-se a favor da nova ópera, conhecida como *buffa* (ópera cômica) italiana; que contrastava literalmente com o estilo francês; que ao fazer uso da expressão musical, limitava-se num conjunto de restrições e regras formais adquiridas ao longo da história da cultura francesa. Com essa atitude, Rousseau se dispôs com os compositores tradicionalistas, incluindo Rameau que, desprezavam esse tipo de estilo musical; ficando indignados com a postura tomada por Rousseau. Mas, ele seguiu firme com seu olhar inovador frente às suas ideias propostas e, dez anos depois, Mozart (1719-1787), com doze anos, “produziria sua primeira ópera, *Bastien und Bastienne*, baseando-se em *O Adivinho da Aldeia* e compondo a música no estilo italiano”. (Strathern, 2004, p.26), confirmando o que Rousseau havia sustentado; a superioridade da música italiana, em relação ao estilo francês.

No mesmo ano (1753), Rousseau participa novamente de outro concurso da Academia de Dijon, publicado no *Mercure de France*, o qual concederia um bom prêmio para aquele que organizasse o melhor ensaio visando responder ao seguinte questionamento: “Qual é a origem

da desigualdade entre os homens, e tal desigualdade é justificada pelas leis naturais?” Para responder a essa questão, Rousseau busca paz e tranquilidade no campo em Saint-Germain, e assim, produz o seu Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade”, no qual, expressou-se de forma tão contundente e precisa, conseguindo provar para todos e para ele mesmo, sua capacidade de argumentar filosoficamente sobre questões sociais e de oferecer para as mesmas, uma resposta revolucionária.

Rousseau colocou nesse discurso a leitura que fez da sociedade durante seu percurso existencial. Ele enxergava a questão da desigualdade como uma parte doente que havia no meio social e que tinha como sua base de sustento, a vaidade e a ganância das pessoas e que, esse tipo de comportamento era fruto desse meio e não produto da natureza humana; questão essa que reivindicava com competência filosófica, tornando-se um revolucionário nas teorias sociais.

Com esse pensamento de um revolucionário nas teorias sociais, Rousseau adentrou não somente no campo das ciências da sociologia e psicologia social, mas, abriu espaço para a filosofia política e a teoria educacional. Isso foi possível quando o mesmo escreveu sua teoria da *bondade natural dos homens*.

Em 1755, após a Academia de Dijon recusar-lhe a premiação, Rousseau consegue publicar seu Discurso sobre a desigualdade, como também, o artigo Economia política, na Enciclopédia, quinto volume; o qual retrata sobre “a educação pública sob regras prescritas pelo governo” (Rousseau, 2004, p.26).

Seguidamente, deixa Paris e retorna a Genebra. Essa atitude foi tomada por Rousseau, por sentir-se em situação desconfortável perante os últimos acontecimentos; se sentido cada vez mais contrário às ideias defendidas pelos intelectuais parisienses. Essa distância que se criou entre ele e os pensadores conservadores intelectuais se deve ao fato ocorrido em relação a crítica feita por Rousseau à música francesa; fato esse já detalhado nessa pesquisa.

Esse retorno de Rousseau a Genebra, o fez retomar suas raízes genebrinas, convertendo-se novamente ao protestantismo calvinista; recebendo de volta sua cidadania. Essa reconversão mostrou um Rousseau diferenciado, isso porque “suas opiniões sobre religião eram agora bem mais suaves do que haviam sido por ocasião da sua primeira conversação”. (Simpson, 2009, p. 36).

Nessa viagem, em passagem por Lyon; Rousseau visita Madame de Warens pela última vez; pois, a mesma já estava debilitada, acamada e com a saúde bastante comprometida. Nesse período, escreve a sua *Dédicace à La République de Genève* (Dedicatória à República de Genebra), que posteriormente faria parte de seu “Discurso sobre a origem e os fundamentos da

desigualdade entre os homens”.

Em 1756, Madame d'Épinay, benfeitora de Rousseau, ofereceu-lhe uma pequena casa, a Hermitage, localizada em uma propriedade rural fora da capital francesa, para o seu uso. Nesse lugar calmo, composto por um cenário que envolve a natureza, Rousseau, juntamente com a senhorita Levasseur e sua mãe viveram os seus próximos cinco anos; dedicando-se a diversos tipos de trabalhos intelectuais. Como por exemplo, o episódio da troca de correspondências com Voltaire; pessoa com que se indispôs, tecendo-lhe uma crítica quanto à sua opinião relacionada à questão da existência ou não de um Deus provincial.

Outro trabalho desenvolvido por Rousseau nos arredores do campo foi o esboço de sua obra *Júlia* ou *A Nova Heloisa*; uma obra que trás uma história de amor combinada com situações que enfocam questões sobre família, educação, ciência e arte. Em boa parte da obra, a história da mesma se assemelha com a experiência de vida de Rousseau. Esse romance foi publicado com grande sucesso no ano de 1761; chegando a ser considerado por alguns acadêmicos, o Best-seller do século XVIII.

Nos anos seguintes, 1757 e 1758, Rousseau se indispõe com os enciclopedistas ao responder as ideias de D'Alembert (1717 - 1783), contidas em seu artigo Genebra, publicado no sétimo volume da Enciclopédia. Nele, D'Alembert discorre positivamente sobre as possibilidades de melhorias na vida humana, em decorrência do progresso nas artes e nas ciências e, ao mesmo tempo, critica Genebra “por sua falta de alta cultura” (SIMPSON, 2006, p.39). Em sua *Carta para D'Alembert sobre o teatro*, Rousseau expõe seu pensamento em relação a influência, muitas vezes negativa, do teatro para com a sociedade em geral; uma vez que, aos seus olhos, o estilo de peça teatral por eles utilizado, não respeitava várias questões ligadas ao patriotismo, ignorando assim, as virtudes cívicas necessárias ao bom funcionamento de um estado semidemocrático como Genebra; sua terra natal. Esse documento fez com que Rousseau rompesse com os enciclopedistas, distanciando-se dos grandes filósofos, incluindo Diderot.

Nesse período, começa a redigir o “*Émile ou De L'Éducation*” (“*Emílio ou Da Educação*”), uma das suas obras teóricas que marcaram toda a história da pedagogia.

Em 1759, Rousseau termina a primeira versão do Emílio; já vivendo no Castelo de Montmorency a convite do marechal de Luxemburgo. Essa obra seria um marco na pedagogia moderna; nela Rousseau faz um longo estudo sobre a educação de sua época e retrata-a na forma de um romance pedagógico.

Nela faz considerações severas, entendidas como revolucionárias para seu tempo, segundo seu ponto de vista. Trata-se de uma narrativa didática romanceada, que descreve a

educação de um jovem, chamado por ele de Emílio, para a sua sociedade ideal. Esse jovem seria educado por um preceptor e afastado da sociedade manchada pela corrupção. Rousseau descreve como seria esse preceptor em sua obra *Emílio*; o qual não devia impor à criança os seus conceitos e padrões particulares; mas sim, desenvolver na mesma a curiosidade para que por si própria atingisse a sabedoria. Foi uma obra revolucionária, como explica GILES (1987, p.176).

Baseado, em parte, sobre as experiências pessoais do próprio Rousseau, Emílio ocasionou ultraje, sobretudo o livro IV, ou seja, a profissão de um Vigário de Savóia, em que Rousseau faz profissão de fé no iluminismo. Ele torna cada vez mais anticlerical, acusando a Igreja de se opor à verdade, à justiça natural e à igualdade social, baseando-se num dogma estreito e em seu domínio sobre as escolas. O processo educativo ali seguido, em vez de levar à nobre visão do bem, só prejudica o aluno.

No ano seguinte (1760), prossegue em seus trabalhos com Emílio e começa a trabalhar em uma obra que também viria a ser uma das mais famosas e também, revolucionárias para sua época, a saber: *Du Contrat Social* ou *Principes du droit politique* (*Do Contrato Social* ou *Princípios do direito político*).

Essa obra é uma sequência de seu Discurso que tratava sobre a questão da desigualdade política que havia na sociedade; a qual, segundo Rousseau, nasce dos próprios seres humanos, ansiosos e ambiciosos pela superioridade em relação aos outros; criando a todo custo leis que preconizam a exploração e a hostilidade do ser perante um sistema dominador e absoluto, representado na forma do Estado. A proposta dele nessa nova obra literária, era a de fornecer subsídios teóricos, filosóficos, políticos e sociais à população, para que a mesma pudesse se valer de tais ensinamentos, ao praticar sua vida social.

Para Rousseau deveria haver um acordo entre os homens para se criar uma sociedade e, conseqüentemente, um Estado. Essa sociedade para ser justa não pode ser criada pela força, pela opressão e, pela sujeição do indivíduo a sistemas arbitrários. Ela precisaria da ação conjunta das pessoas que nela estão inseridos. Ação essa que expressaria a vontade geral do povo, seus desejos e interesses. Para isso era necessário um sistema político no qual todas as pessoas fossem tratadas como iguais e livres, sem as amarras do outro para conduzir seus passos. Aplicando com sabedoria a regra da consciência, utilizando o seu juízo do bem e do mal que se encontra dentro de cada ser.

A sociedade humana era vista como um indivíduo coletivo que mantinha sua liberdade coletiva porque se submetia à sua própria vontade geral. Essa

vontade geral se aplicava a todos, pois derivava de todos. Isso garantia tanto liberdade quanto igualdade, e também promovia um espírito de fraternidade (A “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” do slogan nacional da moderna república francesa deriva diretamente dessas ideias).

(STRATHERN, 2004, p.50)

Conforme explicou o autor acima; seria uma ação coletiva baseada num compromisso com o todo; um pacto social em que cada um aliena sua liberdade em benefício da comunidade, tornando-se fiéis ao expressar seus desejos, promovendo com isso, o bem de todos; ou seja, “quando cada um se entrega totalmente, a condição é igual para todos e, sendo a condição igual para todos, ninguém tem interesse em torná-la onerosa para os outros”. (Rousseau, 2008, p.31)

Rousseau trouxe nessa obra um conjunto de ideias que subsidiariam uma boa discussão sobre a sociedade ideal, fazendo com que a mesma, ocupasse um lugar de destaque na filosofia política, servindo até de inspiração à Revolução Francesa.

Essas obras valiosas foram publicadas no ano de 1762, ambas próximas uma da outra; que vieram traçar um marco diferencial na construção do pensamento europeu, trazendo com isso uma nova época em toda história filosófica, social e educacional de um determinado povo; conforme sustenta Simpson:

A influência desses dois trabalhos não ficou confinada ao seu extraordinário efeito no pensamento de Kant, Coleridge e de outros grandes pensadores do final do século XVIII. Eles tiveram também uma grande influência na Revolução Francesa e nas revoluções ao redor do mundo no século XIX, e contribuíram bastante para instigar o neoclassicismo e o romanticismo como respostas ao estilo barroco na literatura, arquitetura, música e artes visuais.

(SIMPSON, 2009, p.41)

Mas, essas obras foram também um marco divisor na vida de Rousseau; o qual foi duramente perseguido pelas autoridades civis francesas e genebrinas, devido ao conteúdo provocante e instigador, trazido para uma época em que as pessoas viviam contrariamente ao que era proposto pelo filósofo.

Tanto o contrato Social e tanto o Emílio, perturbaram de forma contundente essas autoridades, pois, as mesmas, mesmo abordando temáticas diferenciadas; a primeira tratando sobre política e, a segunda, sobre educação; trouxeram no elenco de suas ideias, a religião como assunto convergente entre ambas, que causaram um grande desconforto para a população em geral. As obras foram proibidas e confiscadas e, a prisão de Rousseau foi decretada, tanto na França, quanto em Genebra.

Essas ideias radicais fizeram com que Rousseau, apesar de sua obstinação em propagá-

las, pois, “sentia que era parte de sua obrigação, como cidadão, falar contra as injustiças que havia e aceitar as consequências desse ato” (Simpson, 2009, p.42); refugiou-se para Yverdon, território sob a jurisdição da cidade de Berna (atualmente, capital da Suíça). Ficando nesse lugar por pouco tempo, pois logo recebeu o decreto para que deixasse aquela cidade.

Nessa mesma época, Rousseau procura refugio nas terras sob a jurisdição de Frederico II, O Grande; mais propriamente em Môties (localizada na Suíça). Nesse período escreve e publica no ano seguinte (1763), a Carta a Christophe de Beaumont: uma apologia ao Emílio; quando recebeu fortes críticas à sua obra, advindas do arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont, um de seus principais críticos.

Em 1764, novamente as ideias rousseauianas são repudiadas e atacadas por um dos líderes conservadores da cidade de Genebra, o procurador geral Tronchin, o qual o faz através de um panfleto chamado “Cartas escritas do país”, contestando as teses acerca da religião natural; explícitas na obra *Emílio*. A esse manifesto Rousseau responde com instinto vingativo através de suas famosas “*Cartas escritas da Montanha*”; abordando e reafirmando suas teses, como também, aclarando ideias acerca dos princípios do governo que por hora, eram defendidos pelos seus críticos e que foram por ele, denunciados em sua obra *Contrato Social*, a qual queriam destruí-la, ateando fogo na mesma.

Durante esse período Rousseau foi convidado a escrever o Projeto de Constituição para Córsega, que havia recebido a independência de Gênova; projeto esse que não conseguiu completar, mas, mesmo assim deixou um rico material sobre o assunto. Ainda também, consegue finalizar outro projeto iniciado anos atrás, o Dicionário de Música, uma coletânea dos artigos que havia escrito para a *Enciclopédia*.

Na expectativa de justificar sua postura relacionada às suas ações frente à sociedade, ainda nesse mesmo período, Rousseau começa a escrever sua autobiografia, a saber: *Confissões*.

Em 1765, sofre as consequências trazidas pela sua obra *Cartas escritas da Montanha*, que mexeu com toda a estrutura social de Genebra, como também toda a região da Suíça. Sua mansão em Môties foi apedrejada, fazendo com que o mesmo refugiou-se novamente para Berne, mas, não podendo ficar por muito tempo; uma vez que as autoridades daquele lugar o expulsaram. Sendo assim, aceita o convite para refugiar-se na Inglaterra, feito por seu amigo escocês David Hume (1711-1776); um importante filósofo daquele lugar. Por um bom tempo os dois grandes pensadores viveram de forma calorosa e amistosa. Essa tranquilidade serviu para que Rousseau prosseguisse com sua obra *Confissões*.

Em 1766, Rousseau desentende-se com Hume, acreditando que o mesmo também o perseguia e que fazia parte de um complô que armaram para ele; mostrando com essa atitude

(mania de perseguição), que sua saúde mental começava a agravar-se.

Alguns acadêmicos sugeriram que nessas alturas, ele estava sofrendo de um tipo de distúrbio mental e mania de perseguição. Mas vale a pena lembrar que ele havia recentemente sofrido cinco anos de perseguição real, durante os quais sua vida e sua liberdade estavam, constantemente, correndo perigo. De qualquer forma, ele rapidamente deixou a companhia de Hume e retornou para a França.

(SIMPSON, 2009, p. 46)

No ano seguinte, 1767, retornando a França, Rousseau, utilizando o pseudônimo Renou (uma vez que estava oficialmente proibido de pisar em solo francês), hospeda-se cada hora na casa de um amigo; hora na casa do economista Mirabeu e, horas no castelo de Trye, sob a proteção do príncipe Conti. Casando-se, no ano de 1768, com a senhorita Thérèse Levasseur; ou seja, assinando a “declaração de consentimento mútuo”, uma vez que as leis francesas não permitiam a união entre protestantes e católicos. Sequencialmente, redige uma continuação de Emílio, sob a forma de romance epistolar.

Em 1769, instalado em Monquim, perto de Bourgoin, prossegue com as *Confissões*.

Em 1770, de volta a Paris, agora com a autorização para adentrar naquele país, sem necessitar de fazer uso de seu pseudônimo, Renou; mas, com a condição de não publicar nenhum livro. Mesmo assim, isso não foi um empecilho para Rousseau, que sem nenhuma intimidação consegue terminar sua grande obra *Confissões*. Conforme Batista (2010, p.74), confirma:

Desse modo, termina de redigir as *Confissões*, dando, pois, à humanidade uma das maiores obras do gênero autobiográfico; no entanto, tal obra só seria integralmente publicada em 1782, quatro anos depois da sua morte, pois Madame d'Épinay ordenara à polícia que impedisse a sua leitura. Mesmo assim, ele as divulga nos salões parisienses, para um público mais restrito e refinado.

No ano de 1771, outra obra é redigida, mas, não trazida ao público ainda, a saber: *Considerações sobre o governo da Polônia*, a qual, além de assuntos políticos, aborda também, sobre problemas educacionais, especificados no capítulo IV, intitulado, “*Educação*”. Em 1772, outro trabalho autobiográfico começa a ser escrito; Rousseau, Juiz de Jean-Jacques, *Diálogos*; obra essa terminada no ano de 1776. Nela é exposto um tipo de conversação entre Rousseau e sua própria imagem. Seu objetivo era “construir uma autoimagem, a mesma que ele queria que tivessem dele próprio”. (Batista, 2010, p. 74). Isso porque, seus inimigos haviam lhe criado uma outra imagem perante a opinião pública e, sua intenção era apresentar-se de forma correta;

ou seja, conforme realmente, era para a sociedade em geral.

Em 1776, já muito debilitado, termina seu *Diálogos* e inicia sua última obra; *Devaneios de um caminhante solitário*; obra essa que ficou incompleta por ocasião de sua morte. É escrito no formato de dez caminhadas, no período em que ficou recolhido devido a problemas de saúde, buscando sua recuperação através de passeios que fazia pelos arredores de Paris. Nesse trabalho, Rousseau se entrega de forma intensa, reportando no mesmo, seus pensamentos e sentimentos de maneira comovente e sensível. Com se lê a seguir:

A meditação no recolhimento, o estudo da natureza, a contemplação do universo forçam um solitário a se erguer de maneira constante ao autor das coisas e a procurar com uma dúvida inquietante a finalidade de tudo o que vê e a causa de tudo o que sente. Quando meu destino me lançou na torrente da sociedade, não encontrei mais nada que pudesse deleitar por um instante meu coração.

(ROUSSEAU, 2009, p.30)

Na décima e última caminhada, Rousseau descreve com uma sutileza e amorosidade sobre aquela que o ajudou a se tornar no grande homem que foi, Madame de Warens; relembando o primeiro encontro dos dois, o qual marcava naquele exato momento, cinquenta anos desse importante acontecimento. Conforme ele mesmo evidencia: “Esse primeiro momento me determinou por toda a vida e produziu, através de um encadeamento inevitável, o destino do resto de meus dias”. (Rousseau, 2009, p.132).

Em 1777, continua com sua obra *Devaneios* e vê sua situação econômica e financeira piorar, e nesse mesmo ano após sofrer um colapso, sua saúde, a cada dia fica mais comprometida. No ano seguinte, em março de 1778, Rousseau aceita o convite do Marquês René de Girardin e fixa sua residência em Ermenonville, mais propriamente, em uma pequena cabana, nos arredores de Paris e, prossegue com seus escritos filosófico literário.

No dia 2 de julho desse mesmo ano; sem conseguir terminar sua obra *Devaneios*, a qual se encontrava descrita na décima caminhada, datada; omingo de Ramos de 1778; falece aquele que enxergava em seu tempo; o tempo futuro. Aquele que via além do visto aquilo que existia, mas, não se encontrava descoberto pelos olhos do outro. Falecia então, às onze horas da manhã, o grande revolucionário Jean-Jacques Rousseau. O mesmo foi sepultado primeiramente em L'île des Peupliers e, em 1794, os seus restos mortais foram transferidos para o Panthéon, em Paris, onde jazem até os dias atuais.

CAPÍTULO III

ALGUMAS CATEGORIAS DOS PENSAMENTOS EDUCACIONAL DE JOÃO AMÓS COMENIUS E DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU: ESTUDO COMPARATIVO

3.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS:

Para o capítulo final desse estudo dos pensamentos comenianos e rousseaunianos serão aqui destacados algumas categorias pedagógicas acerca desses pensamentos, que os levaram a articular suas ideias frente aos seus propósitos educacionais; com a intenção de pontuar as convergências e ressaltar as divergências entre esses filósofos, no que se refere aos aspectos filosóficos - educacionais. Visando com esse estudo comparativo, evidenciar como eles, mesmo seguindo caminhos diferentes, conseguiram, perseguindo o mesmo objetivo; o de reestruturar a sociedade; sugerir uma educação baseada em uma pedagogia sustentada pelo respeito à natureza humana e alicerçada pela verdadeira prática educativa, conforme suas concepções sobre o desenvolver da mesma.

Por categoria, é necessário ressaltar que o uso do termo refere-se aos conceitos que atuam como elementos estruturais do pensamento dos filósofos estudados. Designa “representações conceituais que buscam exprimir a inteligibilidade constituída a partir da leitura, da análise dos autores em questão” (Batista, 2010, p.19-20).

3.2 - CONCEPÇÕES NORTEADORAS DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO COMENIANO

Certamente, as ideias de Comenius são a própria racionalização pedagógica de seu tempo. Trouxeram inúmeras propostas de transformação social e educacional para que o homem pudesse ser visto no todo de sua formação; sendo capaz de conduzir-se como pessoa instruída e educada frente ao universo de manifestações advindas de seu meio; sustentadas pelos aspectos morais e religiosos.

Em seus argumentos podemos distinguir três dimensões que sustentam a formação humana sob os aspectos cristãos que são, segundo ele, imprescindíveis para o nascimento de uma nova sociedade. Essas dimensões estão direcionadas à formação do homem; à reforma nas escolas e, na *Didática* como arte universal.

São dimensões que Comenius sabiamente explicita em sua “*Didática Magna*”, seu grande projeto educacional, religioso e filosófico. Com seus pensamentos filosóficos, teológicos e educacionais, ele descreve com sutileza uma teoria que justifica e ao mesmo tempo direciona; todo o trabalho que visa à boa formação do homem, sendo este um instrumento capaz de reorganizar toda a sociedade, na qual ele pertencia.

3.2.1 - FORMAÇÃO DO HOMEM

Em suas ideias, tratando-se da formação do homem, encontramos esboços de uma literatura fidedigna ao pensamento de uma época. Nele, Comênio evidencia a importância de se educar o homem desde a infância pré-escolar, afirmando que a educação é a “forma de humanizar o homem, de fazê-lo passar de um estado bruto para o de ser humano propriamente, “convém formar o homem, se ele deve ser homem” (Comenio, 1966, p.55)”.

No homem, é sólido e duradouro apenas o que foi absorvido na primeira idade. Eis alguns exemplos. O vaso conserva o odor com que se impregnou quando novo até quebrar-se. A árvore que, enquanto tenra, estendeu seus ramos para cima, para baixo, para os lados, assim os manterá durante cem anos, até que seja cortada. A lã mantém com tanta tenacidade a cor inicial que não é possível mudá-la. O círculo envelhecido de uma roda pode quebrar-se em mil pedaços mas não volta a ficar reto. Do mesmo modo, no homem as primeiras impressões ficam tão arraigadas que é quase um milagre modificá-las: por isso é extremamente aconselhável propiciar-lhes o surgimento já nos primeiros anos segundo as verdadeiras regras da sabedoria.

(COMENIUS, 2006, p. 81)

Comenius utiliza destes argumentos para melhor justificar que o desenvolvimento humano deverá ser alicerçado por uma organização pedagógica, seguida de princípios básicos imprescindíveis para uma formação humana sadia. Para isso, faz uma analogia entre do desenvolvimento do homem com uma planta; mais propriamente uma árvore. Homem este que necessita de cuidados para crescer forte e produzir bons frutos. Essa árvore precisa ser cuidada, regada e podada por um bom agricultor, chamado por ele de perito. Assim é o homem, para que sua condição humana não seja prejudicada pelas circunstâncias advindas do meio social, ele necessita de amparo pedagógico para direcionar sua pessoa à forma condizente do homem

dentro de sua prática social, capaz de construir mecanismos que sustentam o nascimento sadio de toda uma família humana, amparada pelos valores.

Para que ele cresça sustentado nos princípios da honestidade e da piedade, sob os preceitos dos valores vitais, religiosos, espirituais, úteis, morais, éticos e lógicos; ele precisa de cuidados específicos de um profissional zeloso e atento às necessidades básicas da formação. Como uma planta precisa ser regada, podada e adubada; o homem também carece de atenção desdobrada para seguir esse caminho, pois “primeiramente se plantam os germens da sabedoria, da honestidade e da piedade, depois, fortalece-se essa plantação”. E, torna-se fundamental enfatizar que esta plantação deverá ser feita enquanto as plantas são novas; ou seja, na primeira idade e, como disse o próprio Comênio (1966), “e não pode fazer-se senão nessa idade”.

Se alguém quiser saber porque é que Deus tem em tão grande consideração as criancinhas e as aprecia tanto, por mais que reflita, não encontrará uma razão mais forte que esta: as criancinhas têm todas as faculdades mais simples e mais aptas para receber os remédios que a misericórdia divina oferece para a cura das coisas humanas, em estado tão deplorável. [...]; as criancinhas, não estando ainda novamente manchadas, nem pelos pecados nem pela incredulidade, são proclamadas herdeiras da herança patrimonial do reino de Deus, desde que saibam conservar a graça de Deus já recebida e manter-se limpas do mundo. Além disso, estas coisas podem ensinar-se mais facilmente às crianças que aos outros, pois não estão ainda dominadas pelos maus hábitos.

(COMENIO, 1966, p.35)

Com este pensamento Comenius sustenta o seu propósito de uma educação formadora, amparada pelos preceitos religiosos e humanos. Para ele essa formação deve começar com a primeira idade por causa da incerteza da vida presente. Incerteza marcada pela própria situação que o homem se encontra frente às circunstâncias vividas e, como também, frente aos vícios adquiridos no decorrer da sua convivência. É difícil mudar o que já está pronto, produzido, e a com a criança, a possibilidade de acerto é maior. Ensina-se para o crescimento sadio do homem. Uma vez acertada, a educação correta, orientada e mediada por alguém conhecedor dos pressupostos básicos, necessários à formação humana; passa a ser indispensável quando se pretende um homem na própria concepção de homem.

3.2.2 – AS ESCOLAS COMO OFICINAS DA HUMANIDADE:

Comenius inicia sua argumentação filosófica educativa colocando a escola no alto da pirâmide da formação do homem, atribuindo à mesma um grau de importância maior para a

reforma da sociedade; abrindo-a para o livre acesso de todos, com o compromisso de poder “ensinar tudo a todos”.

Para ele, utilizando os fundamentos, os princípios certos, sólidos e universais, podemos refazer a um só tempo, a sociedade segundo os anseios de um povo cansado de sofrer e que aguardava ansiosamente o nascer da paz no coração dos homens, independentemente de qualquer credo religioso. Comenius via na escola do fazer-se humano no homem; o primeiro cenário em que a criança aprender a ser sujeito operante da vida social.

É o que Luzuriaga (1984, p.140), sustenta em seus argumentos;

A escola é, para Comenius, em bela frase: “uma fábrica de homens”, para que eles se façam verdadeiramente tais. Por isso, a educação há de aplicar-se a todos. Nas escolas devem-se admitir não só “os filhos dos ricos e dos próceres, mas a todos por igual, nobres e plebeus, meninos e meninas”. E não só isso, mas hão de ser educados conjuntamente nos mesmos estabelecimentos. “E é de interesse para toda república cristã que, em todo o grêmio bem organizado de homens (seja cidade, povoação ou lugar), se abra uma escola, como educandário comum da juventude”. Com isso, Comenius se adianta ao seu tempo e antecipa a ideia da escola democrática.

Quando Comenius propõe “ensinar tudo a todos”, ele dá um grande salto em seu tempo, abrindo novas possibilidades ao homem, oportunizando-lhe o conhecimento das coisas e do todo. Fazendo dele um ser íntegro, capaz de discernir sobre a realidade que o circunda. Isso porque “todos aqueles que estão no mundo não só como espectadores, mas como atores, devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes [...]”. (Comenius, 2006, p. 95).

A escola por ele idealizada trazia como proposta três finalidades educativas que se traduziam em três frentes de trabalho, visando à formação do homem, fazendo dela o grande elemento norteador das possíveis mudanças na sociedade. Uma delas é a preocupação em conhecer as coisas conforme elas são para seu uso diante da expressividade de suas ações; tornando-se uma criatura racional, consciente da realidade que o circunda; sendo capaz de distinguir aproximações e distanciamentos entre objetos e coisas. Esse homem seria capaz de participar ativamente da vida em comunidade, abandonando a obediência cega e desnortada das normas e regras impostas pelas instituições religiosas a qual pertence. A outra finalidade seria a busca dos fundamentos em nós mesmos, visando à plenitude da essência de nossa alma, alicerçada pela instrução; moral e a piedade. Comenius apresenta o intelecto, à vontade e a memória como as faculdades que compõem a essência da alma, não podendo nunca ser separadas; correspondendo à “Trindade incriada”.

O intelecto aplica-se à observação da diversidade dos objetos (até as pequeníssimas minúcias). A vontade provê à opção, ou seja, à escolha das coisas profícuas e à rejeição das nocivas. A memória retém para uso futuro as coisas que antes ocuparam o intelecto e a vontade, recordando à alma a sua dependência de Deus e suas missões: sob esse aspecto, chama-se também consciência.

(COMENIUS, 2006, p. 97).

A não separação dessas três faculdades permitiria ao homem usufruir um dos prazeres mais perfeitos, o prazer em Deus, graças à boa disposição interior. Sobre esse prazer Comenius refere-se ao da alma, podendo ser originado em nós mesmos, nas coisas e, em Deus, que é a própria felicidade nessa vida.

E, por fim, a terceira finalidade educativa, segundo os argumentos comenianos, se encontra em Cristo, na formação do Deus-homem, prudente em suas ações e piedoso no coração. Formação essa adquirida com muito estudo e esforço pessoal, isso porque “ninguém pode tornar-se homem sem disciplina”(Comenius, 2006, p.71), e sem preparação para sua devida progressão. Ele necessita de amparo e direção organizados de forma pedagógica e metodológica; os quais somente a escola reformada poderia oferecer-lhe.

Para reforçar seus dizeres Comenius utiliza das palavras que o grande filósofo grego Platão deixou escrito (Leis, livro VI): “O homem é um animal bastante manso e divino se amansado por uma verdadeira disciplina; se não receber disciplina alguma ou se receber uma disciplina falsa, será o mais feroz dos animais que a terra pode produzir,” (Comenius, 2006, p.75).

Na escola idealizada por Comenius era preciso ensinar todas as coisas ao homem para que pelo menos uma delas viesse a lhe ser útil e proporcionasse-lhe sentido em suas ações. No desenvolver de suas ideias ele critica a escola de seu tempo, na qual ele mesmo se coloca como vítima dessa instituição que tem; segundo seu ideário; a função nobre de melhorar a conduta humana. Fazendo do homem um ser digno conforme os ensinamentos de Deus.

Para ele na escola de seu tempo faltava aplicação de conhecimentos substanciais, com métodos de ensino agradáveis, conforme Lutero, em 1525, manifestava ao propor a construção de escolas para a instrução da juventude e das crianças. O que se via na realidade o uso de palavras superficiais, sem consistência e firmeza de propósitos. Uma escola que não se destinava a todos, acarretando um grande prejuízo para a Igreja e para os Estados, uma vez que várias pessoas ficavam sem instrução. Nessa escola, segundo Comenius, oferecia-se um tipo de educação que não tinha nenhuma utilidade prática, totalmente inútil à vida do homem; que

recebia na mesma, uma formação artificial e sem conexão com a realidade.

3.2.3 – A DIDÁTICA COMO ARTE UNIVERSAL: princípios pedagógicos.

Comenius segue determinado com suas ideias de organização de uma educação abrangente e imediata para os deveres práticos do dia-a-dia, baseada nos preceitos religiosos e, conseqüentemente, para os prazeres da vida. Para que isso pudesse ser concretizado de forma sustentável e sadia ele sinaliza caminhos necessários para ser seguidos, guiados e resguardados pelos responsáveis pela educação do homem de seu tempo. Esses caminhos denominados como regras metódicas, fazem com que Comenius se adiante em seu tempo e anuncie de forma implícita o nascimento da escola moderna e por que não dizer, democrática, uma vez que todos dela deveriam participar.

Suas teorias mais enfáticas quando ele deposita sua certeza de acerto em uma das mais nobres missões humana; o ensinar; tida por ele como uma arte. Em sua *Didática Magna*, capítulo XVI, ele descreve como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. Questão essa que é discutida e analisada na contemporaneidade pelos grandes teóricos da educação, que buscam a cada síntese elaborada justificar a verdadeira essência contida nessa ação.

Descrevendo com exemplos e comparações, Comenius defende que a aprendizagem acontece em decorrência de uma estreita relação entre natureza e arte, estabelecida pelo professor; reconhecido por ele com um jardineiro que possui “a tarefa de espalhar bem as sementes das ciências nos espíritos, e de irrigar cuidadosamente as plantinhas de Deus: o céu se encarregará de fazê-las crescer e amadurecer”. (Comenius, 2006, p.145).

Por natureza Comenius refere-se primeiramente a condição do homem em seu “estado primitivo e original”, antes da corrupção e dos erros humanos; homem pleno, sem vícios e hábitos; possuidor das sementes da ciência, da honestidade e da religião. E, sequencialmente, refere-se também à providência divina; Deus, que criou e guia tudo em nós. Aquele que “infundiu no homem as raízes eternas da Sabedoria, da Virtude e da Religião”. (Gasparin, 1997, p.58).

Com esses argumentos Comenius deixa claro que o homem reúne plenas condições de aprender tudo, mas que, porém, necessitada de amparo para seu direcionamento, crescimento e evolução. Sua formação está alicerçada na ação humana, capaz de propiciar o nascimento do homem, conforme a natureza, na própria condição de homem. Conforme explica Gasparin (1994, p.77):

A formação do homem na perspectiva comeniana desenvolve-se semelhantemente a uma árvore que desde a semente já traz em si, de fato, a planta, bastando que lhe sejam dadas as condições propícias para que germine, cresça e dê frutos. “Não é necessário, portanto, introduzir nada no homem a partir do exterior, mas apenas fazer germinar e desenvolver as coisas das quais ele contém o gérmen em si mesmo e fazer-lhe ver qual a sua natureza” (1976, p. 104). Comênio diz que uma árvore frutífera, ainda que possa por si própria crescer, somente dará frutos saborosos se for cuidada por um agricultor perito; da mesma forma o homem, por virtude própria, cresce com feições humanas, mas não se tornará racional, sábio, honesto e piedoso, se, primeiramente, a partir da infância, não se desenvolvem nele as sementes da sabedoria, da honestidade e da piedade.

Em seus escritos Comenius registra a importância da ação do homem ao ensinar o outro, colocando a atividade de ensino como uma atividade humana, de melhoria e de direcionamento do homem para Deus e, conseqüentemente, para a vida. Questões sobre como ensinar, são tratadas por ele como elementos norteadores e definidores da sua proposta de formação humana.

Lendo seus argumentos percebe-se que nessa interação entre sujeito que ensina e sujeito que aprende intermeia o alicerce desse movimento; a eficiência e a eficácia no processo em que o ensinante é também um aprendiz. Trata-se de uma dinâmica interativa, envolvente e cativante que Comenius apresenta chamando-a de Didática.

Nós ousamos prometer uma Didática Magna, ou seja, uma arte universal de ensinar tudo a todos: de ensinar de modo certo, para obter resultados; de ensinar de modo fácil, portanto sem que docentes e discentes se molestem ou enfadem, mas ao contrário, tenham grande alegria; de ensinar de modo sólido, não superficialmente, de qualquer maneira, mas para conduzir a verdadeira cultura, aos bons costumes, a uma piedade mais profunda. [...]. Ensinar a arte das artes é, portanto, tarefa árdua que requer o juízo atento não só de um homem, mas de muitos, porque ninguém pode ser tão atilado que não lhe escapem muitas coisas.

(COMENIUS, 2006, p. 13,15)

Segundo o autor era necessário criar para as crianças e os jovens uma nova perspectiva de ensino para melhor aprender. Que para a educação dos mesmos viesse de encontro um método mais fácil e atraente, diferente do que é adotado nas escolas de sua época; considerado por ele, duro e objeto de tortura para a mente daqueles que anseiam por aprendizado.

Em seus significantes escritos, Comenius, em sua Didática Magna, mais precisamente do capítulo XVI ao capítulo XIX, recomenda os princípios básicos que norteiam o ensinar e o aprender; que se tornaram a base de seu tratado educacional e que consideramos um projeto pedagógico de ensino. Trataremos nessa pesquisa dos nove princípios que sustentam todo seu

trabalho.

3.2.3 - PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS COMENIANOS

1º Princípio: “A natureza aguarda o momento propício” (Comenius, 2006, p.147).

Comenius faz analogia do homem com uma planta para melhor explicitar suas ideias. Segundo ele a planta tem seu tempo certo para germinar, crescer, florescer e frutificar; tudo depende do bom jardineiro em saber obedecer a esse tempo de formação, para agir no momento certo. Assim acontece com a educação do homem, que, para ele, deve começar na primavera da vida, ou seja, na infância, pois “nesse momento, todas as faculdades estão crescendo e lançando raízes profundas”. Com isso, ele anuncia que a aprendizagem deve ser oportunizada no tempo adequado. Ele adverte ainda que as manhãs são mais propícias ao estudo e que o conteúdo a ser ensinado deverá estar adequado à idade da criança, visando à compreensão do mesmo.

2º Princípio: “A natureza prepara a matéria antes de começar a introduzir-lhe a forma”. (Comenius, 2006, p.149)

Nesse tópico Comenius cria um cenário ilustrativo e significativo para explicitar melhor seus fundamentos e conseqüentemente reprimir o modelo de escola de seu tempo. Primeiramente ele exemplifica sua ideia através de situações diferenciadas, nas figuras do pássaro que se prepara antecipadamente para o nascimento do filhote; na figura do arquiteto que se organiza antes de começar a construção do edifício; no pintor que antes de começar sua pintura, deixa o ambiente de acordo com as exigências que a sua tarefa exige; e, na figura do arboricultor que se entrega a preparação e organização da terra, das mudas e do material necessário, antes de começar a plantação. Em seguida ele contrasta o exemplo com a escola, mostrando que a mesma contraria esse princípio. Faltando-lhe instrumentos (“livros, quadros, exemplos e modelos”) previamente já organizados para o trabalho do professor, chamado por ele de instrutor.

Comenius chama atenção também para a obediência a um critério lógico na exposição dos assuntos a serem ensinados. “Primeiro, devem situar os problemas, as características e somente depois se devem extrair as conclusões”. (Cotrim & Parisi, 1992, p.206).

3º Princípio: “Ao obrar, a natureza toma um indivíduo apto e prepara-o antes, oportunamente” (Comenius, 2006, p.151).

Aqui Comenius continua usando as figuras do pássaro; do arquiteto; do pintor e do arboricultor para exemplificar sua proposta, contrastando com o modelo de escola da sua época,

mostrando as lacunas existentes na mesma. Para ele o ensinar é uma atividade que requer persistência, dedicação e amor. É um trabalho de entrega e de compromisso com o outro; pois, antes de começar qualquer atividade, primeiramente deve-se preparar a mente dos alunos, buscar a predisposição dos mesmos para o aprendizado.

4º Princípio: “Em suas obras, a natureza não procede confusamente, mas de modo claro” (Comenius, 2006, p.153).

Para Comenius a natureza obedece a uma lógica de organização e isso deve ser respeitado. Com o exemplo do arquiteto que ao desempenhar seu trabalho não o faz de uma só vez todas as coisas; ele esquematiza seus argumentos e critica a escola que não segue essa lógica de raciocínio: “Nas escolas, porém, há uma grande confusão que deriva de se querer abarrotar as mentes dos alunos com muitos conhecimentos ao mesmo tempo”. (Comenius, 2006, p.154).

Para o autor primeiramente deve-se dominar uma área do conhecimento para depois iniciar os estudos de outra; ensinando uma coisa de cada vez, avançando gradativamente, evitando a confusão na mente do aluno e a não aprendizagem.

5º Princípio: “A natureza começa todas as operações pelas partes mais internas” (Comenius, 2006, p.155).

Ilustrando com exemplos esse princípio, Comenius deixa claro que existe uma parte no todo do conjunto do ser em processo de formação que é a base de sustento para fazer acontecer o aprendizado; chamado por ele de “partes mais internas”. Essas partes são, na realidade, a fonte que interliga todo o restante da ação do homem durante o processo de aprendizagem. O intelecto é para ele a “raiz da ciência”; se bem cuidado pelo educador, a compreensão de determinado assunto fluirá de forma saudável, evitando a simples memorização sem a compreensão. Primeiro deve-se compreender para depois memorizar. Conforme ele explica:

Erram os instrutores que querem levar a cabo a formação da juventude ditando muitas coisas e obrigando decorá-las, sem uma cuidadosa explicação. Erram também os que querem explicar mas não conhecem o método, não sabem de que modo abrir lentamente a raiz para nela inserir o enxerto das ciências. Desse modo estragam os alunos como alguém que, para cortar uma planta, usasse um bastão ou um bate-estacas em vez de faca.

(COMENIUS, 2006, p. 156)

O que Comenius assevera é que não há ensino verdadeiro se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais, se não assimilam ativamente os conhecimentos.

6º Princípio: “A natureza inicia todas as suas formações pelas coisas mais gerais e acaba pelas mais particulares” (Comenius, 2006, p.156).

O que Comenius evidencia com esse princípio é a questão do ensino ter de partir do todo, ou seja, da estrutura geral; para as partes, para a compreensão das particularidades existentes no assunto ensinado. Que o ensino das ciências não pode ser conduzido de forma particularizada, dividida, sem conexão com as outras ciências; para que o assunto possa ser compreendido e apreendido na sua totalidade e não, de forma fragmentada; pois, somente assim não é conhecimento. O autor propõe que “na mente das crianças (...) sejam inculcadas as bases de uma instrução universal desde o primeiro momento da formação, ou seja, uma disposição tal dos assuntos que os estudos futuros pareçam ser apenas um desenvolvimento pormenorizado dos que os precederam”. (COMENIUS, 2006, p. 156).

7º Princípio: “A natureza não procede por saltos, mas gradualmente” (Comenius, 2006, p.159).

Assim como na natureza tudo acontece naturalmente e dentro de uma devida ordem; Comenius detalha que dessa forma deve proceder o processo de ensino. Tudo deve obedecer a ordem natural das coisas, ensinando-se uma coisa de cada vez e dentro do desenvolvimento natural do aluno; evitando saltos no decorrer do processo; buscando assim uma sequência lógica na apresentação das matérias de estudo.

Colaborando com essa proposta, o autor destaca ainda a importância de se adequar o tempo de estudo, distribuindo-o de forma coerente para que, “a cada ano, mês, dia, hora, seja atribuída uma tarefa particular”. (Comenius, 2006, p. 160).

Com esse princípio podemos enxergar um Comenius bem adiantado ao seu tempo, capaz de dialogar com os grandes estudiosos desse assunto na contemporaneidade.

8º Princípio: “Depois de iniciar uma obra, a natureza não a interrompe, mas conclui” (Comenius, 2006, p.161).

Comenius continua a utilizar de exemplos para melhor explicitar sua ideia. Como assim o fez ao descrever sobre o processo de ininterrupção que o pássaro desenvolve para chocar seus ovos até que se abrem; como também, do seu amparo ao filhote, aquecendo-os até que fiquem cobertos de penas e possam se expor ao tempo.

Assim Comenius anuncia como deveria ser o processo de ensino; sem interrupção, tranquilo e sem distrações para o aluno, até sua completa formação. Cotrim e Parisi (1982, p.207), aprofundaram um pouco mais na análise desse princípio:

As escolas devem ser construídas em locais tranquilos, afastadas do barulho e de outras circunstâncias que possam distrair a atenção dos alunos dos temas de estudo. Os educadores devem se empenhar para que os estudantes frequentem às aulas e não deixem de concluir o curso antes que as metas educacionais sejam convenientemente atingidas.
(CONTRIM &PARISI, 1982, p. 207)

9º Princípio: “A natureza está sempre atenta para evitar as coisas contrárias e nocivas” (Comenius, 2006, p.162).

Nesse princípio Comenius atribui ao professor à tarefa de resguardar o aluno das situações que lhes apresentam desconforto durante o processo de aprendizagem, procurando evitar coisas contrárias que venham prejudicar seu desenvolvimento intelectual. Segundo ele, o professor deve cuidar para que os alunos fiquem protegidos dos livros incorretos e mal escritos, como também, das más amizades nas escolas ou nas suas imediações. Esse cuidado deve ser igual ao do pássaro que ao chocar os seus ovos, os protege “do vento forte, da chuva e do granizo, expulsando cobras, aves de rapina e outros perigos”. (COMENIUS, 2006, p. 162).

Como podemos perceber Comenius com sua nobre visão de educar, adiantou vários assuntos pedagógicos, expondo uma série de regras destinadas à verdadeira arte de ensinar. Dentre esses princípios, outros foram por ele desencadeados e explicados, proporcionando àquela sociedade uma possível reforma nas suas escolas, na metodologia de ensino e na vida em geral das pessoas que por ali circundavam.

Não se trata de apenas de uma série de regras teóricas e metódicas para se ensinar bem; mas de uma ação que trazia em seu conjunto, ousadas ideias pedagógicas que influenciariam consideravelmente a prática educativa dos séculos que o sucederiam. Seu grande propósito era fornecer ao homem meio que o auxiliasse a uma maior aproximação de Deus e, conseqüentemente, consigo mesmo; isso porque, conforme seu ideário, Deus está no centro da própria vida do homem, o qual necessita de direcionamento pedagógico, significativo para proporcionar-lhe o encontro com Cristo e com ele mesmo.

Ele propunha que o homem fosse instruído nas letras, nas virtudes e na religião para viver dignamente e, a educação, seria o meio mais eficaz para a consecução desse ideal. Por isso era necessário repensar a prática educacional, com novos métodos de ensino que viessem de encontro com a condição natural do indivíduo. Suas ideias, seu tratado, não deixam de ser um projeto de educação melhorada.

Com efeito, nas Normas, ele cuida com minúcia extrema dos objetivos primordiais da escola, do lugar dos estudos, da divisão do tempo escolar, dos livros e dos métodos de ensino, das tarefas escolares, das recreações e da conduta que devem ter professores, alunos e pais com relação ao ensino. (COVELLO, 1999, p.88)

Os ensinamentos pedagógicos comenianos não se esgotam aqui, outras orientações práticas foram por ele edificadas em seus pressupostos filosóficos educacionais e religiosos; os

quais, alguns deles, não serão expostos nesse momento da pesquisa, uma vez que serão evidenciados de forma mais aprofundada no terceiro capítulo, contrastando com as ideias do filósofo Rousseau. O bispo moraviano deixou inúmeras obras que vieram contribuir para o setor educacional e para a formação de um novo homem.

3.3 - CONCEPÇÕES NORTEADORAS DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO ROUSSEAUNIANO

A trajetória histórico-social de Jean-Jacques Rousseau contribuiu para que o mesmo deixasse para a humanidade um repertório de ideias que certamente, tornar-se-iam relevantes para a educação do homem e, conseqüentemente, para a melhoria de toda a sociedade. No conjunto desse ideário rousseauiano encontramos o pensamento marcante e inovador de uma pessoa considerada revolucionária para sua época; o qual pretendia, através de seus escritos, evidenciar a questão da liberdade intelectual e da independência que o homem necessitava adquirir ao longo de sua formação. O qual deveria ser guiado e acompanhado, visando seu crescimento humano, afastado, por hora, da sociedade; para que o mesmo adquirisse uma conduta pela qual evidenciasse claramente a diferença entre o homem; razão única da filosofia rousseauiana; e, o cidadão; objetivo da educação atual.

Esse homem, segundo Rousseau, deveria ser educado primeiramente para ser si mesmo, uno, agindo conforme sua fala e não de acordo com o todo social. Com esse pensamento, ele apropria-se de uma postura antropocêntrica e individualista. “Antropocêntrica pelo fato de que cabe ao ser humano apropriar-se da realidade, organizando-a a fim de servir-se a si próprio; individualista pelo fato de que, para isso, terá de contar principalmente consigo mesmo”. (Batista, 2010, p. 156).

Essa atitude determinante e audaciosa marcou o nascimento de um dos mais ricos movimentos que despertavam toda a atenção à figura do homem, conhecido como Iluminismo, e ou, Século das Luzes. Período esse, rico em reflexões pedagógicas que evidenciam a questão do poder da razão humana, capaz de posicionar o homem frente aos acontecimentos do mundo, podendo o mesmo interpretá-los e, conseqüentemente, reorganizá-los.

Rousseau com a sua concepção naturalista deixou sua contribuição para o nascimento desse novo homem, guiado pelas luzes da razão. O sistema pedagógico por ele defendido é essencialmente racional. A razão, conforme seus argumentos, é a base principal do homem, sua característica mais humana. Suas ideias contidas nas inúmeras obras escritas retratam essa preocupação.

(...) Luzes significam, ai, o poder da razão humana de interpretar e reorganizar o mundo. O otimismo com respeito à razão vinha sendo anunciado desde o Renascimento, quando o homem novo procurava valorizar os próprios poderes contra o teocentrismo medieval e o princípio de autoridade. No espírito do iluminismo, os filósofos franceses Diderot, D'Alembert, Voltaire, Helvetius e Rousseau não são propriamente educadores, mas encaram o ensino como um veículo importante das luzes da razão e no combate às superstições e ao obscurantismo religioso.

(ARANHA, 1996, p. 120-121)

Podemos enxergar a edificação dos propósitos educacionais e, também pedagógicos de Rousseau, em duas frentes de análise por ele evidenciadas no decorrer de seus escritos; a educação e, a criança na concepção de sua formação. Certamente, essas duas concepções contidas em seus pressupostos filosóficos, sustentam suas convicções para um trabalho frente a formação de um novo homem para ser inserido na sociedade; o qual, acreditava necessitar de amparo educacional; conforme sua concepção sobre o assunto, para conseqüentemente, haver uma reforma social.

Rousseau trata sobre essas dimensões em seu grande tratado sobre educação; Emílio, ou Da Educação. No conjunto de suas ideias, observamos nas entrelinhas das mesmas, um projeto educacional, que recebe sustento também, de sua outra obra, O Contrato Social; a qual trás explícitas ideias sobre a questão do retorno à natureza, “ao estado natural do homem e, a urgência do abandono da educação tradicional”. (Rousseau, 2008, p. 11-12). Conforme assevera Simpson (2009, p.150);

O objetivo declarado do livro é mostrar como uma educação apropriada pode ser bem sucedida na formação de um jovem que é feliz e virtuoso, mas tinha o objetivo maior de defender a tese de que as pessoas são naturalmente boas e que são feitas ruins e infelizes pela sociedade.

(SIMPSON, 2019, p.150)

Usando de uma linguagem clara, com um arranjo sentimental e, às vezes, carregada de posições questionadoras, instigante; Rousseau, conforme Comenius descreve uma teoria que acusa as lacunas existentes, como também, aponta um melhor direcionamento para uma ação mais eficiente, visando à formação sadia do homem, e conseqüentemente, de uma sociedade mais justa, saudável e melhorada. Sendo assim, “O sentido geral de Emílio tem de ser buscado, portanto, na preocupação fundamental de Rousseau, que foi a de indicar a forma exata pela qual se pode organizar uma sociedade saudável” (Dalbosco; Casagrande, MUHL (orgs), 2008, p.105).

Devemos aqui ressaltar que Rousseau fazia essas colocações em decorrência da sociedade de sua época, com seu olhar voltado a civilização do século XVIII que ainda trazia

resquícios do século anterior, o qual se fazia em meio à repreensão religiosa, moral e monárquica; que exercia a mais opressiva influência sobre o pensamento e a ação do homem.

Nesse cenário histórico-social Rousseau enxergava uma total desigualdade social, uma sociedade desamparada da própria condição da formação humana, sem respeito a predisposição natural de ser do próprio homem; ou seja, uma sociedade artificializada segundo os vícios sociais e porque não dizer, educacionais, criados em torno da mesma. Sendo assim, sua experiência o leva a pensar na reestruturação do processo da formação desse homem, em possíveis caminhos que possam proporcionar a ele melhorias na sua condição humana de ser, visando com isso uma nova sociedade, mais justa e verdadeira, cercada por princípios advindos da própria natureza do homem e não pelas regras pré-determinadas para se formar um cidadão; conforme sugere o sistema social.

Rousseau em seus argumentos na obra *Emílio ou Da Educação* trás ideias, lideradas por duas frentes de pensamento as quais, chamamos de dimensões; que sustentam uma teoria pedagógica acerca da formação do homem segundo a natureza humana, fundamentais para o nascimento de uma sociedade constituída por pessoas verdadeiras, orientadas pela razão, conhecedoras do bem e do mal. Essas dimensões estão direcionadas à formação da criança e a educação como processo facilitador dessa formação.

3.3.1 - FORMAÇÃO DA CRIANÇA E A PEDAGOGIA LIBERAL ROUSSEAUNIANA

Meu destino, ainda na infância, parece ter armado a primeira armadilha, que me tornou por muito tempo propenso a cair em todas as outras. Nasci o mais confiante dos homens, e durante quarenta anos completos essa confiança não foi enganada uma única vez. Caído de repente entre pessoas e coisas de uma ordem diferente, acabei em milhares de ciladas sem jamais perceber alguma, e vinte anos de experiência pouco adiantaram para me esclarecer sobre o meu destino. Uma vez convencido de que existe apenas mentira e falsidade nas demonstrações afetadas que me prodigalizam, logo passei ao outro extremo: uma vez saídos de nosso natural, não existem mais limites que contenham. Com isso me desgostei dos homens e, como minha vontade converge com as deles nesse ponto, me mantenho ainda mais afastado deles do que de todas as suas intrigas.

(ROUSSEAU, Simões/tradução, 2009, p.81)

O conjunto de ideias acima faz parte da obra *Os devaneios do caminhante solitário*, escrito por Rousseau, e vem sustentar nossas ideias de que ao longo de suas experiências no meio social, ele, como um exímio observador da conduta humana, percebe falhas no agir do homem no seu próprio contexto, levando-o a inquietações filosóficas baseadas no processo de sua formação. Assim, ele apodera-se da ideia de que era necessário um agir frente a formação

do homem para que houvesse transformação em suas atitudes e, conseqüentemente, na sociedade. Sua experiência no meio social o levava a crer que mesmo estando alegre entre seus pares, na coletividade, o homem era infeliz assim como ele mesmo o teria sido. Época essa que não o deixavam ver as coisas como elas eram, mas apenas através do julgamento delas pela aparência.

Essas ideias o faziam enxergar na reestruturação educacional na educação da criança a possibilidade de se reconstituir um adulto saudável, capaz de direcionar-se segundo sua razão. O cenário pelo qual a criança vivia até Rousseau, era totalmente artificializado pelas imposições sociais, em que tudo o que era ensinado saía das próprias convicções do homem e eram praticamente introjetadas na mente infantil, desmerecendo sua liberdade de entendimento e de aprendizado, segundo suas necessidades.

3.3.2.1 - A CRIANÇA NA INFÂNCIA

A criança era vista como um “adulto em miniatura”; tratada por padrões adultos, desde o seu vestir, como também, o seu agir. A ela não era dado o direito de viver sua infância no próprio sentido da palavra infância, que diz respeito ao contexto do seu crescimento e de seu desenvolvimento. Palavra essa que tem sua origem no latim *infantia*, do verbo *fari* que significa falar, onde *fan* refere-se a falante e *in* caracteriza-se na negação do verbo. Assim sendo, *infans* refere-se ao indivíduo que ainda não é capaz de falar. (Rousseau, 2016, 23). Portanto, Rousseau pretendia uma criança no ambiente específico dela, ou seja, infância como infância e criança como criança.

A criança era considerada apenas como um adulto em miniatura, sem nenhum valor e sem nenhum direito até que pudesse imitar o adulto. Nesta época, a mais artificial de todas em vestuário, costumes, maneiras, diversões, a criança era modelada pelo padrão dos mais velhos. Antes de Rousseau, a criança, tal como aparecia na literatura, era apenas o adulto visto através de um telescópio invertido.

(MONROE, 1984, p. 265)

Diante desse cenário, dessa criança adultificada, Rousseau chama atenção para a necessidade de se trabalhar as potencialidades naturais da mesma, seus sentimentos, desejos e ideias próprias; libertando-a das opiniões, vícios e hábitos humanos que, para ele, são males sociais que mais se aproximam da formação do cidadão de que do homem segundo sua natureza de formação. Dessa forma ele enxerga na criança o caminho para a transformação desse homem e conseqüentemente, a edificação de uma nova sociedade.

Essa visão rousseuniana, de ver a educação a partir das condições naturais da criança levou Rousseau a ser considerado o pai da psicologia do desenvolvimento ao dar ênfase as diversas fases pelas quais a criança passa e que, necessitam de uma educação diferente para cada uma delas, de acordo com as necessidades advindas da sua natureza e do seu crescimento. Conforme sustenta Luzuriaga (1984, p. 166):

Intimamente associado a esses princípios está o da psicologização da educação. Rousseau foi o primeiro em ver claramente a diferença entre a mente da criança e a do adulto, o primeiro em reconhecer a infância como idade distinta, como fase de caracteres peculiares, que cumpre estudar e respeitar. Antes dele, a criança era apenas um homem pequeno, em estado meramente transitório, que devia desaparecer quanto antes: “Procuram sempre o homem no menino, sem cuidar no que ele é antes de ser homem”. Cumpre, pois, estudar o menino.

Em seu tratado *Emilio*, Rousseau prolifera suas ideias e cria um conjunto das mesmas, que denominaremos aqui de plano, plano de ação; pedagógico, com ênfase na natureza humana, em que distribui as fases do desenvolvimento da criança, as quais ele chama de idade; traçando assim um caminho que segundo ele, a criança se tornará um adulto bom, capaz de direcionar-se conforme suas ideias e pensamentos.

Nesse plano de ação as idades são distribuídas conforme a necessidade e prontidão do ser. Para todas existem uma orientação pedagógica rousseuniana, mostrando os passos educacionais necessários para o desenvolvimento saudável da criança em formação. Rousseau evidencia a importância de pessoas para o êxito dessa formação, como o pai, a mãe e o preceptor; responsáveis por acompanhar e orientar esse processo; começando pela mãe, figura de extrema importância nesse trabalho.

No livro I, *Emilio*, ele é enfático ao tratar desse assunto;

É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe, que soubeste afastar da estrada principal e proteger o arbusto nascente do choque das opiniões humanas! Cultiva, rega a jovem planta antes que ela morra; um dia, seus frutos serão tuas delícias. Forma desde cedo um cercado ao redor da alma de teu filho; outra pessoa pode marcar o seu traçado, mas apenas tu podes colocar a cerca.
(ROUSSEAU, 2004, p.7-8)

Nesse fragmento, percebemos um Rousseau primeiramente um pouco comeniano quando o mesmo ao referir a criança em formação, faz analogia com a natureza, no sentido fenomenológico comparando seu desenvolvimento com a de uma planta que necessita de cuidados para que cresça virtuosa. E, secundamente, preocupado com as primeiras impressões

da criança, os primeiros contatos, dando por direito a mãe, essa educação, registrando assim a importância da mulher nesses primeiros passos da criança.

Essa preocupação com a criança, o processo de sua formação, principalmente suas primeiras impressões, mostra um Rousseau seguro e determinado com sua ideia de que o homem só pode torna-se homem na sua condição natural de ser, se houver respeito ao desenvolvimento da criança na infância; empoderada da sua natureza humana. E esse respeito ao processo; às suas potencialidades naturais, está associada ao direito dado a criança de ser cuidada na sua liberdade no agir; sem abusos e exageros; bem regrada na “independência ante os outros, regulada pela necessidade”. (Luzuriaga, 1984, p.165). Como o próprio Rousseau afirma no livro II de Emílio.

Deixemos que um momento da vida não carregue esse jugo que a natureza não nos impôs, e entreguemos à infância o exercício da liberdade natural, que pelo menos por algum tempo a afasta dos vícios que se contraem na escravidão. Venham, pois, com suas frívolas objeções esses professores severos, esses pais submissos a seus filhos e, antes de fazerem o elogio de seus métodos, aprendam uma vez o método da natureza.

(ROUSSEAU, livro II, 2014, p.88)

Trata-se de dar a criança condições para que ela seja criança, protagonista de seus atos; sem intermeios de outros, sem apressar seu desenvolvimento, fazendo com que viva o período da infância no próprio contexto da mesma. Se forçar essa ordem produziremos, segundo Rousseau, ‘frutos temporões’, sem sabor; e obviamente, seres vazios da deles mesmos e cheios da opinião dos outros.

Oferecer à criança a oportunidade de agir com liberdade de acordo com sua naturalidade de ser, sob a orientação correta quanto ao uso dessa liberdade diante ao que lhe é oferecido, resume a proposta de Rousseau para a formação do homem. Para ele a autoridade não está em primeiro lugar, mas sim a liberdade, que conduz a criança a querer apenas o que pode e a fazer o que lhe agrada. Assim, todas as regras da educação partem do princípio da aplicabilidade correta da liberdade na formação natural da criança na infância. O deixar acontecer naturalmente o não querer fazer, por ainda não sentir vontade em fazê-lo, seria o marco principal na pedagogia de Rousseau, como ele mesmo deixou registrado no seu Os Devaneios do Caminhante Solitário (2009, p. 85), “Nunca acreditei que a liberdade do homem consistisse em fazer o que quisesse, mas sim em nunca fazer o que não quisesse, e esta é a liberdade que sempre reclamei, muitas vezes preservei e pela qual mais escandalizei meus contemporâneos”.

Essa proposta de liberdade no agir do homem frente ao que o cerca, faz de Rousseau um

grande iniciador e defensor da pedagogia liberal no seu tempo. Para ele enquanto o homem age com liberdade, ele é bom e faz sempre o bem; uma vez que estando conforme a necessidade advinda do homem e, não da sua própria necessidade natural; ele se torna rebelde e submisso ao sistema; com isso se anula perante ele mesmo.

3.3.2 - A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO

Minhas primeiras máximas de educação, embora contrárias às que estão estabelecidas, são de uma evidência a que é difícil para todo homem razoável recusar com sentimento. Mas, à medida que avanço, meu aluno, orientado de maneira diferente daquela dos vossos, já não é uma criança comum; torna-se necessário um regime especial para ele. Então ele aparece com mais frequência em cena, e perto do final não o perco de vista em nenhum momento, até que, diga ele o que dizer, já não tenha nenhuma necessidade de mim.

(ROUSSEAU, 2004, p.30)

O fragmento de ideias exposto faz parte da obra “*Emílio ou Da Educação*” a qual Rousseau usou para explicitar seu plano de ação referente à formação do homem à luz do processo educacional por ele proposto. Utilizando de um aluno imaginário, o autor coloca-se na condição necessária, segundo seu pensamento; com idade, saúde, conhecimentos e talentos convenientes para desempenhar ações no decorrer da sua educação; tarefa essa considerada por ele de extrema significância e de grandeza.

Nessa mesma obra ele trás considerações importantes e fundamentais quanto aos princípios básicos indispensáveis para a aplicação da sua proposta, como também, considerações imprescindíveis sobre a ação do preceptor que conduzirá os trabalhos conforme o conjunto de suas ideias; assunto este que será abordado quando tratarmos sobre as categorias de seu pensamento.

Partindo do pressuposto de que a educação é o caminho mais eficaz para se organizar uma sociedade saudável, Rousseau externaliza suas ideias baseando-as na formação do homem livre segundo a sua natureza humana, capaz de participar no meio em que vive de forma plena, sem interferência dos vícios e hábitos predeterminados pela sociedade civil.

A sua proposta educacional segue baseada em duas concepções de ação educativa: a educação natural e liberal e, a educação como um processo contínuo, sem interferências. São duas vias de ação em um só caminho; o de se estabelecer o que se trata como condição natural do ser e, o de se criar meios para facilitar a evolução das capacidades naturais da criança.

A educação natural por ele proposta é aquela que deve acontecer através da ação dos

instintos, das forças naturais, da essência do ser na sua condição de liberdade para ser. É uma educação que vem de dentro para fora, do próprio indivíduo e não o contrário, que sai da coletividade social, do artificialismo criado pelas instituições. É uma educação que deve acontecer sem as imposições externas, devendo essa priorizar a espontaneidade original, a fim de que o homem venha agir por interesses naturais e não por imposições e constrangimentos advindos da sociedade. Enfim, “Rousseau busca o homem primitivo, natural, anterior a tudo quanto é social” (Luzuriaga 1984). É preciso buscar a criança no seu estado natural, sem deturpações alheias, sem hábitos formados e predeterminados para fazê-las homens antes de fazê-las cidadãos. Como o próprio Rousseau (2004, p. 4), contestou no seu tempo:

Não se conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem. (...) Começai, pois, por melhor estudar vossos alunos, pois com toda certeza não os conheceis.

Para Rousseau a sociedade destrói a liberdade natural do homem ao cercar a sua naturalidade de ser e ver as coisas ao seu redor, bem como, de participar da mesma. “O homem nasce livre e por toda parte encontra-se a ferros”; essa era sua máxima descrita em sua obra O Contrato Social. Sendo assim, o que se exige primeiro nessa proposta educativa rousseauiana é a liberdade, a autonomia no agir, a independência perante os homens e as coisas. Essa liberdade tem que ser bem regrada, possuir limite; acontecer de acordo com as necessidades naturais e não conforme as imposições sociais, a obediência civil.

Sendo assim ele pensa num processo que começa pela base, pela primeira e mais importante sociedade, segundo sua filosofia; a família. Colocando os pais em uma condição de sustento educacional para seus filhos na fase inicial, a infância, chamada por ele de idade da natureza; enaltecendo a figura da mãe como a da verdadeira ama e a do pai como o verdadeiro preceptor.

A primeira educação será oferecida pelos pais os quais deverão entrar em acordo quanto às suas funções e as formas de execução das mesmas. Rousseau é enfático ao colocar o pai como o verdadeiro preceptor da criança, pois, para ele o zelo está a frente do processo da sua formação. Um pai sensato, crítico, que desenvolve seus julgamentos de forma honesta teria um êxito maior na sua ação educacional do que pelo mais competente professor.

A entrega dos pais ao processo de formação dos filhos, colocando-se como coautores dessa ação, é a base principal da educação proposta por Rousseau. A dedicação, o amor, o zelo

e a participação nas atividades que propiciam o desenvolvimento da criança é o alicerce da sua proposta.

Nos ensinamentos de Rousseau também é possível averiguar o lado oposto dessa situação; ou seja, criança educada longe dessa proposta, sem o amparo dos pais, da família; criança afastada, que vive nas pensões, nos conventos, nos colégios; dentre outros, apresentará no seu comportamento o hábito de não estar ligada a nada. Como afirma o próprio filósofo no seu livro I, “*Emílio ou da Educação*”:

Como já não há intimidade entre os pais, como a sociedade da família já não é a doçura da vida, é preciso recorrer aos maus costumes para se satisfazer neste ponto. Onde está o homem tão estúpido para não ver o encadeamento de tudo isso? Um pai, quando gera e sustenta filhos, só realiza com isso um terço de sua tarefa. Ele deve homens à sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis, deve cidadãos ao Estado.

(ROUSSEAU, 2004, p.27)

É um plano de educação progressiva que carece da ação de um preceptor que possui como tarefa afastar a criança dos vícios da sociedade, oportunizando a ela o nascimento das suas potencialidades inatas; levando essa formação até a fase adulta. Rousseau pretendia que o seu aluno antes de tudo, fosse transformado em humano. “Que ele veja e sinta as calamidades humanas, para que a partir de sua visão ao descrevê-la, venha sentir medo de cair neles” (Rousseau 2004). E para que esse desenvolvimento venha acontecer de forma natural, ele conta com a ação de um preceptor no decorrer dessa formação. O qual irá acompanhar atentamente essa formação, criando meios para que sirvam de sustento para o acontecimento de uma educação espontânea, sem imposições de conceitos e de padrões particulares. Educação essa alicerçada pelos preceitos da liberdade de ser; observado os limites do agir humano, segundo suas reais necessidades.

O discípulo de Rousseau, até os 15 anos, deve sentir e exercer sua liberdade perante as forças naturais: se convencerá de que há coisas que a natureza possibilita e outras que não, tudo, porém, está em ordem e assim deve ser. Sob as leis da sociedade, que também ajudará a instituir, mais tarde, ele realizará experiências semelhantes às realizadas sob o império das leis da natureza e se comportará de forma similar.

(DALBOSCO, 2008, p.106)

Nessa perspectiva Rousseau pensa numa educação progressiva desde o nascimento até a idade adulta, atendendo as especificidades da formação em cada fase do desenvolvimento humano. Para isso trás explícito nos seus argumentos a importância de se trabalhar o conjunto

dos aspectos necessários e indispensáveis para essa formação que são os aspectos físico, intelectual e moral, acrescidos dos aspectos sensitivos, ou seja, a razão alicerçada pela vida afetiva, os sentimentos, constroem o homem segundo o ideário rousseauiano.

3.4 - AS CATEGORIAS PEDAGÓGICAS COMENIANAS E ROUSSEUNIANAS

3.4.1 NATUREZA

Iniciamos com a categoria *natureza*, a qual, nos argumentos dos filósofos estudados, se coloca como a base principal, de acordo com a observação desse estudo, para se pensar na reestruturação da sociedade a partir de um novo processo de formação do ser humano. O indivíduo, no estado da natureza ainda não sofreu as influências do meio social; não foi contaminado pelos hábitos, regras e convicções civis; sendo assim, essa condição humana é um dos argumentos comum a esses dois autores. Tanto Comenius quanto Rousseau acreditava que a sociedade poderia ser modificada, restaurada para a melhoria humana, se houvesse uma reestruturação no processo educacional do homem a partir de uma ação orientada, iniciada pelo respeito ao desenvolvimento natural do ser. Ambos acreditavam no método natural, porém, com caminhos diferentes para o trabalho do mesmo.

Para a execução da sua proposta educacional, Rousseau traz dois sentidos para a palavra natureza no seu Emílio que certamente, nasceram sob fortes influências da sua experiência adquirida ao longo da sua formação. Ele descreve uma educação baseada primeiramente na natureza do homem; entendendo como significado de natureza, os instintos naturais, as primeiras emoções e impressões sobre o ambiente que o indivíduo vive. Deixando claro que “o homem natural não é o homem selvagem, mas o homem governado e dirigido pelas leis da própria natureza”. (Monroe, 1984, p.259); cabendo ao processo educacional, por ele idealizado, a tarefa de investigar as referidas leis e estabelecer meios para que as mesmas sejam desenvolvidas. O outro significado, refere-se a natureza relacionada aos elementos naturais; ao contato com as plantas, os animais e os fenômenos físicos, que o homem aos poucos vai distanciando e com isso, perde a oportunidade de exercitar sua observação e despertar sua curiosidade em um ambiente que propicia importante aprendizado de maneira natural e espontânea.

A concepção de natureza em Comenius também se apresenta através de dois sentidos direcionados à formação humana. O primeiro, assim como Rousseau, refere-se ao estado primitivo, alicerce e essência do homem, mas, difere do mesmo quando justifica os motivos dos

desvios dessa conduta. Isso se justifica, devido a sua concepção cristã, o pecado é a causa principal da perda dessa essência natural do ser. Os vícios e hábitos advindos do mundo, por meio daqueles que estão desprovidos do conhecimento de Deus, é o maior obstáculo para que o homem cresça viçoso, íntegro e humano. Esse estado natural para Comenius refere-se ao homem antes de ser corrompido pelo pecado. O outro sentido diz respeito à “providência de Deus” que se refere a concepção de que para tudo há uma finalidade, um propósito, segundo a criação divina do homem; ou seja, já existe na condição interior do homem a força gerada pela “providência divina”, a qual o leva a agir guiados de acordo com sua natureza humana. Conforme justifica Gasparin (1997, p.57-58):

Tudo o que foi criado, existe para um fim. Para que este seja alcançado, todos os seres foram dotados dos órgãos e dos auxílios necessários, bem como de uma tendência própria, realizando assim com satisfação seu destino, obedecendo à sua natureza. Desta forma, o homem é impelido por sua própria constituição, para seu estado primitivo pela força da providência eterna (...). Sobre a primeira natureza do homem, Deus, a Sabedoria Eterna, através da outra natureza, que é a sua Providência, infundiu no homem as raízes eternas da Sabedoria, da Virtude e da Religião.

De acordo com o pensamento de Comenius e de Rousseau sobre a categoria *natureza*, esse estudo observa que, para os filósofos, trata-se de uma categoria comum entre ambos; pensadas por eles como alicerce, necessária e primordial para o trabalho pedagógico de reestruturar o indivíduo, como também a sociedade. Ambos trazem a concepção de natureza como estado primário dos ser, onde tudo se inicia; estado esse o qual se verifica aquilo que é dado ao ser, ou seja, pertence a sua condição humana.

3.4.2 VISÃO DE MUNDO E VISÃO DE HOMEM

Para argumentar sobre a categoria *homem*; antes, faz-se necessário, para melhor entendimento, abordar a visão que Comenius e Rousseau possuem de mundo, uma vez que as demais categorias estão ramificadas nessa visão. Tanto um quanto o outro filósofo possuem seus pensamentos gestados na realidade constituída ao longo da história da humanidade; por isso a importância de buscar o sentido da categoria a partir da significação da mesma por seu lugar ocupado no conjunto; no todo.

Iniciando por Comenius; a visão que ele apresenta de mundo decorre do contexto pelo qual ele vivia. O seu tempo, ou seja, o período histórico o qual pertencia era regido pelo Teocentrismo, teoria que trás Deus como centro do universo; como fundamento de toda ordem

do mundo. Dessa forma, a maneira dele conceber o homem é fundamentada no sobrenatural; no agir de Deus sob a conduta humana.

Na sua Didática Magna Comenius, evidencia que o homem foi criado por Deus e colocado no paraíso eterno, referindo-se ao jardim do Édem no início da criação humana. Lugar esse denominado de “paraíso de delícias, não só para que o guardasse e cultivasse (Gn 2, 15), mas também que ele próprio fosse para Deus um jardim de delícias” (Comenius 2006, p. 21).

O homem era a mais amada das criaturas, feito a imagem e semelhança de Deus. A ele foi oferecido a vontade para escolher o bem ou o mal; foi dotado da sabedoria divina para saber agir perante as diversas situações. Sendo assim, agindo conforme sua natureza, advinda de Cristo, esperava-se que o homem fosse para Deus esse paraíso de delícias.

Assim como o Paraíso era a parte mais amena do mundo, também o homem era a mais delicada das criaturas. O Paraíso foi posto no Oriente, o homem era feita à imagem daquele que existe desde o início dos dias da eternidade. No Paraíso foram produzidas todas as plantas belas de se ver e boas de se comer, escolhidas entre tantas quantas existiam em toda a Terra; no homem foram reunidos todos os elementos materiais e todas as formas e seus graus, para exprimir toda arte da divina sabedoria.

(COMENIUS, 2006, p. 21)

Porém, perde-se esse “paraíso das delícias corporais”, lugar em que estava o homem, como também, o “paraíso das delícias espirituais”, que eram os próprios homens, representado pelo seu agir. A ingratidão do ser para com Deus é extremamente triste e doída, pois, Ele alimentava o seu corpo e a sua alma; situação essa, por algum tempo, não mais vivenciada pelo ser humano.

Mas, como um pai levanta o filho quando cai, curando as suas feridas, assim agiu o Criador, cheio da Sua misericórdia perante o homem; seu paraíso, (que momentaneamente foi abandonado por Ele); criando o céu e a terra e todas as coisas. Fazendo nascer nesse paraíso humano, uma nova plantação, cheia de inteligência, prudência, sabedoria, amor e castidade, que, infelizmente veio se desgeneralizar, se corromper. O homem se vê cheio de deturpações na sua conduta, carregada de estupidez, ódio, injúria, sentimentos de inimizade uns com os outros, de guerra e mentiras.

Diante desse contexto o que se espera é um homem preparado para a vida eterna; não nesse lugar, nessa terra, nesse mundo; mas, para viver no Reino de Deus. Esse homem para experimentar desse prazer da união com Deus precisa ter um coração humilde, pronto para receber a luz divina. Precisa abandonar os prazeres oferecidos pelo mundo e se entregar aos propósitos de Deus. Comenius ao escrever sua obra Labirinto do Mundo, descreve através de

uma oração que lhe proporciona o encontro com o Senhor; a diferença entre dois mundos; o terreno; visto por ele como um labirinto o qual nós vivemos e, o espiritual; vivido pelos verdadeiros cristãos.

A experiência mística transfigura-o e o faz encontrar a verdadeira felicidade. Outros óculos são dados ao peregrino e ele pode assim discernir melhor as vaidades do mundo e distinguir os cristãos autênticos que formam uma cidade bem diversa do labirinto. “Com imenso prazer vi que tudo ali era diferente do mundo. Pois no mundo eu encontrava por todas as partes trevas e cegueiras, e aqui clara luz; no mundo engano, aqui a verdade; no mundo muitas desordens, aqui uma ordem excelente; no mundo desassossego, aqui tranquilidade; no mundo cuidado e aflições, aqui contentamento e alegria; no mundo faltas, aqui abundância; no mundo escravidão e opressão, aqui liberdade; no mundo tudo difícil e custoso, aqui tudo fácil; no mundo inúmeros acidentes, aqui só segurança”.

(COVELLO, 1999, p. 48)

Comenius com sua visão criacionista, baseada na fé da criação, pretendia a formação do homem que seria para Deus aquele que permaneceria agindo conforme os desígnios das sagradas escrituras; tendo o Criador como Senhor da sua vida.

Rousseau vem de um período histórico também muito, cheio de injustiças e desigualdades no meio social; alimentado pelo Antigo Regime e que tinha na soberania, a monarquia e a Igreja e, por essa razão, foi um período de profundas mudanças.

Havia duas concepções de mundo no contexto em que ele estava inserido, ambas relacionado a ordem militar, liderado pela nobreza e, a segunda, diz respeito a ideologia exercida pela atividade da Igreja, principalmente pela certificação do poder absoluto dos reis.

Nesse cenário marcado pelo luxo da nobreza e pela supremacia da Igreja vivia um homem desprovido de ação própria, seguidor da vontade e opinião do outro, obediente às imposições da monarquia absoluta, e sustentada pelo poder das bases religiosas. Era necessário repensar essa situação, buscar caminhos para libertar o homem desse domínio governamental. Dessa forma, diante dessa realidade, sob a liderança de grandes intelectuais, como o próprio Rousseau; vários protestos surgiram, objetivando desenvolver a liberdade do homem, sob a perspectiva do racionalismo humano.

O movimento dos iluminados foi um desses protestos acontecido na era rousseuniana; composto por pensadores que a partir das suas ideias explicitadas também na obra *Encycloèdie*, ou *Dictionnaire raisonne des sciences, des arts et métiers* (1715-1772), deram corpo ao movimento que se iniciava, conhecido como iluminismo.

Conceitos como democracia, república, liberdade, razão; dentre outros, foram colocados em

estudos, permitindo suscitar nos estudiosos uma nova visão de mundo e de homem; confrontando assim o antigo sistema. Desse movimento surge as ideias de empirismo e racionalismo que vieram colaborar no entendimento do contexto histórico vivido pelo homem e, como também, desencadear ações que propiciem uma nova perspectiva de vida.

O objetivo do iluminismo era libertar o pensamento do domínio do terrorismo sobrenatural; estabelecer a personalidade moral do indivíduo, independente das formas eclesiásticas e sociais; demonstrar a liberdade intelectual e independência do homem; destruir o terror que pairava sobre os sentimentos; aniquilar o absolutismo no pensamento, a tirania na ação, exercidos especialmente pela Igreja, e, como completo da Igreja, pela monarquia. O iluminismo fundava-se numa fé suprema na razão do indivíduo, na justiça do estado, na tolerância as crenças religiosas, na liberdade da ação política, e nos direitos do homem.

(MONROE, 1984, p. 250)

A visão de mundo de Rousseau encontra-se entrelaçada a esse movimento, o qual, todos os intelectuais dessa época reconheciam a supremacia da razão; ou seja, o uso da mesma para conduzir sua participação no sistema, como também, para definir os aspectos que solidificariam a formação do novo homem para ser inserido na sociedade.

Com essa “visão de mundo iluminista”, “Rousseau coloca o ser humano, sobretudo em seu aspecto individual, como centro da realidade, criando assim, “uma postura antropocêntrica e individualista” (BATISTA, 2010, p. 156)”. A partir dessa visão, há de se prosseguir trazendo a concepção de ser humano; nascida sob a ótica desse contexto, ou seja, desse olhar rousseauiano do mundo que o cerca.

Ao colocar o homem no centro das atenções de todo processo social, educacional e político; Rousseau enxerga um ser em um estado diferente daquele produzido pela sociedade como um todo. Um homem diferenciado pela sua condição natural de ser; uno; único e que é tudo para si mesmo. Mesmo não estando explícito nos seus escritos; suas argumentações acerca do conjunto dos aspectos que compõem a formação do ser humano; certamente foram sustentadas pelas teorias advindas da Grécia Clássica, considerada berço da civilização humana. Isso porque, segundo (Cotrim, 1988, P. 89); foram os gregos “os primeiros a formular o conceito de homem como sendo primariamente, um ser racional.

Rousseau buscava a formação do homem natural; o primitivo, que viveria em harmonia com seu semelhante, livre da violência; guiado pela razão; filosofia defendida por ele no seu *Emílio* e no *Contrato Social*. Sob essa perspectiva, ele posiciona-se sobre a importância de formar um homem no seu estado natural, colocando-se contrário ao homem por ele denominado de civil, que fazia parte da realidade social na qual ele vivia.

O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social.

(ROUSSEAU, 2006, p. 11)

Segundo Rousseau, o homem civilizado ficou dependente das artificialidades criadas pelas instituições sociais. É um homem que age conforme padrões estabelecidos que, coercitivamente são conduzidos a aceitar e a se direcionar no meio social. E, o homem formado a partir do seu estado natural, agiria com liberdade nas suas ações, sem precisar colocar-se submisso ao sistema, como também, às pessoas. Esse seu agir estaria sustentado pelas suas convicções que foram construídas a partir do seu retorno ao estado de bondade; o qual Rousseau procurava sempre evidenciar; que o homem é bom naturalmente.

A partir dessas constatações verifica-se que as ideias de Comenius e de Rousseau divergem-se quanto a categoria *visão de mundo* e *visão de homem*. Comenius possui uma visão criacionista de mundo, a qual Deus e Sua revelação ao homem se coloca no centro da realidade; já Rousseau sustenta uma visão iluminista/racionalista em que o homem é a base das atenções sociais, políticas e educacionais.

Em se tratando da concepção de homem, tanto Rousseau quanto Comenius construíram seus projetos de formação humana partindo da condição do homem em seu estado natural de ser, havendo assim, uma convergência de ideias.

3.4.3 - SOCIEDADE

Na concepção *estado de sociedade*, verificamos o quanto é importante e necessário tratar dessa categoria política, visando apreender o sentido da visão de grandes pensadores históricos, tais como Comenius e Rousseau, objetos da nossa pesquisa; isso porque suas convicções a respeito da mesma constituem alimento para a composição de seus ideários relacionados à reforma social. Tanto um quanto outro são pensadores e reformadores sociais, os quais, com suas teorias, ousaram propor uma reestruturação da sociedade a partir da educação; mais especificamente, do processo de formação humana.

Tanto Comenius quanto Rousseau enxergava uma sociedade doente, enfraquecida pelo domínio das instituições sociais. Um vivia o período da transição do feudalismo para o capitalismo, sob o domínio da Igreja (Comenius) e; o outro fazia parte de um cenário social, estruturado pelo domínio da aristocracia; marcado por diversas revoluções (Rousseau).

O estado de sociedade em Comenius está minuciosamente entrelaçado com as mudanças sofridas na estrutura social, política, religiosa e cultural. Como tendência dominante pode-se examinar: a ruptura e a transição do feudalismo para o capitalismo que trouxeram “transformações na mentalidade, nas crenças, na forma de vida das pessoas e da sociedade” (Gasparin, 1994, p.32). Porém, as novas estruturas sociais apresentam também, resquícios dos traços da sociedade anterior; sendo assim, olhando por esse viés, havia dois tipos de pensamento na sociedade como um todo: os dirigidos por uma mentalidade dogmática e; os que se sustentam de pensamentos diferentes a essa concepção.

A ciência moderna aos poucos foi tomando espaço na composição da nova classe social, substituindo o saber inquestionável advindos das bases religiosas, por conhecimento acerca da natureza e suas leis, como também, da utilidade desse saber; dessa forma, estava se formando a mentalidade científica no homem.

Ora, foi a partir da independência da pesquisa científica do pensamento religioso que a ciência alçou seu voo, chegando a negar depois qualquer parentesco até com a filosofia (como se pudéssemos fazer ciência sem pressupostos filosóficos). Porém, a setorização estanque do conhecimento tem provado muitas vezes a angústia existencial, que desemboca no niilismo contemporâneo.

(COVELLO, 1999, p. 10)

Destarte, o homem envolvido pelo pensamento científico; o qual vai colocando-o independente do pensamento religioso, começa a abandonar as explicações sagradas, opondo-se aos critérios do exercício da fé, do conhecimento sobrenatural e, conseqüentemente; da revelação divina; ou seja, o espírito da dúvida, da crítica, da capacidade de discernimento; vai ocupando o lugar da crença dogmática religiosa; isso porque o simples saber contemplativo não mais interessava ao homem que, buscava por um saber explicativo, ativo, que viesse transformar e não apenas contentar; preencher.

O que se aspirava para a nova sociedade era uma sólida formação universal, em que todos devem ser educados para serem íntegros, honestos, sábios conhecedores da verdade, principalmente da verdade absoluta que é Deus; para se tornar imagem e semelhança Dele; pois Nele está o princípio de tudo; do conhecimento; do amor; da fé e da compaixão para com nossos irmãos.

A sociedade apresentava para esse homem um cenário de mudanças profundas que interferiram no seu modo de agir, exigindo dele condições de interagir em meio as transformações. A sua formação desenvolvida numa única dimensão, a espiritual, ocorrida no

século anterior, não mais o permitia se adequar as novidades trazidas no século do método; da pedagogia realista. Era necessário uma educação que abrangesse outras dimensões, ou seja, a totalidade na sua formação.

Para uma verdadeira formação universal não apenas é necessário que todos sejam educados em tudo, mas que o sejam universalmente (omnino). Isso “não para pompa e brilho exterior, mas para a verdade. Ou seja, para tornar todos os homens o mais possível semelhantes a imagem de Deus (segundo a qual fomos criados), isto é, verdadeiramente racionais e sábios, verdadeiramente ativos e ágeis, verdadeiramente íntegros e honestos, verdadeiramente piedosos e santos, e, desse modo, verdadeiramente felizes e bem-aventurados, neste mundo e por toda a eternidade”.

(COMENIO, 1971, p.38)

Comenius presenciando toda essa transformação que tinha como pano de fundo uma ciência que se colocava isenta da metafísica, do conhecimento, da filosofia primeira; apresenta solução para esse impasse. Com a sua pansofia, ele trás o caminho para desenvolvimento do conhecimento, colocando a ciência, a filosofia e a religião como instrumentos para o acesso a realidade.

Incorporando todas as formas de conhecimento humano, Comenius desejava que o mundo fosse apreendido nas suas diversas dimensões. Para isso se concretizar, ele via na educação o meio mais eficaz para atender uma sociedade que aspira por mudanças quanto à realização humana, a paz entre os povos, o encontro com Deus na sua plenitude humana e a reestruturação sociopolítica.

A concepção de *estado de sociedade* em Rousseau inicia a partir da sua rejeição da teoria do pecado original (a qual apresenta justificativas para o sofrimento e a imperfeição humana, através dos pecados cometidos pelos homens) e, da rejeição do pensamento de Thomas Hobbes; teórico absolutista que defendia que as pessoas, são naturalmente egoístas. Ao passo que Rousseau, acreditava na bondade natural do homem.

A sociedade a qual Rousseau fazia parte era, aos seus olhos, uma instituição arranjada, artificializada; criada pelas mãos do homem, que se faziam proprietários da mesma; impondo suas leis, normas e crenças; desmerecendo os princípios da natureza humana; lugar esse onde a hipocrisia reinava em absoluto. Essa sociedade decorre de um período dominado pela política, religião e pelo absolutismo monárquico que exercia uma autoridade suprema em todos os aspectos históricos sociais e que necessitava urgentemente passar por mudanças conduzidas por líderes reformadores, sendo Rousseau, um deles (explicação realizada quando tratamos da visão

de mundo).

Rousseau não mede as palavras quando se trata de qualificar a sociedade civil, de modo especial, a do seu tempo. Trata-se de uma estrutura que funciona contrariamente ao que deveria, inversamente às aspirações de felicidades das pessoas. É uma estrutura hipócrita e que conduz a hipocrisia, mentirosa e que ensina a mentir, corrompida e que corrompe, dissimulada e que faz viver de aparências. É uma estrutura autoritária que ordena, ameaça, castiga, censura. As pessoas, necessariamente, tornam-se arrogantes ou submissas, esquivas ou bajuladoras, vaidosas e invejosas, egoístas e avarentas, moralistas e pedantes. Toda a sorte de vício aí frutifica em abundância. Nada está no devido lugar.

(DALBOSCO, 2008, P.95)

Rousseau referia-se a essa sociedade como civil que apresenta, no conjunto da mesma, uma espécie de dependência do homem para com as coisas; a sua relação com o todo é que definir o seu valor no meio social. A forma dos homens se relacionarem nessa sociedade era totalmente corrupta com a natureza humana; uma vez que estando no estado civil, almejam para si mesmos, distinção e prestígio pessoal, em detrimento do outro, enxergando neste, a sua miséria humana, comparado ao grau de superioridade em que o mesmo se coloca. Era preciso transformar essa situação; rever essa sociedade construída sobre o alicerce da desigualdade e, encontrar na educação natural o caminho para que o homem saia desse sentimento de pertencimento; de propriedade que se instaurou no seu agir. Não se trata de buscar no estado natural justificativas para essas desigualdades, mas, buscar entendimento para vencer as barreiras à liberdade imposta pelo estado civil.

Rousseau reconhece a necessidade da sociedade civil, composta pela organização das instituições. Ele enxergava os benefícios da mesma, para a vida em sociedade; o que precisa ser revisto é o papel que o homem desempenha na sua condição civil. Dessa forma ele pensava na reorganização dessa sociedade, baseando-se nos princípios da educação natural, por ele idealizado. Conforme Batista (2010, p. 127) sustenta:

O estado civil, conforme atesta Rousseau, é responsável, em princípio pelo aprimoramento intelectual, moral e afetivo do ser humano, que significa afirmar que a vida em sociedade não é algo necessariamente maléfico; o problema é que a mesma condição que franqueia progresso à humanidade também lhes franqueia decadência, motivo pelo qual Rousseau ocupa-se de descobrir uma maneira de conciliar as vantagens do estado civil com a inocência, a pureza e a simplicidade humana do estado natural; principalmente o Contrato Social e o Emílio constituem os esboços maiores do projeto rousseauiano voltado a concretizar a sociedade e o indivíduo concomitantemente harmônicos com a natureza, o que derruba a tese de que Rousseau era contra a vida em sociedade (tal como, por exemplo, pensava Voltaire a seu respeito). (...)

Rousseau enxergava na sociedade civil a extensão do estado natural. Seria na coletividade, no conjunto com os outros é que aplicar-se-iam os fundamentos básicos e necessários a convivência humana saudável. Sendo assim, ele pensava em uma sociedade harmônica e intelectual, que aceitava a razão como guia do pensamento humano.

Conclui-se que na categoria estado de sociedade, as ideias comenianas e rousseaunianas se convergem quanto a necessidade de estado civil, reformulado conforme suas convicções para o mesmo

3.2.4 PRECEPTOR

Para se tratar da concepção do *estado de professor* abordado nas visões de Comenius e de Rousseau, é necessário ressaltar que a figura do preceptor na perspectiva dos dois autores, está ligada ao contexto pelo qual os filósofos estão inseridos; o que, por sua vez, mostra uma educação sendo oferecida para uma minoria da classe social; devido não haver escolas públicas para que a educação fosse oferecida para todos; com isso, somente os filhos das classes abastadas a ela tinham acesso.

Outro aspecto a ser observado é o fato de que, para Comenius e para Rousseau a educação das crianças e dos jovens compete em primeiro lugar aos pais; porém, devido ao crescimento e expansão social e também, o aumento dos afazeres do dia; os pais já não tinham tempo suficiente para dedicarem a educação dos filhos; sendo assim, o preceptor passa a ser uma necessidade para a nova sociedade. Conforme o próprio Comenius (2006, p. 83), explica na sua Didática Magna:

No entanto, como tanto os homens quanto as questões humanas se multiplicaram, raros são os pais que sabem ou podem educar os filhos e que têm tempo suficiente para isso: felizmente, já há tempos afirmou-se o hábito de confiar muitos filhos em conjunto a pessoas escolhidas para instruí-los, pessoas eminentes pela cultura e pela austeridade dos costumes. Esses educadores são chamados preceptores, pedagogos, mestres e professores: os locais destinados a esse ensino comum são chamados escolas, institutos, auditórios, colégios, ginásios, academias, etc.

O estado de preceptor na concepção rousseauniana e comeniana é de extrema importância, apesar das diferenças relacionadas à composição da identidade desse profissional; devido ao contexto no qual se encontram. Tratado como artesão (por Comenius) e como uma pessoa “mais do que um homem” (por Rousseau); a figura do preceptor está relacionada ao

fator de entrega humana; aquele que se doa ao outro na intenção de melhorar o outro.

Comenius com seus propósitos educacionais distribuídos na sua Didática Magna apresenta diversos princípios pedagógicos para serem trabalhados no processo da formação humana; visando fazer acontecer à educação universal, por ele idealizada. No conjunto de ações que estão subdivididas três dimensões denominadas, por mim, de formação do homem; reforma das escolas e, na didática como arte universal. Dessa forma, para se cumprir essa tarefa será necessária à presença do preceptor para que se atinjam plenamente os objetivos desse importante plano de ação pedagógica.

Ao preceptor da sua época, Comenius dirige várias críticas, talvez a principal de todas que tenha feito nos escritos das suas obras pedagógicas, foi a qual acusa que a maioria deles ignorava completamente a arte de ensinar. Com isso, ele vem ao longo da sua trajetória pontuando situações que sustentam sua teoria de que era necessário haver uma reforma na escola e no ensino.

A crítica comeniana ao sistema de ensino recai com mais ênfase na questão dos métodos de ensino utilizados nas escolas; colocando os preceptores como pessoas totalmente despreparadas para ocupar importante função. São erros inaceitáveis quando se trata de formação humana; que mais fazem os alunos se distanciarem das escolas de que, tomar gosto pela mesma.

Portanto, erram os instrutores que querem levar a cabo a formação da juventude ditando muitas coisas e obrigando a decorá-las, sem uma cuidadosa explicação. Erram também os que querem explicar e não conhecem o método, não sabem de que modo abrir lentamente a raiz para nela inserir o enxerto das ciências. Desse modo estragam os alunos como alguém que, para cortar uma planta, usassem um bastão ou um bate-estacas em vez de faca.

(COMENIUS, 2006, p.156)

Em seu plano de reforma das escolas, Comenius defende a ideia de que toda a juventude pode ser introduzida no mundo das letras e obter resultados satisfatórios quanto ao seu progresso no seu desenvolvimento; uma vez que, “já existindo nele as sementes da ciência, da moral e da piedade”, conforme sustenta Gasparin (1997, p. 133), basta apenas métodos de ensino coerentes e preceptores preparados pra aplicá-los.

Comenius propunha uma escola moderna para sua época, a qual apresenta no conjunto das suas ações, propostas para um ensino mais atraente que proporciona ao aluno condições para haver aprendizagem e desenvolvimento nos aspectos físicos, intelectuais e morais; por esta razão, ele denomina a sua escola “oficinas da humanidade”, que irá preparar seu aluno para a

vida.

Para essa escola ele pensa na figura do preceptor como se fosse aquele que conduzirá a efetivação dos seus propósitos; cabendo a ele um preparo específico para executar essa importante missão; se despreendendo das velhas práticas que não ensinavam nada, além de simplesmente decorar o que era ensino, sem antes preparar o seu aluno para receber o ensinamento.

Comenius compara o preceptor ao artesão, que possui na sua prática uma riqueza de detalhes que o leva a quase perfeição nos resultados obtidos. O filósofo apresenta-o como modelo a ser seguido.

Devido ao fato desse profissional focar sua atenção particularmente na natureza da prática da produção, podemos dizer que a matéria determina a sua ação; Dessa forma, enxergamos que o propósito pedagógico de Comenius é colocar o aluno no centro das atenções pedagógicas, sendo por ele; o motivo que o faz pensar em um novo homem, uma nova sociedade.

Assim assevera Gasparin (1994, p. 134).

Os professores e o ensino deviam, por tanto, configurar, na ordem intelectual, o processo de trabalho manual do artesanato. Por isso, as semelhanças multiplicam-se. Os artesãos trabalham em oficinas, os professores, em escolas, que também se tornam oficinas. A oficina é o lugar onde o oficinheiro, ou artesão, exerce o seu ofício; assim a escola será um lugar onde o novo artesão - o professor - desempenhará sua função. É na oficina se fazem consertos especializados, ou são realizadas grandes transformações na matéria-prima que lá entra, produzindo objetos móveis, tecidos, instrumentos necessários e úteis ao homem. Da mesma forma na oficina - escola, o artesão - professor tem a missão de consertar ou transformar a matéria-prima humana viva, mas bruta, em “homens” preparados para que sirvam à Igreja, ao Estado e à Economia.

Para Comenius o preceptor deverá saber desenvolver nos seus alunos sabedoria, eloquência, virtude e piedade, da mesma forma que o artesão trabalha com a matéria que lhe foi confiada; aplicando a mesma docilidade nas ações desempenhadas. Ele ressalta ainda que esses instrutores devem ser honestos, ativos, cuidadores e exemplos de virtudes para seus alunos; evidenciando, assim, a importância dos valores humanos, extremamente necessários para o homem na sua formação integral.

Comenius apresenta outra denominação para o preceptor; o de jardineiro; evidenciando-a nessa comparação a estreita relação existente entre natureza e arte. Fazendo analogia com o trabalho do sementeiro, que cuida da terra preparando-a para receber a semente; ele coloca o

preceptor como semeador das ciências no espírito.

O jardineiro também atenta para que tudo aconteça no tempo devido. Não semeia durante o inverno (porque então a linfa está tão aderente a raiz que não sobe para alimentar o rebento), nem no verão (porque a linfa já está espalhada pelos ramos), nem no outono (porque a linfa se está retirando para a raiz) mas na primavera, quando o humor começa a difundir-se a partir da raiz e a alimentar as partes mais altas da planta.

(COMENIUS, 2006, p.147)

Por fim; mesmo Comenius dando ênfase maior ao método de ensino e pouca em relação a figura do preceptor ele é claro ao descrever sobre a missão que o mesmo deve desempenhar, colocando-o como modelo a ser seguido, devendo este, ser exemplo de sabedoria e de santidade; objetivo da educação universal por ele propostas.

Rousseau ao tratar do preceptor na sua obra Emílio; assim como Comenius; ressalta que para essa função, não pode ser qualquer tipo de pessoa, uma vez que, educar o homem virtuoso segundo os princípios dados pela natureza, é tarefa a ser desempenhada mais com exemplos, do que com palavras. Devendo este não fazer uso da tirania e da forma, nem mesmo de constrangimento ao seu aluno.

Na concepção rousseuniana de preceptor, vamos encontrar Rousseau atribuindo essa função primeira ao pai (relato apresentado por mim ao expor sobre a categoria educação); para ele o pai é o verdadeiro preceptor da criança na sua infância e juventude; pessoa mais preparada a ajudar a criança a conservar sua forma original, sua bondade única; preservando-a de todos os riscos que possam corromper sua formação.

Outro fato que merece ser compartilhado é a questão de que o próprio Rousseau se coloca como preceptor de Emílio para, através de seus escritos, das suas teorias; educar o jovem, mesmo sem nunca ter exercido importante função. Como o próprio Rousseau (2006, p.29) sustenta; “Sem condições de cumprir a tarefa mais útil, ousarei pelo menos tentar a mais fácil. A exemplo de muitos outros não porei mãos à obra, mas, à pluma e, em lugar de fazer o que se deve, empenhar-me-ei em dizê-lo”.

Rousseau apresenta um plano de ação pedagógica para Emílio o qual, está recheado de sugestões, muitas vezes ousadas, que afrontam o sistema político, social e educacional. Talvez a principal delas seria o novo sentido dado a educação para a sociedade humana como um todo. Para a formação de seu aluno, Rousseau cria um programa minucioso o qual faz divisões quanto as fases de desenvolvimento do mesmo e, detalha com riqueza pedagógica, como deveria ser conduzida essa formação.

O preceptor desse aluno irá fazer cumprir esse programa na condução de todo processo; ficando com seu aluno desde o seu nascimento até a fase adulta; facilitando o seu desenvolvimento, repetindo sua condição natural de ser.

Concordo que é muito diferente acompanhar um rapaz durante quatro anos ou conduzi-lo durante vinte e cinco. Dais um preceptor para vosso filho quando já está formado; eu quero que ele tenha um antes de nascer. Vosso homem pode trocar de aluno a cada cinco anos; o meu não terá mais do que um. Distinguis o precepteur do gouverneur: outra loucura! Distinguis o discípulo do aluno? Só há um ciência a ensinar às crianças, que é a dos deveres do homem. Essa ciência é una e, diga Xenofonte o que disser da educação dos persas, ela não se divide. De resto, prefiro chamar de gouverneur e não de precepteur o professor dessa ciência, pois trata-se menos, para ele, de instruir do que de dirigir. Não deva dar preceitos, e sim fazer com que eles sejam encontrados.

(ROUSSEAU, 2004, p.31)

Assim como Comenius, Rousseau defende a necessidade de um preceptor para conduzir a educação por eles idealizada e que o mesmo precisa passar pelo processo de escolha criteriosa.

O estado de preceptor na visão comeniana e rousseuniana apresenta uma divergência, relacionada ao método utilizado na condução do processo educativo; para Comenius a orientação e o auxílio, oferecido pelo preceptor ao seu aluno que está no processo natural de crescimento; deverá ser oferecida em conjunto, na coletividade; já para Rousseau, essa ação não é válida, isso porque, o processo se desenvolve de maneira individual; ou seja, um preceptor para cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar essa pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de um enfoque sobre filosofia comparada da educação, a qual procurou evidenciar dois tipos de pensamentos pedagógicos, constituídos pelos filósofos Comenius e Rousseau e que trouxe como objeto principal desse estudo, as convergências e as divergências entre os mesmos; se faz necessário apresentar uma síntese geral dos resultados dessa pesquisa que foi realizada sob a ótica do materialismo histórico-dialético. Resultados aos quais se chegaram a partir dos objetivos propostos inicialmente, que, por sua vez, partiram da problemática central constituída por uma

indagação acerca de, que modo se pode demonstrar a importância dos ideários dos dois filósofos para a educação; sobretudo o plano de ação pedagógica encontrado nas suas teorias. Constatando assim que a influência ou a importância dos mesmos não foi suficientemente demonstrada conforme necessita; porque ainda se requer um trabalho detalhado na explicitação conceitual dos seus pensamentos.

Como o objetivo geral deste trabalho foi demonstrar através de um estudo comparativo, a influência dos pensamentos de Comenius e de Rousseau para a educação, estabelecendo as aproximações entre os dois filósofos; certifica-se que, em primeiro; suas ideias formam notoriamente impactantes para os seus tempos, como também, para a história da pedagogia e; em segundo; que, mesmo os autores vivendo em épocas diferentes, seus pensamentos filosóficos educacionais se aproximam quando o sentido principal se eleva ao fator da reestruturação social, através da reorganização no processo educacional para a formação do homem.

Utilizando de caminhos distintos os autores tratam com especificidade a educação como meio principal para promover as reformas necessárias no âmbito social, político e educacional. Os resultados apontam para o fato de que as pedagogias comeniana e rousseuniana podem ser classificadas como: *pedagogia da essência* (no caso de Comenius), sustentada por sua visão criacionista de mundo e, *pedagogia da existência* (no caso de Rousseau), fundamentada pelo racionalismo; empirismo e naturalismo. Reconhecem a importância da natureza no processo pedagógico, pensadas por eles como alicerce; necessária e primordial para o trabalho educacional na formação do indivíduo, e conseqüentemente na reforma social.

No início desse trabalho afirmou-se também que, para se atingir o objetivo geral, seria preciso atingir alguns objetivos específicos, os quais, por sua vez, serão revisados a partir de então. O primeiro objetivo específico consistiu em explicitar as conjunturas histórico-sociais a que eles pertencem, com a intenção de estabelecer as inter-relações entre as vidas, as épocas e as obras desses dois autores, objetivando examinar as interferências advindas dessas conjunturas para a compreensão de seus pensamentos pedagógicos. Sendo assim, no primeiro e no segundo capítulos foram estabelecidas as contextualizações históricas de Comenius e sequencialmente, de Rousseau; as quais evidenciaram que os pensamentos dos filósofos foram gestados no seu tempo, nos quais, os mesmos participaram de situações que estavam entrelaçadas com os acontecimentos da época vivida por eles. Situações conflitantes relacionadas a formação, à política, a tolerância religiosa e, a educação.

A forma como viveram e vivenciaram essas situações ao longo das suas trajetórias de vida, influenciou na formação de seus pensamentos e conseqüentemente, no desenvolvimento das

suas obras, principalmente aquelas relacionadas à educação. Tanto Rousseau quanto Comenius se colocaram como os próprios preceptores nos seus tratados de educação, devido às considerações que fizeram da figura do preceptor para desenvolver os seus projetos educacionais. As suas obras *Didática Magna*, de Comenius e; *Emílio, ou Da Educação*, de Rousseau; são verdadeiros tratados de educação, que trazem explicitamente um plano de ação pedagógica para a formação humana, baseada nos princípios éticos, morais, religiosos e racionais. Obras essas elaboradas para os seus tempos, porém, extremamente necessárias para se pensar problemas teóricos e práticos da educação nos tempos atuais.

No terceiro capítulo, buscou-se esclarecer o segundo e o terceiro objetivos específicos deste trabalho, consistindo em uma abordagem geral nos ideários educacionais dos filósofos e, nas categorias dos pensamentos que articulam as filosofias dos mesmos; como também na sistematização de tais categorias, estabelecendo as aproximações existentes nos seus conjuntos de ideias filosófico educacionais. Constatou-se que estes objetivos foram atingidos ao mesmo tempo; isso porque a cada estudo apresentado referente à classificação dessas categorias, tanto no conjunto de ideias comenianas, quanto rousseauianas, já se estabelecia a relação e as aproximações destas com as outras; classificando-as conforme sua função predominante nos âmbitos dos pensamentos desses autores.

Foram apresentadas também, as visões de mundo e de homem encontradas nos ideários de Comenius e de Rousseau, as quais se pode averiguar o eixo central, norteador das ideias que os aproximam e os distanciam. Dessa forma, encontramos na visão de mundo dos dois autores o marco principal das suas divergências; uma vez que Comenius vincula-se a uma visão criacionista; ao passo que Rousseau advindo das bases iluministas, constrói seu pensamento segundo o racionalismo e o empirismo; quanto à visão de homem, tanto Rousseau quanto Comenius construíram seus projetos de formação humana partindo da concepção do homem em seu estado natural, havendo aqui uma aproximação de pensamento; porém, em se tratando dos fins dessa formação; enxergamos um posicionamento diferente entre os dois filósofos; em que, por sua vez, Comenius apresenta uma visão teocêntrica, sobrenatural, construída sob a perspectiva de Deus como centro da realidade humana; e Rousseau comunga de uma concepção antropocêntrica e individualista, em que o indivíduo é visto como o centro de tudo.

A partir dessa análise constata-se que Comenius e Rousseau são grandes contribuidores para a história da educação e da pedagogia; suas ideias nascidas dentro de velhas estruturas perpetuam ao longo dos tempos; colocando-se como novas, quando se trata de pensar sobre os problemas atuais da educação; sobretudo problemas relacionados à formação dos valores humanos, a falta deles; como também, problema da cidadania, o qual, por sua vez, vincula-se

ao problema da democracia. Mesmo estando cada um em sua época; vivendo em contextos diferentes; os autores enxergam na educação do homem o meio mais eficaz para se pensar em uma sociedade mais saudável; de um lado uma sociedade composta por homens que têm como alvo a ser atingido; a união com Deus, priorizando o mundo interno e divino existente no coração: em detrimento das ilusões humanas, (pensado por Comenius); do outro lado; uma sociedade construída a partir dos alicerces da igualdade, fraternidade e liberdade para a conduta humana (idealizado por Rousseau). O propósito dos filósofos estudados era de se formar um homem virtuoso para o seu tempo; um cidadão; civil, aos olhos de Rousseau e, cristão; aos olhos de Comenius. De um lado uma Pedagogia da Ciência/essência com visão cristã (Comenius); de outro uma Pedagogia da Existência com visão liberal (Rousseau). O que se enxergou nas entrelinhas desses estudos foi um grande sentimento de sensibilização para com os assuntos relacionados à formação humana; ambos os autores se colocam enternecidos ao se posicionar frente seus propósitos educacionais; suscitando assim, aos olhos dessa pesquisadora, uma ação advinda de uma educação da sensibilidade. Isso porque, o que se viu foi uma verdadeira batalha a favor da dignidade humana, da busca incessante da justiça, da benevolência, do bem, do respeito ao outro e ao diferente e do reconhecimento do homem como um ser pensante e atuante.

Ao longo da história humana, nos mais diferentes contextos sociais e culturais, sob olhares os mais diversos, várias pessoas propuseram com convicção suas grandes utopias (quando não, morreram por elas); utopias essas que guiaram e ainda guiam o ser humano em busca da sociedade ideal. Pessoas assim, como Rousseau e Comenius que foram pensadores e idealizadores na época em que viveram e permanecem eternizados como clássicos na história da educação.

Desse modo, conclui-se que as constatações apresentadas nesta pesquisa declaram a favor da atualidade dos pensamentos comeniano e rousseuniano; ambos são defensores dos direitos humanos como também, da educação como processo facilitador da formação humana. Sendo assim, pensando por essa perspectiva, ressalta-se o quanto as suas propostas pedagógicas, apesar das suas limitações, teriam a contribuir aos educadores nas suas práticas educativas; principalmente para aqueles que trabalham diretamente com as crianças; e que devido a essa peculiaridade, possuem as condições propícias para implementar projetos que propiciem uma formação que possibilite o despertar das potencialidades humanas; a harmonia com a natureza e consigo mesmo; contribuindo dessa forma, para a construção da sociedade hoje, possível; mas sempre em busca da sociedade ideal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. de A. História da Educação. 2ª ed. revista e atualizada. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, B. S. A atualidade do pensamento de Comenius. Salvador: Edufba, 1996.

ARRIÈS, P. & DUBY, G. (orgs.). História da vida privada: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo-SP: Editora Companhia das Letras, 2009.

BATISTA, G. A. O naturalismo e o contratualismo em John Locke e em Jean-Jacques Rousseau. 1ª ed.- Curitiba, PR: CRV, 2010.

BUFFA, E. Educação e cidadania: quem educa o cidadão? In: Educação e cidadania burguesas. São Paulo: Cortez, 1986.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

CAMBI, F. História da Pedagogia, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2000.

- CASSIRER, E. A questão Jean-Jacques Rousseau. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- COLOMBO, L. O projeto de Comenius: um paradigma para o ciberespaço. A criação de um novo espaço do saber com a tecnologia. Dissertação (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.
- COMENIUS, J. A. Didática Magna. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Paidéia)
- COTRIM, G. e PARISI, M. Fundamentos da Educação. 14 edição. Saraiva. 1988.
- COVELLO, S. C. Comenius e a construção da pedagogia. São Paulo: Editora Comenius, 1999.
- COVELLO, S. C. Comenius, a construção da pedagogia. São Paulo: SEJAC, 1991. 99 p
- DALBOSCO, C. A. CASAGRANDA, E. A. (Orgs). Filosofia e Pedagogia: aspectos históricos e temáticos. Campinas, SP: Autores Associados - (coleção educação contemporânea), 2008.
- DENT, N. J. H. Dicionário Rousseau. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. (Dicionários de Filósofos).
- GASPARIN, J. L. Comênio ou a arte de ensinar tudo a todos. Campinas: SP: Papyrus, 1994.
- GASPARIN, J. L. Comênio: a emergência da modernidade na educação. Petrópolis:RJ: Vozes, 1997
- GILES, T. R. História da Educação. São Paulo: E. P. U. 1987.
- GOLDMANN, L. Dialética e Cultura. vol. 6. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOLDMANN, L. Ciências Humanas e Filosofia: “O que é a Sociologia?” Disponível em: www.culturabrasil.orgzipgoldmann.pdf. Acesso em: 15/05/2015.
- LANNI, O. Dialética e Capitalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982
- LAUNY, M.. “Introdução”. In: ROUSSEAU, J.J. Emílio ou da Educação. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LUZURIAGA, L. História da Educação e da Pedagogia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- MANACORDA, M. A. História da Educação: da Antigüidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2001.
- MANNION, J. O Livro Completo da Filosofia: entenda os conceitos básicos dos grandes pensadores: de Sócrates a Sartre; tradução Fernanda Monteiro dos Santos. São Paulo: Madras, 2004.
- MARX, K. Marx e a Educação: da expansão liberal - democrática à crise regressivo-destrutiva do capital/ Justino de Souza Junior. Aparecida, São Paulo: Ideia & Letras, 2010.

MONROE, P. História da Educação; Nova tradução. 16ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

PACAGNELLA, C. E. Rousseau e a arte de cultivar jardins. In: MARQUES, J. O. de A. (org.) Verdades e Mentiras: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. (Coleção Filosofia; 15).

PILETTI, N. e C. História da Educação 12 ed. São Paulo: Ática. 1995.

PISSARRA, M. C. P. Rousseau: a política como exercício pedagógico. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção logos).

RODRIGUES, N. Elogio à Educação. São Paulo: Cortez, 1999.

ROSA, M. da G. A História da Educação Através dos Textos. São Paulo: Cultrix Ltda. 8ª ed. 1982.

ROUSSEAU, J.J. Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

ROUSSEAU, J.J. O Contrato Social. tradução Ciro Mioranza. 2 edição. São Paulo: Escala, 2008.

ROUSSEAU, J. J. Emílio ou Da Educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, J. J. Os devaneios do caminhante solitário: Jean Jacques Rousseau. Tradução Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre, L&PM, 2009.

NEGREIROS, M. V. de C. Durkheim, leitor de Rousseau: política e sociedade. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1983.

_____ Crise do Saber e os Clássicos da Educação. Internet. Disponível em: dez 2010. www.hottopos.com/rih6/dora2.htm.pdf. Acesso em 13 Dez. 2015.

SIMPSON, M. Compreender Rousseau. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

STRATHERN, P. Rousseau (1712-1777) em 90 minutos. Tradução, Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.